



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



---

Av. João Naves de Ávila, 2121 = Campus Santa Mônica =  
Sala 1G156 = CEP:38.408-100 = Uberlândia/MG-  
Fone: (34).3239.4163, 4223= [www.faced.ufu.br](http://www.faced.ufu.br) =  
[faced@ufu.br](mailto:faced@ufu.br)

**BENERVAL PINHEIRO SANTOS**

MEMORIAL ACADÊMICO

**Memórias de um menino de engenho e educador  
matemático popular**

Uberlândia-MG  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S237m Santos, Benerval Pinheiro  
2025 Memórias de um menino de engenho e educador matemático popular  
[recurso eletrônico] / Benerval Pinheiro Santos. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe D - Professor Titular) -  
Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5566>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - Formação. 2. Formação profissional. 3.  
Ensino superior. 4. Educação. I. Universidade Federal de Uberlândia.  
Faculdade de Educação. II. Título.

CDU: 378.124

---

Rejâne Maria da Silva  
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925

**BENERVAL PINHEIRO SANTOS**

**MEMORIAL ACADÊMICO**

**Memórias de um menino de engenho e educador matemático  
popular**

Documento apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU) como requisito parcial para promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme art. 3º da Portaria MEC nº 982, de 03/19/2013 e a Resolução UFU/CONDIR n. 3, de 03/2017 e Republicada conforme RESOLUÇÃO nº SEI 05/2018/CONDIR de 22/08/2018.

Uberlândia-MG  
2025

## COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Profa. Dra. Adriana Pastorello Buim Arena  
Membra titular presidenta - UFU

---

Prof. Dra. Gercina Santana Novais  
Membra titular externa – Uniube

---

Profa. Dra. Maria Cecília de Castello Branco Fantinato  
Membra titular externa - UFF

---

Profa. Dra. Mônica Maria Borges Mesquita  
Membra titular externa - Universiade NOVA de Lisboa

---

Profa. Dra. Cristiane Coppe de Oliveira  
Membra titular interna – UFU

---

Prof. Dr. Tiago Zanqueta de Souza  
Membro suplente externo - Universiade de Uberaba

---

Uberlândia, 01 de agosto de 2025

## Agradecimentos

Não poderia iniciar este projeto de escrita sem antes agradecer a todos e a todas que de algum modo contribuíram para que essa história se tornasse possível. Naturalmente, já admito que muitas pessoas não serão mencionadas aqui, pois é impossível nomear todos e todas que de algum modo tiveram seus caminhos tangenciados pelo meu percurso. Mas reconheço que sou resultado daquilo que cada um e cada uma me cedeu, doou e emprestou em termos de recursos, apoios, suportes, sugestões *etc.* no processo de construção dessa jornada. A algumas pessoas, em especial, devo uma gratidão eterna:

O primeiro nome que me vem à mente é de Raimunda Pinheiro Santos, a Dona Rai, minha querida mãe. Sem ela, nada disso seria possível. E não me refiro apenas ao fato de ter me gerado, mas à sua força, fibra, perseverança e capacidade de enfrentar as adversidades da vida, que não foram poucas, o que me possibilitou alcançar os objetivos que me propus. Desde sempre, mesmo com pouco estudo, vivendo à margem de uma sociedade capitalista e excludente por natureza e com uma exígua acuidade visual, ela nunca se deixou abater e acreditou que seus filhos pudessem trilhar caminhos diferentes daqueles que a *indústria* da seca, da fome e da pobreza lhes apresentava como única possibilidade de *existir*. Tenho muito orgulho e gratidão por tudo o que ela fez por mim e por meus irmãos.

Minha amada companheira, esposa e amiga Clarice Carolina Ortiz de Camargo - a minha Boniteza, Carol - agradeço-a imensamente pelo seu apoio, companheirismo, amorosidade e escuta ativa, que sempre foram os pilares que me deram e dão sustentação e que, ao mesmo tempo, são as asas que me permitiram e permitem empreender meus voos. Agradeço por sua paciência e tolerância diante das minhas dificuldades e por atuar constantemente para que eu me torne uma pessoa melhor. A sua presença sempre foi o meu porto seguro, principalmente nos momentos em que eu estava perdido em um oceano de incertezas. Você é para mim um farol que me indica a direção segura para caminhos lindos e de grandes realizações. Juntos, pleno e plena, sempre fomos potência. Espero que o destino nos permita envelhecermos juntinhos. Te amo.

Minha filha querida, Beatriz Ortiz de Camargo Aleixo Lopes, a Bia, o que dizer de você? Não foram inventadas palavras que possam descrever o ser humano maravilhoso que você é e que se constrói a cada dia. Você é paz, serenidade, competência... A sua existência me faz

querer ser uma pessoa melhor. Simples assim. E a agradeço também por ter feito a revisão gramatical e técnica deste memorial.

Minha filhotinha querida, Anna Clara Ortiz Pinheiro, a Anninha, menina intensa, empoderada, brava ao extremo e amorosa ao extremo. Veio ao mundo para modificá-lo, não para se conformar com ele. Você representa para mim estabilidade e ao mesmo desestabilidade e inconformismo com as mazelas do mundo. Você é um tipo de pessoa que nos obriga sempre a repensar aquilo que nos acomoda... Tenho muito orgulho de você e de suas conquistas. Você e sua irmã são para mim a mais pura expressão do amor como o vejo e sinto. Amo vocês até o infinito, ida e volta.

Agradeço à professora Gercina Santana Novais, pela forma amorosa e inclusiva com que me acolheu na UFU e pelos caminhos que me ajudou a trilhar ao longo desses anos. O seu exemplo de retidão, ética e compromisso social sempre serviu de guia para as minhas ações, não apenas na universidade, mas em todas as instâncias em que atuei. Muito obrigado.

Ao professor Arquimedes Diógenes Cilone, minha gratidão pela coragem e ousadia de implementar, no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (ReUni) e diversas outras ações. Tal iniciativa permitiu mais do que triplicar o número de estudantes, além de aumentar substancialmente a infraestrutura e o quadro de docentes e de técnicos(as) administrativos(as) concursados(as). A sua atuação foi decisiva para o processo de democratização do ensino superior público em nosso país.

Ao amigo, o Camarada Dr. José Carlos Muniz, registro minha sincera gratidão pelo seu incansável compromisso ético e pela excelência de sua atuação profissional como advogado em prol das causas justas. Você se destaca pelo empenho no combate às desigualdades sociais, contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao amigo de uma vida, Cláudio Roberto Souza, pela escuta ativa, pelas críticas justas e pela sua seriedade e ética que têm me guiado e inspirado ao longo dos mais de quarenta anos de nossa amizade.

À amiga Andrea Harada, pela sua luta incansável em prol da Educação e pela construção de relações profissionais mais igualitárias e sem exploração.

Estendo meus agradecimentos a todos(as) os(as) colegas da Faculdade de Educação (FACED) e da UFU, pelas parcerias e lutas diárias em defesa da universidade pública como patrimônio do povo brasileiro.

Também há duas pessoas que me marcaram profundamente e que, embora não estejam mais fisicamente entre nós, seguem presentes em minha memória e trajetória. Em respeito e reconhecimento, registro aqui minha eterna gratidão:

- Ao professor Ubiratan D'Ambrosio (1932–2021). Mais que um educador, foi um verdadeiro criador de possibilidades e impulsionador de sonhos. Não conheci uma só pessoa na área da Educação Matemática no Brasil que não tenha sido, de algum modo, influenciada por ele. Ubi, como era carinhosamente chamado pelos(as) mais próximos(as), personificava a humildade, a afetividade e o respeito ao outro. O seu legado transcendeu fronteiras, sendo reconhecido mundialmente como um dos mais relevantes educadores matemáticos da história. Suas ideias e seu exemplo sempre orientaram minhas escolhas e moldaram minha atuação como educador matemático popular, comprometido com a justiça social;

- À professora Maria do Carmo Santos Domite (1948–2015), nossa “Carmo” ou “Florzinha”, como costumávamos chamá-la. Não encontro palavras que deem conta da imensa gratidão que tenho por ela. Foi ela quem me acolheu em um dos momentos mais incertos da minha caminhada, quando ainda buscava entender meu lugar na Educação. Além de ter me orientado no mestrado e no doutorado, foi exemplo vivo de ética, responsabilidade e compromisso com a transformação social. O que construí academicamente só foi possível porque minha vida foi, um dia, atravessada pela vida dela. Carmo foi daquelas pessoas que transformam o mundo ao transformar vidas. Minha dívida de gratidão é eterna. Saudades.

Ainda, gostaria de agradecer a todos e a todas que atuaram e ainda atuam no Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática (GEPEm). Não me atreverei a nomear cada um e cada uma, pois são dezenas de pessoas, mas não poderia deixar de mencionar algumas que me são muito caras em termos de presença, influência e amizade: Andreia Lunkes, Cristiane Coppe, Helenalda Resende, Maria Cécilia C. B. Fantinato, Mônica Mesquita, Vanísio, Régis, Meire, Sônia Coelho, Cláudia, Júlio e Esmeralda. Vocês ocupam um lugar especial em minha existência.

Agradeço profundamente a cada estudante com quem compartilhei as salas de aulas nesses 16 anos de docência na Faced/UFU. Como nos ensina Paulo Freire, educador é aquele que aprende e que, de repente, também ensina. Gratidão por cada encontro, cada escuta e cada troca. Vocês me ensinaram mais do que imagino ter ensinado.

Finalmente, não poderia deixar de agradecer ao presidente Lula. Sem a coragem e a perseverança dele na luta pela aprovação do programa de expansão e melhoria do ensino federal

que, antes de seus mandatos, era a expressão do elitismo brasileiro, certamente eu não estaria escrevendo este memorial. Lula, mesmo não sendo um revolucionário, mas um democrata, conseguiu revolucionar a vida de muitos(as) brasileiros(as), inclusive a minha. Lula, minha eterna gratidão.

Escrever este memorial me levou a revisitar as marcas deixadas por tantos rostos, nomes, histórias e sonhos compartilhados ao longo dessa trajetória. Ao olhar para trás, reconheço que minha caminhada na Educação foi construída coletivamente. Este não é apenas um relato profissional: é um reencontro com a minha própria história vivida, contada também pelas vozes que me atravessaram.

Minha eterna gratidão a todos e a todas.



## RESUMO

Este memorial acadêmico é exigido como requisito à promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular, na Carreira do Magistério Superior, conforme a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, que foi regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 09 de junho de 2017. Apresento nele não apenas recortes cronológicos inerentes à minha formação e atuação acadêmica, mas elementos que permitam, de algum modo, ao leitor ou à leitora, compreender os modos como me constituí - e constituo - enquanto educador matemático popular, bem como os recortes políticos e ideológicos que norteiam minhas práticas e ações. Ao longo do memorial, apresento diversos dados, fatos, imagens e comprovantes de atuações que dialogam entre si, encadeando-se cronologicamente ao longo do processo de construção de minha constituição profissional na Educação e como um militante das causas sociais.

**Palavras-chave:** Atuação Profissional; Atuação Política; Carreira do Magistério Superior; Faculdade de Educação; Universidade Federal de Uberlândia.

## ABSTRACT

This academic memorial is required as a prerequisite for the promotion from the Class of Associate Professor IV to the of Class Full Professor in the Higher Education Teaching Career, in accordance with MEC Ordinance no. 982, dated October 3, 2013, which was regulated by Resolution no. 3/2017 of the Board of Directors of the Federal University of Uberlândia, dated June 9, 2017. In it, I present not only chronological excerpts related to my education and academic work, but also elements that allow the reader to understand the ways I have constituted – and continue to constitute – myself as a popular mathematics educator, as well as the political and ideological contexts that guide my practices and actions. Throughout the memorial, I present various data, facts, images, and proofs of actions that dialogue with each other, being chronologically linked throughout the process of building my professional constitution in Education and as an activist for social causes.

**Keywords:** Professional Performance; Political Performance; Higher Education Career; Faculty of Education; Federal University of Uberlândia.

## Sumário

Introdução.....	13
Memórias de um menino de engenho .....	14
A primeira (e quase última) longa viagem de minha vida: São Paulo, aqui vamos nós.....	20
São Paulo: terra da garoa, da pobreza, da riqueza e de muita violência .....	25
Escola SENAI: uma migalha do sistema “S” para os pobres.....	30
O Ensino Médio: de volta à escola-prisão.....	34
Importância da participação política para a compreensão das desigualdades sociais.....	37
Atuações profissionais outras .....	39
Universidade: um universo distante .....	42
Início da atuação na Educação Matemática enquanto campo de atuação científica e profissional.....	47
Pós-graduação: uma necessidade formativa.....	62
A Educação Matemática – EM enquanto campo profissional e científico .....	68
Atuação em uma Universidade Federal: um sonho possível? .....	69
Atuação na FAGED/UFU .....	71
Projeto Rede de Educação Popular .....	72
Ações do Grupo de Matemática e Leitura (GML) .....	92
De um educador matemático para um educador matemático popular.....	96
Atuação no RENAFOR e no Curso de Especialização sobre História e Culturas Indígenas - Retorno à questão indígena .....	97
Atuação na docência: Um educador matemático popular na pedagogia .....	101
Um educador matemático, popular na Pós-Graduação .....	103
Atuação na ADUFU-SS – Associação dos e das Docentes da UFU, Seção sindical .....	105
Pesquisas e Extensão.....	109
Publicações.....	111
Atuações diversas no âmbito da FAGED e da UFU .....	111
O lado certo da história .....	112
Considerações Finais.....	116
Referências Bibliográficas .....	119
ANEXO 1 – EMENTA: GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES.....	122
ANEXO 2 – Plano de Trabalho: PROJETO “Rede de Educação Popular” .....	123
ANEXO 3: Despacho Reitor. Autorização de viagem para a Espanha.....	128
ANEXO 4: Convênio de Acordo de Cooperação entre a Universidade de Girona e a Universidade Federal de Uberlândia.....	129
ANEXO 5 – Programação do COPECPOP – Colóquio de Pesquisa em Educação e Culturas Populares – de 8 a 9/12/2012.....	132
ANEXO 6. Panfleto de divulgação, Capa e contracapa do Caderno de Resumos do 2º Encontro Nacional de Pesquisadores(as), em Educação e Culturas Populares – 2º ENPECPOP. ....	133
ANEXO 7 – Certificado de atuação como formador no RENAFOR. ....	136
ANEXO 8 – Folha de rosto do Plano de Trabalho do Curso de Especialização Em Culturas e História dos Povos Indígenas.....	137

<b>ANEXO 9 – Formulário solicitação de visita a aldeia Namunkurá – MT.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO 10 – Rol das disciplinas que já ministrei no âmbito da UFU. ....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO 11 – Portaria de Pessoal UFU no. 128 de 25 de março de 2022, minha designação como diretor substituto da FAGED/UFU.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO 12 – Currículo Lattes .....</b>	<b>142</b>
<b>POSFÁCIO – Contribuições da banca. ....</b>	<b>170</b>
<b>Contribuições: Profa. Dra. Gercina Santana Novais .....</b>	<b>170</b>
<b>Contribuições: Profa. Dra. Mônica Mesquita .....</b>	<b>176</b>

## Introdução

Ao iniciar a escrita deste memorial, senti necessidade de revisitar lembranças de um passado muito distante. Contrariando o que geralmente se espera de um documento como esse a partir de uma perspectiva mais objetivista, segundo a qual um memorial deve se ater apenas às produções e às ações que realmente importam academicamente, entendo que, para que um(a) eventual leitor(a) compreenda minhas escolhas, ações e caminhos, é imprescindível apresentar também os elementos subjetivos e contextuais que contribuíram para a formação daquilo que posso chamar de minha identidade sócio-histórico-político-emocional-profissional.

Mais do que uma exigência acadêmica vinculada à progressão na carreira, este memorial é para mim uma oportunidade de reconstruir, em palavras, a complexa composição de uma vida dedicada à educação, atravessada por rupturas e continuidades, por contradições e resistências, por marcas e encontros que me transformaram profundamente, a despeito dos embates, contradições e desigualdades que nos cindem não em uma, mas em várias sociedades antagônicas. Assim, retorno a um passado que me constitui, para também ressignificá-lo à luz do sujeito que me tornei (e sigo me tornando), buscando evidenciar os acontecimentos, valores e afetos que dialeticamente moldaram minha visão de mundo e meu percurso profissional e intelectual.

Tenho o que costumam chamar de “memória antiga” muito presente. Lembro de fatos e acontecimentos que remontam à minha primeira infância — lembranças que, por vezes, meus próprios parentes não acreditam, alegando que as invento, embora, para mim, sejam absolutamente factuais. Em todo caso, cabe registrar o alerta de Morin (2001, p. 22), para o qual “existem, às vezes, falsas lembranças que julgamos ter vivido, assim como recordações recalçadas a tal ponto que acreditamos jamais as ter vivido. Assim a memória, fonte insubstituível de verdade, pode ela própria estar sujeita aos erros e às ilusões”.

Ou seja, talvez meus parentes tenham recalçado certas memórias a tal ponto que passaram a crer que elas nunca existiram. E, por outro lado, é certo que nosso cérebro, com suas vontades próprias, às vezes nos prega peças. Ainda assim, não me resta outra escolha senão confiar nas minhas lembranças — e me ater, tanto quanto possível, àquilo que pode ser comprovado por fatos ou testemunhos de quem também os vivenciou.

Ainda, quando observo o local onde nasci, as condições sociais que me circunscreviam, as carências e distanciamento das políticas públicas, ausência de acesso aos bens culturais materiais e imateriais, posso iniciar afirmando, sem exagero, que o fato de estar escrevendo este memorial já é, em si, a constatação, sob vários aspectos, de uma história improvável.

## Memórias de um menino de engenho

Oh, boi!  
Vocês que fazem parte dessa massa  
Que passa nos projetos do futuro  
É duro tanto ter que caminhar  
E dar muito mais do que receber  
E ter que demonstrar sua coragem  
À margem do que possa parecer  
E ver que toda essa engrenagem  
Já sente a ferrugem lhe comer

Eh, oh, oh, vida de gado  
Povo marcado, eh!  
Povo feliz!

Eh, oh, oh, vida de gado  
Povo marcado, eh!  
Povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável  
A vigilância cuida do normal  
Os automóveis ouvem a notícia  
Os homens a publicam no jornal  
E correm através da madrugada  
A única velhice que chegou  
Demoram-se na beira da estrada  
E passam a contar o que sobrou!  
É o Brasil!

[refrão]

Oh, boi  
O povo foge da ignorância  
Apesar de viver tão perto dela  
E sonham com melhores tempos idos  
Contemplam essa vida numa cela

Esperam nova possibilidade  
De verem esse mundo se acabar  
A arca de Noé, o dirigível  
Não voam, nem se pode flutuar  
Não voam, nem se pode flutuar  
Não voam, nem se pode flutuar

[refrão]

Eh, oh, oh, vida de gado  
Povo marcado, eh!  
Povo feliz!

Feliz, feliz, feliz  
Oh, boi, oh, boi, eh, boi

Música: Admirável gado novo

(RAMALHO, 2003)

Nasci em 1968, ano em que os militares decretaram o AI-5 (Ato Institucional nº 5), numa região inóspita de aparatos culturais, onde só chegavam a política (eleitoreira) e a religião

(católica). A eletricidade chegou por lá apenas em 2010, com o programa Luz para Todos dos governos Lula e Dilma. Saneamento básico, banheiros e água tratada eram, e em grande medida ainda são, inexistentes. As únicas notícias vindas *de fora* chegavam às poucas pessoas que tinham condições de comprar um rádio à pilha e ouviam uma única estação: a Rádio Nacional.

Localizada na parte sul do estado do Piauí, minha cidade natal, chamada de Palmeira do Piauí, e seus arredores, foram para mim, até meus 9 anos de idade, o único mundo existente e possível. Eu não fazia ideia da existência de mares, rios caudalosos, países, diferentes línguas, nada, absolutamente nada. Meu mundo era aquele – vasto e pequeno ao mesmo tempo - rodeado por uma natureza exuberante, com águas cristalinas e abundantes, brejos com seus buritizais, cajueiros de todos os tipos, serras que me encantavam e ainda hoje me encantam e roças onde meus pais plantavam e colhiam nossos alimentos.

Figura 1 - Serras de Palmeira do Piauí, no Piauí.



Fonte: Arquivo familiar.

Figura 2 – Riachos, buritizais e cajueiros, em Palmeira do Piauí, no Piauí



Fonte: Arquivo familiar.

Os cheiros, sabores e sons de cada estação do ano ainda hoje me são bastante presentes na memória. Com pouco esforço, recordo-me de cada uma delas: da colheita da cana-de-açúcar, com os engenhos movidos à tração animal e os sons estridentes das engrenagens de madeira soando alto; do cheiro do bagaço da cana inebriando o entorno; do melaço da cana que, antes de se tornar rapadura, o torcíamos e retorcíamos ainda quente até se tornar um tipo de rapadura branca e deliciosa - o alfenim, como o chamávamos; e do caldo de cana, ou garapa, que bebíamos à vontade, até enjoar. Recordo-me da época dos cajus, que naquela região crescem em abundância e naturalmente por todos os lados; da temporada do buriti - até hoje uma das principais fonte de renda das pessoas daquela região - que, de tanto comermos, nossas mãos e

bocas ficavam por meses manchadas de um amarelo meio alaranjado; e de tantas frutas, como pequis, abacates, laranjas, mexericas e diversas outras cujos nomes minha memória não reteve. Tudo isso compunha um cenário quase idílico, mas que de fato foi vivido por mim durante a minha primeira infância.

Foi ali, nesse lugar cheio de belezas naturais, que aprendi a olhar para o mundo com encanto. Mas, apesar desse cenário quase idílico vivido na minha primeira infância, havia um contraste gritante: a miséria, a pobreza e a violência também faziam parte do cotidiano e caminhavam de mãos dadas com tudo aquilo que havia de bonito.

Sou o terceiro filho, de um total de cinco, de lavradores — Seu Rafael e Dona Raimunda —, pessoas moldadas pelas agruras de uma vida marcada pela luta constante pela sobrevivência. Não tiveram acesso à educação formal e só se alfabetizaram graças a ações isoladas de sujeitos que percorriam os vilarejos ensinando o básico para os filhos e as filhas da terra. Mas esse ensino só era acessível a quem pudesse pagar algo, mesmo que pouco, por isso.

Naquele verdadeiro deserto de políticas públicas e da presença do Estado, a religião católica assumia um papel central, quase como a extensão de um Estado paralelo. Ir à missa, rezar, agradecer a Deus por tudo era parte da rotina. Frases como “Graças a Deus”, “Deus nos livre e guarde”, “Deus te cuide”, “Vai com Deus” e “Fique com Deus” ecoavam dezenas de vezes ao dia. E eu, uma criança inquieta e curiosa, com o pensamento acelerado e sede de entender o mundo, não compreendia aquela presença tão absoluta e ao mesmo tempo tão ausente.

Lembro-me de ter confrontado minha mãe, ainda muito pequeno, com uma pergunta que me angustiava: “Por que somos pobres? Por que não somos ricos como outros?”. Eu já compreendia, aos quatro ou cinco anos, que havia pobreza e riqueza. O que me chocou, no entanto, não foi constatar isso, mas a resposta dela: “É porque Deus quer”.

Pronto. Naquele instante, sem saber, minha mãe havia iniciado meu percurso rumo ao ateísmo. Cresci tomado por uma raiva surda de um Deus que, supostamente, nos condenava a uma existência de escassez, esforço exaustivo e sofrimento, enquanto outros desfrutavam de abundância. Que divindade era essa que destinava crianças ao trabalho árduo sob o sol e concedia opulência a poucos?

Essa resposta marcou não apenas minha infância, mas moldou minha visão de mundo para sempre. A partir de então, a necessidade de compreender a riqueza e a pobreza me ocupou durante alguns anos. “Certo! Deus ‘quer assim’, mas por que as pessoas não mudam isso? Por que não dizem ‘basta!’?”. Esses eram alguns questionamentos que habitavam a minha mente infantil em construção.



Observava, dia a dia, meus pais trabalharem duro, lavrando a terra ou vendendo sua força de trabalho por muito pouco, sem vislumbrar melhora em nossa condição de vida. Ao contrário, tudo parecia piorar. Meu pai, tomado por sua própria frustração diante da miséria, por vezes descontava a raiva dele sobre nós, seus filhos. Qualquer som mais alto produzido por mim e meus irmãos na hora errada, ou uma resposta com um tom de voz meio alterado, uma recusa qualquer, ou até mesmo uma pequena demora na execução de uma tarefa eram motivos para ele nos bater. E batia muito.

Aos cinco anos, meu pai tentou me ensinar o alfabeto, com um método bastante peculiar: a cada letra que eu não decorava, uma surra. Após alguns dias de fracasso e espancamentos, ele transferiu a responsabilidade ao meu irmão mais velho. Foi então que experimentei também a violência psicológica: se eu não aprendesse, meu irmão também apanharia. E apanhamos bastante. Esse ciclo durou até que meu pai decretou: “Não tem jeito. Esse menino é burro, não vai aprender a ler nunca!”.

Somente aos dez anos fui, de fato, alfabetizado. Anos depois, compreenderia que minha dificuldade em aprender a ler não tinha relação com capacidade intelectual, mas sim com o modo como eu aprendia. E, naturalmente, o ambiente de medo e de punição exercido por meu pai durante o momento de aprendizado, anos antes, não ajudaram nesse processo.

A violência foi minha companheira durante longos anos, a ponto de me acostumar com ela. Ela se manifestava nos momentos mais inesperados. E era exercida por todos os adultos à minha volta.

O povoado onde nasci era composto, em sua maioria, por pessoas que tinham algum grau de parentesco entre si. E entre eles havia um pacto tácito: todos educavam os filhos de todos. Só que “educar”, ali, era sinônimo de bater, punir, reprimir. Para mim, durante anos, o verbo educar foi sinônimo de punir.

A título de exemplo, lembro-me que, certa vez, estava brincando com uma prima da mesma idade em uma roça de fumo, na propriedade do pai dela. Havia às margens da plantação algumas mudinhas que não estavam se desenvolvendo como as demais. Tive então a ideia de transplantá-las para o canteiro de hortaliças da minha tia. Ao ver a cena, meu tio tirou o seu cinto de couro cru e, sem hesitar, bateu na minha prima. Tentei fugir para minha casa, que ficava a uns 50 metros de distância. Mas ele me alcançou, já agarrado às pernas da minha mãe. Ela, também sem hesitação, disse: “Pode bater, *cumpade*. Se está batendo é porque ele mereceu.”. Depois que ele se foi, ela me perguntou o que havia acontecido. Ao ouvir minha explicação, respondeu: “Mas isso não era motivo para ele te bater!”.

Desde cedo, a ideia de justiça e injustiça passaram a me ocupar, juntamente com a incoerência dos adultos. Como pode alguém autorizar uma surra e, logo depois, reconhecer que ela foi injusta? Eram essas e outras ausências de sentido que me faziam desconfiar das verdades ditas pelos adultos à minha volta.

De um modo geral, é comum as crianças quererem imitar os adultos de seu entorno. Esse processo é inerente à reprodução social, muito bem explicada pela obra de Karl Marx e de Friedrich Engels (Marx, 2005; Marx e Engels, 2003), relativa à manutenção das condições sociais que nos circundam. Entretanto, frente a tudo que eu observava e sentia ainda menino, eu sabia com algum grau de certeza que não queria me tornar um deles. Eu já intuía que era diferente dos meus irmãos e que algo em mim não se encaixava na lógica daquela estrutura e no modo como as pessoas à minha volta viam e *aceitavam* o mundo.

Então, comecei a intuir, ainda na infância, que deveria existir um mundo diferente daquele em que eu estava imerso. Digo “intuir” porque não havia qualquer condição concreta que me permitisse visualizar alternativas, nem modelos de vida que pudessem me inspirar. Essa intuição nascia de uma negação profunda das relações sociais que me cercavam. E ela foi, por muitos anos, minha única companheira.

Hoje compreendo com clareza que eu era uma criança com altas habilidades em meio a um cenário de pobreza, violência e total solidão no que se refere a estímulos intelectuais. Só na pré-adolescência consegui, ainda que minimamente, expressar um potencial que, por muito tempo, me assustava — e também às pessoas ao meu redor.

Meu cérebro era veloz, criativo, inquieto. Compreendia questões que pareciam complexas para quem me cercava. Mas, ao contrário do que diz o ditado que “em terra de cego, quem tem um olho só é rei”, em vez de destaque, o que recebi foi solidão, incompreensão e exclusão. Demorei anos para conseguir romper as barreiras que esse mundo me impunha, sendo que algumas delas ainda são muito difíceis de serem superadas para mim.

Lembro do silêncio, da indiferença, das broncas que se impunham quando eu fazia perguntas e questionamentos demais. Lembro do incômodo no olhar de quem ouvia minhas ideias e projetos. A diferença, ali, não era celebrada, mas silenciada. Cresci com a sensação de ser inadequado, inoportuno, até estranho demais para um mundo tão estreito. Mantive um sentimento de luto por uma infância que nunca pôde ser plenamente compreendida.

## A primeira (e quase última) longa viagem de minha vida: São Paulo, aqui vamos nós

Eu desço dessa solidão  
Espalho coisas  
Sobre um chão de giz  
Há meros devaneios tolos  
A me torturar  
Fotografias recortadas  
Em jornais de folhas  
Amiúde  
Eu vou te jogar  
Num pano de guardar confêtes  
Eu vou te jogar  
Num pano de guardar confêtes  
Disparo balas de canhão  
É inútil, pois existe um grão-vizir  
Há tantas violetas velhas  
Sem um colibri  
Queria usar, quem sabe  
Uma camisa de força  
Ou de Vênus  
Mas não vou gozar de nós  
Apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar  
Gastando assim o meu batom  
Agora pego um caminhão  
Na lona, vou a nocaute outra vez  
Pra sempre fui acorrentado  
No seu calcanhar  
Meus vinte anos de boy  
That's over, baby  
Freud explica  
Não vou me sujar  
Fumando apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar  
Gastando assim o meu batom  
Quanto ao pano dos confêtes  
Já passou meu carnaval  
E isso explica porque o sexo  
É assunto popular  
No mais, estou indo embora  
No mais, estou indo embora  
No mais, estou indo embora  
No mais  
Música: Chão de Giz  
(RAMALHO, 1979)

A pobreza, enfim, lançou seu ultimato sobre meus pais. Em uma decisão tomada a dois, sem a participação e o conhecimento dos seus filhos, eles resolveram que iriam tentar uma vida melhor na cidade de São Paulo. Em um primeiro momento, iriam sem os filhos. Para eles, ocultar seus planos talvez fosse uma forma de nos proteger da dor da separação. Ou, quem sabe, uma maneira de evitar confrontar, diante dos filhos, as próprias limitações diante da miséria.

Um dia antes da partida, da qual eu não sabia, fui visitar os meus tios Miguel e Maria Rita, acompanhado de minha mãe. E, de repente, ela já não estava mais lá. Havia partido. Sem aviso, sem despedida. Experimentei um profundo sentimento de abandono, sem que eu soubesse o que estava acontecendo.

Naquele momento, eu ainda não sabia que meus irmãos estavam passando pela mesma experiência. Buscava em minhas lembranças algum motivo para entender aquele abandono e não encontrava. Apenas semanas depois, meus tios me contaram a verdade, talvez por pena, como uma forma de conter meu choro que já durava dias e teimava em não querer me deixar. Mas não me contaram quanto tempo duraria aquela situação.

Assim, em 1975, fomos abruptamente separados. Eu, com sete anos, fiquei com meus tios Miguel e Maria Rita, que já tinham cinco filhos. Meus dois irmãos mais velhos, Isaías e Gilberto, ficaram juntos, com outro casal de tios, Osmarino e Delvaci, que também já tinham outro tanto de filhos. Meu irmão mais novo, Gilvan, o quarto na ordem de nascimento, foi deixado com uma tia, a Hilda, que faleceu logo em seguida, ficando então com a Maria Júlia, filha dela. E meu irmão caçula, Onaldo, com apenas pouco mais de um ano de idade, ficou com outra tia, irmã de meu pai, a Leni. Não consigo imaginar o sofrimento de meu irmão caçula ao se perceber longe do seio materno, que o alimentava ainda.

Apesar de morarmos em um raio de menos de 10 quilômetros uns dos outros, a locomoção era difícil e não nos víamos com frequência. Na verdade, parecia até que havia uma intenção de nos manter afastados. Os laços afetivos entre nós, irmãos, foram profundamente abalados. Era uma dor silenciosa que nos moldava dia após dia e que cobrou um preço alto na construção da nossa identidade familiar. Crescemos de forma isolada, sem muito laços de amizade, com poucos amigos em comum, como peças soltas de um quebra-cabeça que nunca mais se encaixou perfeitamente. Seguimos, cada um ao seu modo, construindo suas identidades.

Posso afirmar que fui muito bem cuidado pelos meus tios durante o ano em que morei com eles. Até hoje os considero como meus pais e eles me consideram como filho. Mas, a incompreensão do abandono me consumia e a fama de que “eu não aprenderia a ler” já me precedia. Talvez por isso, minha tia, que havia alfabetizado seus filhos, jamais tentou me alfabetizar.

Seis meses após a partida dos meus pais, chegou uma carta vinda de São Paulo, escrita por minha mãe e endereçada a mim e aos meus irmãos. Junto da carta, ela enviava um rádio grande e pastas e escovas de dentes, objetos até então desconhecidos para a maioria das pessoas dali. No rádio, havia placas cunhadas que traziam os nossos nomes completos. Foi a primeira vez que vi meu nome e sobrenome escritos. Descobri ali que, após meu primeiro nome, havia “Pinheiro Santos”. Aquilo me marcou.

Na carta, minha mãe explicava que o rádio deveria ficar um mês com cada filho. Mas, como a casa onde eu morava era a primeira no trajeto dos presentes, meu tio se encarregou de levá-los à casa seguinte, onde estavam meus irmãos mais velhos. Lá, o rádio, as escovas e as pastas de dentes foram indevidamente apropriados por outro tio, irmão mais novo de meu pai. Sim, fomos roubados. E nenhum adulto interveio por nós.

Lembro-me de uma visita à casa da minha avó paterna, quando a questioneei sobre o ocorrido. Ela respondeu apenas: “Vocês não precisam escovar os dentes. E, quando seus pais retornarem, o rádio será devolvido”. Aquela foi a primeira vez que mencionaram a palavra retorno. Compreendi, então, que aquela situação não seria eterna. Isso trouxe algum conforto, mas também me impunha uma espera marcada por incerteza e angústia. Ninguém sabia quanto tempo ainda aquela situação duraria. Era uma promessa sem prazo.

A marca do abandono é indelével. Pode-se até compreender, mas dificilmente se modifica. A imagem e sentimento de “abandono” era o que eu, criança, sentia e vivia cotidianamente. Alguns parentes mais perversos, por algum motivo que desconhecia, buscando agredir a mim e a meus irmãos, reforçavam em nós a ideia de que fomos abandonados. Entretanto, essa não era a intenção de meus pais, particularmente de minha mãe.

Em 1976, vencida pela saudade dos filhos, minha mãe retornou. Reuniu-nos todos e passamos a viver em uma casa que pertencia à minha avó materna. Pela primeira vez em muito tempo, voltei a sorrir.

Mas, os efeitos do afastamento estavam marcados em nossas relações afetivas. Sentia que entre nós, irmãos, faltavam laços de amizade, companheirismo e intimidade. Era como se fôssemos estranhos que dividiam uma história comum. E, de certa forma, essa sensação ainda perdura até hoje, mesmo que de forma mais amena.

Como a casa onde passamos a viver ficava mais próxima do que se poderia chamar de centro da cidade, fomos matriculados, em 1977, na Escola Municipal de Palmeira do Piauí. Todos os dias caminhávamos cerca de quatro quilômetros para chegar até lá. Esse período, no entanto, nada representou de positivo para mim. As lembranças são tão profundamente recalcadas em meu subconsciente que mal consigo recordar um único dia, uma aula, um

aprendizado sequer. Nada, absolutamente nada de significativo ficou daquele tempo de escola. Apenas a violência psicológica, que ali se tornava ainda mais evidente na forma de exposição, menosprezo, descaso e abandono.

O retorno de minha mãe não representou modificação em termos da situação de pobreza em que vivíamos antes de sua partida. Ao contrário, a pobreza era mais intensa. Minha mãe se desdobrava para trabalhar em roças e casas de farinha, quebrando coco-babaçu para produzir azeite... E por vezes ficávamos dias sozinhos em casa, enquanto ela trabalhava em alguma roça distante. Meu pai, nesse período, pouco ou nenhum dinheiro nos mandava.

Foi então que minha mãe tomou a difícil decisão de levar todos os filhos pra São Paulo. Fiquei muito animado com a ideia de conhecer um mundo diferente, que deveria ser muito melhor daquele que eu conhecia. Eu, já com nove anos, ainda analfabeto, sonhava com um mundo novo.

Minha mãe vendeu as poucas coisas que tinha, inclusive o rádio que havia nos enviado no ano anterior e que havia sido usado indevidamente pelo meu tio durante um ano. Com dinheiro suficiente apenas para quatro passagens, embarcamos todos, apertados, em um ônibus rumo a São Paulo, que para mim soava como a ida ao paraíso.

Lembro da paisagem que me era familiar se afastando. Com o olhar vidrado na janela do ônibus, eu buscava reter na memória as construções, árvores, rios, pessoas e animais, como se estivesse me despedindo de tudo aquilo que conhecia.

Após algumas horas de viagem, meu calvário teve início. A empolgação inicial foi convertida rapidamente em arrependimento. O fato de nunca ter viajado e de repente estar em um ônibus fez meu corpo reagir. As náuseas, enjoos, vômitos e a completa ausência de fome causada pelo cheiro do óleo diesel aos poucos foram drenando minhas energias. Mesmo minha mãe sendo uma excelente cozinheira e tendo levado muita comida - que acabaram sendo, em sua maioria, doadas aos outros(as) passageiros(as), para que não estragassem -, eu não sentia fome e passei uns dois dias sem conseguir comer nada. Mesmo com algum sofrimento relativo à viagem, meus irmãos lidaram bem melhor com a situação e se alimentavam normalmente.

Após o primeiro dia de viagem, eu já estava irreconhecível. Sem comer e sem beber nada, meu corpo, que já havia sido moldado pelas agruras da pobreza, não tinha mais de onde tirar energias. E, já no terceiro dia, eu não tinha mais energia nem para caminhar. A morte me parecia ser iminente. Minha mãe, que já estava mais que preocupada com meu estado, trouxe um litro de leite de saquinho, talvez por ser a única coisa que ela conseguiu comprar naquela situação de total ausência de recurso financeiros e sem saber o que fazer para melhorar minha

situação. De imediato, meu organismo reagiu e me ordenou que tomasse quase todo o litro de leite.

Não sei dizer se todas as pessoas dialogam com seus corpos, mas eu sempre dialoguei com o meu. Ele me diz o que necessito comer e o que devo evitar. O fato é que aquele leite de saquinho do tipo “C” salvou minha vida. Devolveu-me a energia necessária para suportar mais dois dias de viagem e, finalmente, chegar vivo em São Paulo, embora em pele e osso, de tão magro.

Então, cheguei exaurido, mas vivo, naquela cidade. E isso, por si só, era uma grande vitória. A viagem significou uma travessia simbólica, não só geográfica. Eu deixava para trás o sertão das ausências, mas ainda sem saber que adentrava em outro deserto, marcado pelo concreto, barulho, poluição, solidão urbana e muito frio, uma novidade para meu corpo.

José Lins do Rego, com sua obra “Menino de Engenho” (Rego, 1980), apenas tangenciou o que significava, e para milhões de pessoas ainda significa, viver à margem da sociedade, em lugares onde o poder público não se empenha em chegar. Lugares onde sobreviver é um ato político. Viver minha primeira infância no interior do Piauí, mais que desenvolver a minha resiliência a níveis máximos, moldou minha personalidade de forma profunda e duradoura.

Foi ali que se formaram minhas primeiras compreensões da pobreza não como destino, mas como construção; da violência como instrumento de manutenção das desigualdades e do *apartheid* social brasileiro; e da luta como única via possível para um mundo mais justo. Essa consciência nasceu nas agruras das ausências, mas também no reconhecimento das belezas naturais e culturais do meu estado natal e do meu país.

Ao longo dos anos, experimentei diversos outros desafios, ao mesmo tempo em que construía a duras penas uma trajetória marcada pela busca de sentido e de justiça. Daquele menino que não sabia ler aos dez anos de idade, que atravessou o país em um ônibus, com expectativas, saudades e medos, resta hoje mais que a memória, mas a força que dele herdei. Esse exercício de olhar para trás é também uma forma de reencontrar aquele menino de engenho e dizer bem alto a ele: “Você mais que sobreviveu, você conseguiu atingir bem mais do que os objetivos que se impôs quando criança, em uma idade em que não deveria se preocupar com injustiças, miséria, fome e violência, mas só brincar e ser criança”.

## São Paulo: terra da garoa, da pobreza, da riqueza e de muita violência

Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana  
Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres  
Cantam música urbana  
Motocicletas querendo atenção às três da manhã  
É só música urbana

Os pms armados e as tropas de choque vomitam música urbana  
E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana  
Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana

O vento forte, seco e sujo em cantos de concreto  
Parece música urbana  
E a matilha de crianças sujas no meio da rua  
Música urbana  
E nos pontos de ônibus estão todos ali: Música urbana

Os uniformes  
Os cartazes  
Os cinemas  
E os lares  
Nas favelas  
Coberturas  
Quase todos os lugares

E mais uma criança nasceu  
Não há mais mentiras nem verdades aqui  
Só há música urbana

Música: Música Urbana 2  
(LEGIÃO URBANA, 1985)

Depois de cinco dias e cerca de dois mil quilômetros percorridos, finalmente chegamos na capital do Estado de São Paulo. Desembarcamos na rodoviária de São Paulo na tarde do dia 13 de outubro de 1977. Acreditávamos que meu pai estaria lá para nos receber, mas esta já foi a minha primeira decepção ao chegar na cidade.

Com nossas tralhas, minha mãe, que havia sofrido mais que nós durante a viagem, ainda encontrou energias para procurar uma linha de ônibus que nos levaria até o nosso destino, o bairro São Mateus, na extrema zona leste de São Paulo, onde viveríamos por cerca de duas décadas.

Durante toda o trajeto, fui cristalizando uma imagem idealizada de que encontraria uma casa grande, com quintal, luz elétrica, água encanada e, talvez, até um fogão a gás, que para mim significava algo mágico, pois nunca havia visto um. Ao chegar na tal casa, a minha decepção não poderia ser maior.



Nós chegamos naquilo que deveríamos chamar de lar no dia 13 de outubro de 1977, no exato momento em que o time Corinthians acabara de se consagrar campeão pelo Campeonato Paulista, quando derrotou a Ponte Preta por 1 a 0. Esta vitória representou o fim do que chamavam de “sofrimento corinthiano”, que durava já 23 anos, desde 1954. A cidade estava em festa. O bairro estava em festa. Havia fogos de artifício e pessoas gritando “timão!” e “campeão!” por todos os lados.

Eu, no entanto, não sabia o que significava o futebol na cultura brasileira e tão pouco conhecia o fanatismo das torcidas. Toda aquela composição de sons, vozes, brilhos e barulhos compôs, para mim, um cenário de terror. Decidi, ali mesmo, que jamais seria o que chamavam de “*corinthiano*”.

A segunda decepção veio com o *lar* que nos aguardava. A casa que eu idealizara, tratava-se, na realidade, de um barraco de madeira com apenas dois cômodos, coberto com telhas de amianto, do tipo *Eternit*, situado nos fundos de uma casa maior e de um bar. Ao lado ao nosso barraco, formando um grande “U”, havia cerca de outras quatro ou cinco *casas*, grudadas entre si, habitadas por várias famílias. Todas compartilhavam um único banheiro de madeira, que ficava do lado de fora. Naquela noite, a nossa refeição foi uma panela de arroz puro, doado pela Dona Divina, proprietária de tudo aquilo.

A terceira decepção se deu porque meu pai não estava em casa para nos recepcionar. Chegou apenas por volta das 22 horas, meio embriagado. A decepção com meu pai, que já era grande em decorrência do abandono, das violências e de ausência de cuidados e de amparo financeiro, se tornou quase insuportável. A imagem que eu tinha dele era a de um homem forte, que literalmente derrubava árvores com seu machado e construía mesas e cadeiras com as tábuas que extraía delas. Que amansava burros e cavalos por meio da força bruta e da persistência.

Mas, ao vê-lo dois anos depois de nos deixar, me permitiu perceber, pela primeira vez, a sua fragilidade humana. Eu já era, internamente, muito diferente da criança que ele deixara no Piauí anos antes. Qualquer admiração que ainda pudesse nutrir por ele morreu naquela noite. Minha mãe, refletindo mais tarde sobre aquele momento, me disse: “O mundo caiu sobre minha cabeça naquela noite”. E eu respondi: “Na minha também”.

Eu senti como se meu sonho da viagem houvesse desmoronado ali, naquele instante, frente à precariedade daquilo que eu me esforçava para compreender como um lar. As minhas promessas internas, construídas imageticamente, de um novo recomeço, se transfiguravam na mais genuína decepção, com uma nova roupagem para a exclusão.

As fissuras ou fraturas nos processos de construção da identidade na infância por vezes não são visíveis ou expostas no exato momento em que ocorrem. A maioria delas se somam a tudo aquilo que nos molda e o tempo se encarrega de aprofundá-las em nossa existência, com graves consequências em nossa constituição física, emocional e social.

A decepção com tudo o que encontrei, somada às agruras da viagem, desencadeou em mim um problema de saúde que me acompanharia por alguns longos anos: dores estomacais noturnas. A somatização sempre cobra seu preço, cabendo ao corpo revelar, mais cedo ou mais tarde, o que nossa consciência não deu conta de elaborar.

Uma das características mais notáveis do ser humano é a sua capacidade de adaptação. Não é à toa que nossa espécie dominou todo o planeta, aprendendo a sobreviver nos ambientes mais inóspitos e improváveis. Eu e meus irmãos aprendemos a sobreviver em São Paulo.

De imediato, compreendi algo que só mais adiante entenderia plenamente: o racismo e os preconceitos. Todos nos chamavam de “baianos”, “nortistas”, “cabeças chatas”, “barrigudos”..., e por aí seguia uma lista infindável de termos e atributos que visavam nos diminuir. Eu ainda tentava explicar que não tinha vindo do Norte e muito menos da Bahia - lugares e região, que até então, eu nem fazia ideia da existência e localização.

Como saímos da Escola Municipal de Palmeira do Piauí no mês de setembro de 1977, poucos dias antes da fatídica viagem pra São Paulo, não obtivemos aprovação na escola. Assim, eu e meus irmãos perdemos aquele ano letivo.

Minha mãe, com sua habitual capacidade de luta e perseverança, conseguiu matricular os seus quatro filhos mais velhos numa escola estadual (na E.E. Prof. Alfredo Aschar) e o mais novo numa creche vinculada a uma igreja católica local. Meu pai, por sua vez, defendia que deveríamos trabalhar ao invés de estudar.

Figura 3 - E.E.P.S.G.Prof. Alfredo Aschar,



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/154126288084612/>, acesso em 13/04/2025.

Assim, ingressei novamente na primeira série do Ensino Fundamental, em 1978, faltando alguns meses para completar 10 anos de idade - ainda analfabeto.

A violência, minha eterna companheira, mostrava também a sua capacidade de mutação e adaptabilidade. Agora eu tinha que tomar cuidado com as pessoas, com os carros, com os garotos briguentos, com bandidos e com a polícia. Dentro da escola, enfrentava a violência psíquica dos(as) professores(as) e da diretora, e a violência física entre os e as colegas. Procurar meios de me adaptar e não me deixar levar pela raiva que sentia de tudo aquilo era algo que exigia de mim grande esforço e consumiu muita energia.

Lembro-me da sirene da escola que soava alto, do barulho metálico dos portões, das filas organizadas por gênero e por alturas, dos olhos e posturas sempre atentas das gestoras, funcionários e funcionários, professores e professoras da escola, sempre a nos vigiar e punir.

Em poucas semanas, naturalmente aprendi a ler e a escrever. Passei a compreender claramente como meu cérebro funcionava. Eu necessitava entender “a lógica” das coisas. Quando uma professora me explicou que duas letras juntas formavam uma sílaba, e estas em conjunto formavam palavras, ... meu mundo se abriu e praticamente sozinho me alfabetizei. Compreendi que letras precisavam de companhia pra terem algum valor e significado. Não me foi difícil conectá-las e ressignificá-las.

Com os números, a minha facilidade foi ainda maior. Ao compreender que os sinais “1”, “2”, “3”, são obtidos apenas como a soma de sucessivos “1”, minha alegria foi imensa. Em

poucas semanas eu já dominava o sistema decimal e as operações básicas. Não encontrava dificuldade alguma com aquilo que viriam a chamar de matemática.

A cartilha utilizada na escola era a “Caminho suave”, recheada com suas peculiaridades, estereótipos de gênero, preconceitos, imagens de famílias tidas como tradicionais (brancas, com um pai trabalhador, mãe dona de casa, um filho e uma filha, geralmente loiros). Com forte influência do regime militar aquela cartilha transmitia valores morais, sociais e familiares em conformidade com as ideologias da ditadura. Eu não me reconhecia em absolutamente nada do que estava ali. Considerava tudo aquilo que ela trazia um amontoado de bobagens. Meu espanto era ainda maior quando percebia a dificuldade de meus e minhas colegas de sala em compreenderem aquilo que para mim era mais que óbvio. Cabe ressaltar que eu já estava com quase dez anos e a maioria ali tinha pouco mais de sete ou oito anos e alguns um pouco mais, inclusive um aluno da turma tinha dezesseis anos de idade. Eu era um peixe fora d’água. Nenhuma professora daquela escola adaptou algo diferente para mim. Eu aprendia em minutos, o que a maioria demorava semanas para compreender. Claramente aquela educação escolar era uma expressão do regime político-militar vigente. Como bem explica Anibal Ponce, esperar que a escola se descole das influências e interferências do Estado é o mesmo que esperar a mesma independência da polícia e das forças armadas (Ponce, 1996).

Era a primeira vez em que percebi que minha forma de aprender era diferente, não adaptada ao que a escola esperava, mas não inferior.

Apenas recentemente, conversando com minha mãe sobre aquele período, ela me contou que havia feito um acordo com a diretora da escola, no qual eu ficaria na primeira série até me alfabetizar e logo em seguida seria transferido para a 3ª série. Esse acordo nunca foi cumprido (por omissão ou por descaso?). O fato é que, durante as quatro primeiras séries, não encontrei qualquer desafio intelectual para mim. Tudo era banal, a tal ponto que, a 4ª série, perguntei para uma professora quando eu iria aprender matemática, pois todos me diziam que aquilo era difícil. A pergunta foi muito sincera e não pedante, pois entendia que ainda não havia aprendido matemática até então. A professora limitou-se a me responder: “Seu metido!”. Após refletir sobre o significado de sua resposta, compreendi que realmente eu tinha muita habilidade com o que chamavam de matemática. Um novo mundo se abriu naquele momento. Eu percebi com clareza o que era ser *bom* em alguma coisa.

Em termos das questões sociais, eu havia avançado em minhas reflexões. Aos 10 anos de idade, passei a compreender que existiam vários níveis e tipos de pobreza e que existiam pessoas muito mais pobres do que nós. Mas minha pouca idade não me permitia compreender

ainda os motivos daquilo. Do mesmo modo, compreendi que havia também vários níveis de riquezas. Mas que o tal Deus não tinha qualquer ingerência sobre isso.

Intuí que São Paulo havia me retirado algo, mas que não conseguia nomear o que era à época. Apenas alguns anos mais adiante, eu compreenderia que se tratava de nossa dignidade. No Piauí, éramos pobres, mas vivíamos em uma casa grande, éramos proprietários de nossa terra e casa e tínhamos nossas hortas, nossas árvores frutíferas, nossa roça, nosso riacho com água cristalina cortando nossa propriedade, tínhamos liberdade de ir e vir. Pescávamos, caçávamos, subíamos em árvores, explorávamos lugares distantes... Uma grande metrópole nos retira tudo isso. Deixamos de ser respeitados por sermos filhos do Sr. Rafael e da Dona Raimunda, netos da Sra. Francelina e da Dona Tereza. Deixamos de ter história e historicidade. Passamos a ser apenas pessoas entre tantas outras, sem posses, sem dinheiro e sem dignidade.

Em São Paulo, a luta pela nossa subsistência familiar continuava árdua. Meu pai, com suas fragilidades de caráter, trabalhava com carteira *assinada* e fazia uns “bicos” como fotógrafo. Minha mãe trabalhava com o que fosse possível, faxineira, vendedora... E sempre preocupada com os estudos dos filhos. Ela, mesmo com seus poucos conhecimentos, entendia claramente que a nossa saída daquela situação só seria possível por meio dos *estudos*. Aos poucos, fui compreendendo o seu modo de ver o mundo. E meu pai, sempre na contramão dessa ideia, defendia que o trabalho seria o que nos tiraria daquela situação.

Um ano após ingressar na escola, meu lindo sotaque piauiense desapareceu, morreu... Esforçava-me para falar como os paulistanos. Hoje compreendo que era uma forma de me fazer aceito, de passar despercebido, de sobreviver.

### **Escola SENAI: uma migalha do sistema “S” para os pobres<sup>1</sup>**

Minha mãe, não consigo imaginar alguém mais forte e perseverante, ouviu falar de uma escola chamada SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, que ensinava profissões aos alunos. Assim, no ano de 1982, conseguiu matricular meu irmão mais velho na Escola Senai “Orlando Laviero Ferraiuolo”, no bairro do Tatuapé, bem distante de onde morávamos.

---

<sup>1</sup> O sistema “S”, compreende as entidades Senai, Sesc, Sesi e Senac, voltadas para treinamento profissional, assistencial social e técnica, consultorias, dentre outras ações. Mantidas, em sua essência com recursos públicos.

Figura 4 - Escola SENAI "Orlando Laviero Ferraiuolo"



Fonte [www.wfsantos.com.br](http://www.wfsantos.com.br). Acesso em 13/04/2025.

Lá ele cursou o Ensino Fundamental (na época compreendia as séries do 5º ao 8º ano) em dois anos, numa espécie de supletivo profissionalizante e se habilitou em cinco profissões: pedreiro, carpinteiro, armador de ferro, eletricista e encanador, além de aprender a fazer e a ler desenhos arquitetônicos, num curso integral, de segunda a sexta-feira, das 7:00 às 17:00h. Ainda, minha mãe *descobriu* que seria possível conseguir uma bolsa de estudos para ele em alguma empresa e, após se formar, poderia ser contratado por esta empresa. Meu pai, por sua vez, considerava aquilo uma grande bobagem: “onde já se viu uma empresa pagar pra alguém estudar!? Isso não existe!”, dizia ele. O fato é que minha mãe, além de conseguir matricular meu irmão, ainda conseguiu uma bolsa em uma empresa estatal para ele: na Eletropaulo - Eletricidade de São Paulo SA. (que infelizmente foi privatizada alguns anos mais tarde, em 1998, pelo então Governador Mário Covas (PSDB)). A bolsa era de meio salário-mínimo durante os estudos, um salário-mínimo durante um ano depois de formado e, por fim, passaria para o mesmo valor que os outros funcionários da empresa ganhavam. O meu irmão foi contratado e depois disso nossa vida melhorou bastante, pois o salário pago pela estatal era muito maior que toda a nossa renda familiar.

Em 1984, já com 14 anos e ainda na 5ª série do Ensino Fundamental, eu também me matriculei na mesma escola SENAI em que meu irmão mais velho acabara de se formar. Consegui uma bolsa de uma empresa pequena, o que me fez compreender que não ganharia tão bem como meu irmão mais velho ganhava quando me formasse. Entretanto, o ingresso nesta escola mudaria minha vida.

Estudar na escola SENAI significou uma mudança de paradigma para mim. Não exatamente pelas habilidades profissionais que lá aprendi e desenvolvi, mas pelos exemplos e influências de alguns professores que lá conheci.

Todos os professores e professoras com os(as) quais estudei na escola SENAI desempenharam grande influência e um papel importante em minha formação, mas quatros deles merecem destaque pelos caminhos que apresentaram a mim.

O primeiro foi o professor de desenho de arquitetura, o prof. Cabanas. Mais do que nos ensinar a desenhar e ler projetos arquitetônicos, este professor era a personificação do que considero um exemplo de bom profissional. Apresentava-se sempre impecavelmente vestido, sempre de terno e gravata, com cabelos e barba sempre perfeitamente aparados. Dominava muito mais do que a arquitetura, mas também as artes, didática, etc. Com ele aprendi sobre o cubismo de Picasso, o impressionismo de Monet e de Renoir, o modernismo de Tarcila do Amaral, dentre diversos outros estilos e artistas. Fui apresentado a diversos estilos arquitetônicos, como a Bauhaus de Walter Gropius, Ludwig Mies van der Rohe, a vitoriana de Charles Barrym, Pugin, Cubit, dentre diversos outros estilos. Tudo aquilo me encantava e me moldava.

Um outro professor que desempenhou um grande papel em minha construção física foi o professor de educação física, o Sr. Luiz. Com seu jeitão característico, sempre pontual, sempre sério e cobrando o máximo que podíamos desenvolver em suas aulas, permitiu que meu corpo quase esquelético se desenvolvesse e crescesse. Em dois anos cresci 21 cm. Passando de meus míseros 1,50 m aos 14 anos, para 1,71 m aos 16 anos. Permitiu-me desenvolver o gosto pelas atividades físicas, hábito que carrego até hoje. Vale registrar que as aulas de educação física ocorriam intercalas com as aulas das outras áreas do conhecimento. No início achava muito estranho ter uma aula de 50 minutos de educação física entre aulas de português e de ciências, por exemplo. Em 50 minutos de aulas, tínhamos que descer pro vestiário, nos trocar, fazer as atividades físicas (que eram bastante pesadas e intensas), tomar banho e voltar para as outras aulas no prédio principal. Tudo era muito corrido e intenso, mas muito significativo.

O terceiro professor era o de matemática, o Sr. Ferreira, ou Pezão, como gostava de ser chamado. Com ele, entendi mais claramente que eu tinha uma grande habilidade e facilidade para aprender o que chamavam de matemática. Mais que isso, compreendi que era possível ensinar e aprender matemática com leveza, com alegria e respeito de uma forma viva, tendo a matemática como uma construção humana, desenvolvida pela humanidade como uma ferramenta para melhor compreender e agir sobre o mundo. Seus ensinamentos e exemplo

ajudaram a moldar positivamente o educador matemático que eu me tornaria uma década mais adiante.

Finalmente, a quarta professora, a Sra. Helenilda foi muito marcante em minha construção pessoal, na acepção mais profunda do termo. Sua influência sobre mim transcendeu qualquer propósito e objetivos pedagógicos que guiavam suas aulas. Nunca gostei da disciplina de português com suas regras ilógicas e dissonantes, mas para além disso, ela me apresentou um universo até então desconhecido por mim: a literatura. Vale enfatizar que já com 14 anos eu nunca havia lido um livro sequer. Os únicos livros com os quais eu havia tido algum contato, eram as cartilhas e poucos livros didáticos<sup>2</sup>.

A professora Helenilda, talvez percebendo a minha *não-experiência literária*, aos poucos foi me apresentando leituras mais simples da série “vaga-lume”, como o clássico *Éramos seis, o caso da borboleta atíria, o garoto dourado...* e dezenas de outros. Todos eles lidos durante as duas horas de almoço que tínhamos e principalmente dentro de ônibus coletivos nas idas e vindas no trajeto escola-casa. Quando percebeu que eu já estava devorando livros, ela me iniciou na leitura dos clássicos da literatura brasileira. Fui apresentado a Jorge Amado, Machado de Assis, José Lins do Rego e a diversos outros autores.

Mais importante que as leituras em si, a literatura brasileira me ajudou a compreender as mazelas sociais, os motivos e causas que geram a perpetuação da pobreza. Entendia claramente que a “culpa” não era de Deus, como acreditava minha mãe, mas de ações políticas. Comecei a entender tanto a pobreza quanto a miséria como resultados de um projeto político: eu era filho desse projeto.

As questões sociais passaram a me chamar a atenção. Sentia uma pulsão quase incontrolável para compreender os processos de geração e superação da pobreza.

Ainda na escola SENAI, por meio de um amigo, tive contato com um jogo de tabuleiro que me marcaria profundamente: o jogo de xadrez. Aquele conjunto de peças me encantou. Eu nunca havia visto ou ouvido falar desse jogo. Pedi a ele que me ensinasse. Para a sua surpresa, na segunda partida em que jogamos (ele ainda me ensinando) eu ganhei dele. Um mês depois, participamos de um campeonato na escola, no qual fiquei em segundo lugar. O xadrez me encantou. Meu cérebro finalmente encontrava um adversário desafiador: as possibilidades quase infinitas daquele jogo. A paixão por esse esporte me acompanha até hoje.

---

<sup>2</sup> Uma das formas mais perversas de perpetuação da pobreza e da exclusão social, compreendi mais tarde, se dá particularmente com os processos de exclusão aos bens culturais materiais e imateriais de uma sociedade. Não se luta pelo que não se conhece.



Nas disciplinas técnicas, aplicávamos na prática os conhecimentos teóricos aprendidos nas aulas das diversas áreas do conhecimento, além de aprendermos as cinco profissões que mencionei anteriormente. Compreender as mais variadas unidades e instrumentos de medidas, ferramentas, máquinas, termos e linguagens técnicas etc. permitiram-me ampliar meus horizontes e possibilidades no mundo do trabalho.

Retornei à escola SENAI uma década mais tarde, como bolsista de um projeto do IME/USP. Meu objetivo era conversar com os e as professores(as) acerca do curso no qual me formei lá. Com tristeza, descobri que ele não era mais ofertado. Ao questionar o professor que me atendeu na visita, o Prof. Romão, sobre os motivos de fechamento do curso, ele me disse: “Os culpados pelo fim do curso foram pessoas como você.... tínhamos por objetivo formar mão de obra para o mercado de trabalho da construção civil, mas a maioria dos alunos, como você, nunca atuou na área”. Como resposta eu lhe disse: “O curso não formava candidatos a peões, mas candidatos a intelectuais. Na verdade, os culpados foram vocês, docentes, e lhes sou grato por isso”.

### **O Ensino Médio: de volta à escola-prisão**

Em junho de 1984 eu finalizava o Ensino Fundamental na escola SENAI e necessitava continuar os estudos. Já compreendia claramente que aquele seria um caminho sem volta. Assim 1985, com o regime militar já ofegante, em meio à crescente onda social que lutava pelo “Diretas Já!”, eu me matriculei na mesma escola “Alfredo Aschar”, onde havia concluído o EF1, do primeiro ao quarto ano, para concluir o Ensino Médio.

Como no SENAI eu havia cursado 4 séries em dois anos, consegui com isso recuperar um pouco o atraso em meu processo de escolarização.

O Ensino Médio pouco ou nada me acrescentou em termos do desenvolvimento de potencialidades intelectuais. Aulas maçantes, repetitivas, com cópias e mais cópias de simulacros de conhecimentos, vários professores e professoras autoritários(as), referendados por uma diretora extremamente autoritária, compunham um quadro que me convidava para a rebeldia.

Durante todo o Ensino Médio, apenas dois docentes me marcaram de alguma forma. O professor Fred, de geografia; e a professora Marluce, de matemática. Não necessariamente pelos conteúdos de suas aulas, mas pelos seus exemplos e atuações políticos. Eram ambos filiados ao PCdoB - Partido Comunista do Brasil.

Os grêmios estudantis estavam deixando de ser ilegais e não demoramos a fundar o nosso. Com alguns amigos e amigas, fundamos o Grêmio estudantil “Legião Estudantil”. O nome era obviamente influenciado pela banda de Brasília, “Legião Urbana”, que despontava à época num cenário de revoltas políticas contra o militarismo, paralelamente à explosão do movimento do Rock Nacional, que marcaria e influenciaria várias gerações.

A diretora da escola em que estudávamos afirmou que só nos reconheceria enquanto uma entidade estudantil se registrássemos o nosso grêmio em cartório. Ou seja, se tivéssemos CNPJ. Claramente, aquela era uma manobra para nos impedir de organizarmos o grêmio, além de ser uma exigência ilegal, pois menores de idade não podem abrir empresas em nosso país. Em todo caso, como contávamos com vários(as) estudantes que já tinham mais de 18 anos, registramos o grêmio em cartório. Até onde soubemos, ele seria o único do Estado de São Paulo com CNPJ.

A década de 1980 foi marcada por diversos movimentos e lutas contra o militarismo. Não demoraria muito para me vincular a este movimento. Minha raiva e rebeldia contra tudo o que me oprimia até então encontrava parcerias e objetivos claros.

Por influência do professor Fred, junto com alguns amigos e amigas, montamos um grupo de estudos de assuntos políticos e filosóficos. “Materialismo Histórico e Dialético”, “Princípios Elementares de Filosofia” e “Princípios Fundamentais de Filosofia” foram alguns temas e livros que nos guiaram.

Não tardaria a ingressar no movimento estudantil. Os primeiros contatos com esse movimento se deram, num primeiro momento, com a minha aproximação à UJS – União da Juventude Socialista, uma espécie de braço jovem do PCdoB.

Por meio da atuação na UJS, pude aprofundar meus conhecimentos políticos que, grosso modo, até então eram inexistentes. Vale lembrar que o regime militar prendia, torturava e matava professores considerados subversivos. Isso, naturalmente, cobrou seu preço na formação política de mais de três gerações.

A participação em congressos, tanto da UJS quanto do movimento estudantil, me permitiu adentrar nas pautas e discussões políticas e principalmente no efervescente movimento histórico, que agregava todos os partidos políticos e grupos sociais que eram contrários ao militarismo e lutavam pela redemocratização do país. O grito “DIRETAS, JÁ!” ecoava alto.

A atuação política me apresentou um propósito, um objetivo claro que até então eu não tinha: lutar era preciso. E a atuação política era um caminho possível.

Minha aproximação com as pautas políticas me distanciava de meus familiares. A luta pela sobrevivência e o puro existir numa “classe em si” e não “para si”, como definiu Karl Marx

(2005), os impedia de compreender que a luta era muito maior que apenas aquelas inerentes às conquistas pessoais mais imediatas. Minha consciência de classe havia avançado e a de meus pais e irmãos, não. Eles tinham consciência de seus estados de pobreza, mas não avançaram em termos das condições sociais que a determinavam e muito menos acerca dos mecanismos para superá-la.

Apenas com Paulo Freire, anos mais adiante, é que compreendi que a pura tomada de consciência não evolui para uma consciência crítica sem uma prática pedagógica apropriada: a pedagogia libertadora. A inexperiência democrática só é possível ser superada por meio da experiência/participação democrática (Freire, 2001a).

Por meio da atuação no grêmio estudantil fundado por nós, empreendemos várias lutas dentro da escola. Contra o autoritarismo da diretora, contra a cobrança obrigatória da taxa da APM – Associação de Pais e Mestres, dentre outras. O fato é que estávamos aprendendo a lutar, lutando onde podíamos, dentro da escola. E, subversivamente, organizamos festas e shows de rock dentro da escola. Tudo isso era revolucionário e libertador para a época.

Paralelamente a isso, já nos envolvíamos em lutas por questões sociais inerentes a nosso bairro, contra ações de um prefeito autoritário. As ruas me chamavam. Eu estava me tornando/formando um militante.

A atuação política me permitiu entrar em contato com outros militantes com fundamentações teóricas mais sólidas, a conhecer outras realidades e também pessoas que haviam sofrido exílio, prisões e torturas impostas pelo regime militar.

Compreender o militarismo em todas as suas contradições se fazia necessário. O livro “Brasil: Nunca Mais”, do cardeal católico Dom Paulo Evaristo Arns (Arns, 1985), foi mais que uma leitura para mim. Foi uma espécie de bússola sob a qual era possível identificar claramente os inimigos do povo naquele momento: os militares. Assim como a necessidade de continuar lutando.

O movimento secundarista foi fundamental tanto para minha formação política quanto para os laços de amizade que construí. Muitas dessas amizades ainda conservo de uma forma muito especial, presente e marcante em minha vida.

A importância da atuação política durante a minha primeira juventude, dos 16 aos 21 anos, pode ser medida também pelo modo como a vida de meus amigos e amigas mais próximos(as) daquele período também foram modificadas por ela. Vários(as) deles(as) seguiram vidas acadêmicas, o que ressalta a importância das instâncias de formação político-social como mote para a busca/construção de processos que possibilitem a superação do que Freire definiu como estado de consciência ingênua para a de consciência crítica. De fato, sem

esse processo, a consciência ingênua descambará para um estado de consciência fanatizada (Freire, 2001a).

### **Importância da participação política para a compreensão das desigualdades sociais**

Nas favelas, no senado  
Sujeira pra todo lado  
Ninguém respeita a constituição  
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?  
Que país é esse?  
Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia  
Na Baixada Fluminense  
Mato Grosso, Minas Gerais  
E no nordeste tudo em paz

Na morte eu descanso  
Mas o sangue anda solto  
Manchando os papéis  
Documentos fiéis  
Ao descanso do patrão

Que país é esse?  
Que país é esse?  
Que país é esse?  
Que país é esse?

Terceiro mundo se for  
Piada no exterior  
Mas o Brasil vai ficar rico  
Vamos faturar um milhão  
Quando vendermos todas as almas  
Dos nossos índios num leilão

Que país é esse?  
Que país é esse?  
Que país é esse?  
Que país é esse?

Música: Que País É Este  
(LEGIÃO URBANA, 1987)

A atuação no movimento estudantil, cabe enfatizar, foi imprescindível para a construção de minha consciência de classe. Os anos 80 foram marcados por certa efervescência política e cultural em nosso país. O sistema militarista já ofegante precisava ser derrubado, mas a principal geração que faria isso ainda estava se formando e se recuperando dos estragos e atrasos gerados por quase 30 anos de opressão. Nesse sentido, aprendia e aplicava as teorias políticas nas ruas, nas manifestações, em ações políticas mais isoladas, em apoios e construções de candidaturas mais progressistas, entre outras formas de atuação.

A aproximação com movimentos progressistas era uma necessidade. Assim, naturalmente, a atuação estudantil se estendia para a atuação político-partidária. Nesse processo, era urgente a compreensão dos processos de reorganização dos partidos proibidos pelos militares e aqueles que eram criados a reboque dos movimentos sindicais se tornavam forças que não podiam ser ignoradas. Aliás, representavam forças proeminentes no processo de redemocratização de nosso país.

O Partido dos Trabalhadores (PT) fundado em 1980, com Luís Inácio Lula da Silva como sua principal (e única) promessa para a construção de uma possível candidatura que agregasse as esquerdas naquele momento, apressava-se em crescer e buscava eleger vereadores, deputados, *etc.* e a tornar-se, como se tornou, o maior partido de esquerda da América Latina (Morais, 2021).

Naquele momento de grandes construções e de rebeldias, a aproximação com a UJS se deu de uma forma natural. Essa organização representava uma força política que agregava as lideranças de diversas organizações estudantis.

De fato, a atuação na UJS contribuiu sobremaneira para meu processo de busca e de construção de uma identidade política. Mas, contraditoriamente a esse processo, eu nunca me filiei ao PCdoB, mesmo tendo atuado de forma incisiva na construção de diversas candidaturas desse partido para cargos legislativos. Apenas muito recentemente é que me filiei ao PT.

Com a vitória, mesmo que parcial, do movimento Diretas Já, os avanços no cenário político para a construção de uma candidatura da esquerda tomava corpo. Lula se apresentava como uma única opção ou, pelo menos, como a opção mais viável naquele momento. Era imprescindível eleger Lula. E assim, atuei firmemente nesse propósito. Esse processo representou um avanço em meu processo de formação. Eu praticava o que acreditava, mesmo compreendendo que reformas políticas e eleições de candidaturas - mesmo que de esquerdas - dentro de uma sociedade capitalista não representaria uma superação ou o fim das desigualdades sociais. Para isso, uma revolução se fazia necessária.

Não avançarei na direção do que pode ser considerada como de análise histórico-política daquele momento, por não ser este o objetivo posto aqui, que se relaciona a delinear elementos que possibilitem compreender o processo de minha formação e atuação.

A atuação política impunha a necessidade de busca por um processo de formação mais ampla.

Cabe ressaltar que, durante todo o meu Ensino Médio, absolutamente nenhum professor ou professora apresentou incentivo para que seus discentes - eu incluído entre eles e elas - continuassem os estudos em um curso universitário. Refletindo sobre isso hoje, sou levado a

crer que, para eles e elas, esse caminho não seria para os filhos e filhas das periferias. De fato, o meu interesse por ingressar na universidade se deu apenas em decorrência da atuação política e por influência de amigos e amigas, e não de docentes.

A falta de incentivo de meus professores e professora era, de algum modo, a expressão da ausência de uma educação libertadora que não nos preparava para uma atuação crítica e autônoma nas questões sociais. Além de terem sido formados durante os anos mais reticentes da Ditadura Militar, eles e elas eram também vítimas desse processo.

### **Atuações profissionais outras**

Nosso dia vai chegar  
Teremos nossa vez  
Não é pedir demais  
Quero justiça  
Quero trabalhar em paz  
Não é muito o que lhe peço  
Eu quero o trabalho honesto  
Em vez de escravidão  
  
Deve haver algum lugar  
Onde o mais forte não  
Consegue escravizar  
Quem não tem chance  
  
De onde vem a indiferença  
Temperada a ferro e fogo?  
Quem guarda os portões da fábrica?  
  
O céu já foi azul, mas agora é cinza  
E o que era verde aqui já não existe mais  
Quem me dera acreditar  
Que não acontece nada  
De tanto brincar com fogo  
Que venha o fogo então  
  
Esse ar deixou minha vista cansada  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais  
  
Oh oh oh oh  
  
Nada demais  
Nada demais  
Nada demais

Música: Fábrica

Antes de prosseguir em termos das questões acadêmicas, entendo que cabe pontuar algumas ações empreendidas como celetista no mercado de trabalho, distantes da Educação, mas que de algum modo contribuíram para o processo de constituição de minha profissionalidade nesse campo.

Ao me formar no SENAI, em meados de 1984, então com 16 anos e não conseguindo atuar na empresa que me subsidiou com uma bolsa durante os dois anos de estudos, pois isso implicaria uma mudança para outra cidade de São Paulo, fiquei seis meses procurando emprego nas áreas em que havia me formado naquela escola, mas sem sucesso.

Compreendi que jovens, entre os 16 e 18 anos, dificilmente conseguem trabalho formal em decorrência do que chamavam de “fase do exército”. Ou seja, durante os dois anos que antecedem o alistamento militar obrigatório, caso estejam trabalhando em alguma empresa, esta fica impossibilitada de demitir seus funcionários, a não ser que seja por justa causa. Para evitar isso, as empresas optam por não contratar pessoas dessa faixa etária.

Foi então que meu irmão mais velho, que atuava na Eletropaulo, no final daquele ano me indicou para uma empresa terceirizada que estava atuando numa grande obra de reforma nas dependências daquela estatal. Fui então contratado como ajudante de pedreiro, trabalhando das 7h às 17h horas e sem registro em carteira.

Atuei pouco mais de três meses naquela empresa, pois ao exigir meu registro em carteira, optaram por me demitir. Mas esse curto período me fez perceber que a qualidade da formação propiciada pelo SENAI transcendia a mera atividade profissional relativa às profissões que me habilitou a exercer. Esse pouco tempo também me permitiu experienciar as formas de exploração da força de trabalho das pessoas simples e sem formação escolar. E reforçou em mim aquilo que minha mãe sempre nos dizia acerca dos estudos. Eu precisava continuar a aprender. Ansiava por isso. O mundo era muito maior que aquilo.

Em seguida, por indicação de um amigo, durante o ano de 1995, atuei numa empresa que desenvolvia uma atividade bastante peculiar: desinfecção de telefones. Ou seja, atuei como um tipo de faxineiro de telefones durante um ano.

Tendo vencido o período de alistamento militar, e sendo dispensado das forças armadas por “excesso de contingência”, estava livre para buscar outros trabalhos.

Foi então que em 1986, já com 18 anos, fui contratado como escriturário no Banco Nacional S/A. Atuei naquela empresa durante 4 anos, chegando ao cargo de chefe de seção. Período em que estudei em universidades privadas. Assunto que abordarei mais adiante.

Atuar no banco Nacional teve alguma importância em minha formação. Primeiro porque lá me filiei ao sindicato dos bancários que, então era um dos maiores sindicatos do Brasil, creio que era menor apenas que o sindicato dos metalúrgicos. Durante o período em que trabalhei lá participei de diversos movimentos grevistas que reivindicavam correções salariais. Praticamente fizemos uma greve por ano. Isso solidificava em mim a compreensão das lutas dos(as) trabalhadores(as) como única ferramenta, talvez, para alcançar seus objetivos.

Segundo, porque naquele período os computadores estavam começando a chegar ao Brasil. E o banco Nacional se apressou em informatizar seu arcaico sistema financeiro. Isso me permitiu ter contato com os primeiros computadores que chegavam em grande escala em nosso país. As potencialidades daquele novo mundo que se abria diante de mim me encantavam. Atuei no banco Nacional de 03/11/1986 até 29/04/1990.

Com a eleição da Luiza Erundina para a prefeitura de São Paulo, em 1989, uma série de concursos públicos foram abertos no setor público municipal. Assim, prestei concurso para atuar como escriturário no Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo - HSPMSP. Sendo aprovado, assumi o cargo em 09/04/1990, e atuei nele até 19/08/1994.

O mandato de Luiza Erundina representou grandes avanços em todos os setores da administração pública municipal de São Paulo. Na Educação, Paulo Freire como seu secretário, sob vários aspectos elevou a qualidade do ensino. Na saúde, particularmente no HSPMSP, também em decorrências dos convênios inéditos com o Sistema Único de Saúde – SUS, era possível uma Saúde de qualidade e socialmente referenciada.

Em termos salariais, os valores pagos pela PMU eram muito superiores aos pagos pelo setor privado. Como escriturário meu salário era muito maior do que aquele que eu recebia antes como chefe de seção no banco Nacional.

Contudo, em decorrência de minhas opções acadêmicas, tive que renunciar àquele cargo e me exonerei para atuar como professor de matemática. Tema que abordarei mais adiante.

Quando anunciei para meus familiares que havia me exonerado do funcionalismo público municipal de São Paulo, para atuar como docente eventual, minha mãe, depois de tentar sem sucesso me dissuadir de minha decisão, afirmou: “Pensei que você havia herdado a minha inteligência”. Apenas anos depois ela reconheceu que eu estava certo em minha decisão.



## **Universidade: um universo distante**

Finalizado o Ensino Médio, sucederam-se cerca de três anos de busca por um tipo de formação universitária.

Durante todo esse processo de construção de minha consciência de classe, eu já entendia que tinha múltiplas habilidades e gostos por diversas áreas de conhecimento. Gostava de esportes, política, artes, biologia, história, matemática, engenharia, química, ciências... Mas, em parte, foi a minha realidade social e não exatamente os meus desejos que determinaria as minhas opções.

Assim, meu primeiro vestibular foi para o curso de Educação Física na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), uma instituição privada de ensino superior. Mesmo sendo aprovado, eu não cheguei a me matricular, pois a conciliação dos deslocamentos entre a universidade, o meu local de trabalho e a minha residência seria impossível.

O segundo vestibular que prestei foi para o curso de História, em uma universidade privada da zona leste de São Paulo, que se tornaria mais adiante a Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Eu cursei esse curso por apenas alguns meses, mas aprofundei meus conhecimentos nessa área de forma autodidata nas décadas seguintes.

Nesse processo, eu já havia me convencido a não me desviar de minha maior aptidão: a matemática.

Assim, em 1991, fui aprovado no vestibular para o curso de bacharelado e licenciatura em matemática pela Universidade São Judas Tadeu, também privada e pertencente a uma congregação católica.

Considero importante destacar que meus professores e minhas professoras do Ensino Médio não apenas deixaram de nos incentivar aos estudos para a universidade, como também nenhum deles e nenhuma delas mencionou a existência de universidades públicas, laicas e gratuitas.

A exclusão é um processo social que necessita de intelectuais orgânicos que lhe possibilite corporificar. Como ressaltado em minha tese de doutoramento (Santos, 2007), os e as docentes que atuam em escolas públicas periféricas são, em sua maioria, oriundos das mesmas classes sociais de seus e suas discentes. Assim, sem terem passado por um processo libertador de formação inicial e continuada, na acepção que Freire (2003; Freire & Shor, 2000) atribui a

este conceito, acabam por vezes se tornando tipos de trãnsfugas sociais. Mesmo pobres e assalariados, tornam-se defensores das ideologias e valores dos grupos dominantes.

Eu frequentei regularmente o curso de matemática na Universidade São Judas durante o ano de 1991. Não tive dificuldade com as disciplinas mais corriqueiras, mas o cálculo diferencial e integral, ao mesmo tempo em que me encantava, me intrigava. Estava se tornando algo inatingível para mim e a reprovação ou abandono dessa disciplina era certa.

Ao observar a completa ausência de dificuldades de um de meus colegas de classe com aquela disciplina, questioneei-o sobre como ele dominava tão bem tudo aquilo, pois apenas com as aulas ministradas e as referências apontadas pelo professor isso não seria possível.

Ele me disse que havia feito um curso particular denominado de “Matemática Aplicada à Vida”, construído e ministrado pelo professor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Agnaldo Prandini Ricieri, nas dependências da Anglo Vestibulares, no bairro Vergueiro, próximo ao centro de São Paulo, exatamente a três quadras do HSPMSP onde eu trabalhava.

Imediatamente, tranquei a disciplina de Cálculo na universidade e entrei em contato com o professor Ricieri. Seu curso era extremamente concorrido e teria vagas apenas para dois meses mais adiante. Eu me matriculei mesmo assim e, durante o segundo semestre de 1991, cursei os três módulos do curso dele. Ali eu realmente aprendi o que era a matemática, em todos os seus meandros, como historicidade, aplicabilidades, heróis, vilões, dinâmicas de evoluções de seus diversos conceitos e ferramentas e, particularmente o que mais me encantou, sua contribuição para o desenvolvimento humano, em todos os aspectos.

Foi com o prof. Ricieri que entendi o porquê de apenas no século XVI as grandes navegações terem se tornado possíveis. Isso se deu em decorrência da construção de instrumentos de navegação por conta do desenvolvimento de teorias matemática. Finalmente eu dominava o cálculo diferencial e integral.

Quando finalizei o primeiro ano do curso na Universidade São Judas Tadeu, fui convidado por uma amiga do movimento estudantil a conhecer o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), pertencente a USP, onde ela estudava há um ano.

Lembro-me bem que cheguei na USP em uma tarde de domingo, dirigindo meu velho Volkswagen Passat de 1979. Eu fui orientado pela segurança a estacionar o carro fora do *campus*, que era fechado aos domingos, e ir andando até o CRUSP. Aquela foi a primeira vez em que entrei no *campus* da USP. Naquele trajeto, fui tomado por uma indignação e revolta quase incontroláveis. Por que nenhum professor ou professora que tive não mencionou aquele *universo* de possibilidades? A raiva e ódio contra todos eles e todas elas me dominaram.

Durante aquele trajeto de cerca de trinta minutos de caminhada, eu refiz meus planos para o futuro. Estava decidido: a) nunca mais eu pagaria para estudar em universidades; b) voltaria a estudar os conteúdos da educação básica e prestaria o vestibular da USP durante o ano de 1992 para ingressar no Bacharelado em matemática em 1993; c) com isso, eu me formaria matemático em 1996. Este era meu plano.

E assim iniciei a execução do plano. Abandonei o curso na São Judas e estudei para o vestibular da USP, conhecido como Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), durante todo o ano de 1992.

Ao final daquele ano, prestei o vestibular e fui aprovado para cursar Licenciatura em Matemática, no período noturno, no Instituto de Matemática, Estatística e Computação (IME) da USP, com início em fevereiro de 1993. Como eu trabalhava durante todo o dia no HSPMSP, não me seria possível cursar o Bacharelado em matemática, que era integral, apenas a Licenciatura noturna. Mas, meu plano era me formar matemático e não educador matemático.

Um professor me orientou a estudar muito e a me destacar no curso de licenciatura noturno durante o primeiro ano. Assim, eu não precisaria prestar um novo vestibular, pois seria *convidado* a migrar para o curso de bacharelado. E, para sobreviver no Bacharelado, ele me orientou a ministrar aulas à noite. A ideia me pareceu possível e a coloquei em prática. Assim, eu me destaquei no primeiro ano. O curso de “Matemática Aplicada à Vida” que havia cursado com o professor Ricieri, colocava-me em posição de vantagem em termos de compreensão de tudo o que era ensinado na USP. Lembro-me bem que nessa época participei de grupos de estudos com vários amigos e amigas que se abismavam com a facilidade com que eu dominava as teorias do Cálculo Diferencial. O fato é que o professor Agnaldo P. Ricieri foi marcante em minha formação matemática e devo muito a ele.

A sugestão do professor foi providencialmente colocada em prática por mim durante todo o ano de 1993. Ao final daquele ano, eu já havia me exonerado de meu cargo administrativo no Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo e ministrava aulas em três turmas do Ensino Médio em uma escola estadual, no período diurno. Fui aprovado em todas as disciplinas do meu primeiro ano com uma média ponderada relativamente alta para os padrões do IME/USP: 7,9. Assim, eu fui aceito para me matricular no curso diurno de Matemática Pura, no início de 1994.

Naquele mesmo ano, eu já havia conseguido uma carga horária de aulas como professor de matemática eventual no Ensino Médio e no Ensino Fundamental em escolas públicas no bairro onde morava, que me possibilitariam sobreviver financeiramente e dedicar meu dia inteiramente aos estudos do curso de matemática.

Eu estava feliz com o sucesso na execução de meu plano, que acontecia como um encaixe perfeito de uma engrenagem. Mas, após dois meses cursando o bacharelado em Matemática Pura e ministrando aulas à noite, eu comecei a me decepcionar com o curso. A solidão e a frieza das pessoas que orbitavam no pequeno universo da Matemática Pura da USP me levaram a compreender que eu não queria pertencer àquele mundinho solitário.

Paralelamente a isso, eu me destacava como um bom professor de matemática. Gostava do contato com os alunos e alunas da Educação Básica, gostava de ensinar e tudo aquilo me desafiava. E, claro, os alunos e alunas gostavam de minhas aulas e da forma descontraída que as ministrava, trazendo para a sala de aula a história e as aplicações da matemática, os jogos, os desafios... em suma, uma abordagem completamente diferente daquela sob a qual a matemática costumava ser ensinada (exceto pelo prof. Pezão, do SENAI, que em muito me influenciava agora como docente).

Estava decidido. Eu mudaria apenas parte do plano: não seria matemático, mas educador matemático. Para isso, eu precisaria voltar à Licenciatura em Matemática. Mas dois meses do ano letivo do Bacharelado já haviam transcorrido e eu não gostaria de perder um ano inteiro. Fazer adequação de matrícula já não me era possível, segundo a secretaria do curso.

Fiz então o que qualquer pessoa que vive em erro faria: apelei ao diretor do IME/USP. Expliquei-lhe detalhadamente meu plano inicial, toda a execução dele e, particularmente, as adequações recentes que eu pretendia fazer.

Sensível ao meu problema, o diretor apenas me disse: “Benerval, você me deixará mal com as funcionárias da secretaria, mas tome aqui, entregue isso a elas”. Tratava-se de um papel escrito à mão e assinado por ele: “à secretaria de graduação do IME/USP, autorizo a matrícula do aluno Benerval Pinheiro Santos no curso de sua escolha”. Não preciso dizer que a secretária não gostou muito da “carteirada” que eu lhe apresentava. Mas o fato é que aquilo que pouco antes ela me dizia ser impossível, agora com um papel lhe autorizando, passou a ser possível em menos de um minuto. Assim, eu voltei a ser aluno da Licenciatura em Matemática, mas agora no período diurno.

Eu morava no Bairro São Mateus, na zona leste de São Paulo; estudava na USP, no Butantã, durante o dia; e ministrava aulas de matemática em escolas públicas de São Mateus à noite. Uma rotina gratificante em termos de significados, mas extremamente cansativa em termos físicos. Nessa época, eu já estava casado com a minha primeira esposa, que, por ser alguns anos mais velha que eu, já era graduada em Letras, mas não atuava na área. Sob minha influência, ela iniciou sua carreira como professora de Português e Inglês em escolas públicas

do bairro onde morávamos. E, do mesmo modo, convenci-a a continuar seus estudos em nível de mestrado e doutorado na USP.

De fato, no ano de 1995, ela foi aprovada no programa de Pós-Graduação, em Letras, para cursar o mestrado na USP.

Com isso, a rotina de locomoção em São Paulo, um trajeto de quase 40 quilômetros da zona leste para a zona oeste todos os dias, teria que ser revista. Decidimos nos mudar para um bairro perto da USP e, da mesma forma, buscaríamos trabalho em escolas públicas ou privadas também perto da USP. Desse modo, em 1995, nos mudamos para um apartamento alugado de um casal de amigos, num bairro relativamente próximo à USP.

Os anos seguintes foram bastante intensos em termos de atuação no movimento estudantil universitário. Fui diretor durante um mandato e presidente, durante outro mandato, do Centro Acadêmico da Matemática (CAMAT) da USP, paralelamente ao desenvolvimento das atividades de meu curso. O fato é que essa nova realidade me permitiu também atuar em diversos programas de apoio aos discentes da USP, como: bolsa monitoria, com monitoria de diversas disciplinas; bolsa trabalho, com auxílio em atividades desenvolvidas no âmbito da USP; entre outras. Estudar em um curso diurno me permitia viver a universidade e não apenas frequentá-la.

Minha formação como educador matemático se consolidava tanto em termos teóricos quanto práticos. Mas, destacava-se a completa ausência de politicidade e criticidade nas aulas ministradas no IME. A matemática era compreendida e ministrada pela maioria quase absoluta dos e das docentes como um universo à parte, a-histórico, e não como consequência de ações humanas.

Tendo por base a minha atuação política moldada particularmente no movimento estudantil, eu compreendia claramente que aquela formação era de algum modo opressora, bancária e infértil no sentido de habilitar educadores e educadoras matemáticos comprometidos com uma ação verdadeiramente libertadora junto a seus e suas futuros(as) discentes. Algo precisava ser feito.

Meu plano inicial de finalizar a minha graduação em 1996 não deu certo. pois, com as alterações de rotas, uma disciplina anual coincidiu o horário com as demais. Por conta disso, passei o ano inteiro de 1997 indo ao IME apenas para cursá-la.

Com mais tempo disponível, entretanto, foi-me possível atuar em mais espaços e escolas. E, particularmente, aprofundar os meus conhecimentos teóricos naquilo que meu curso de graduação falhava pela ausência: compreender a Educação Matemática não apenas como um campo de atuação profissional, mas também de produção de conhecimentos.

Ao adentrar no campo da Educação Matemática, pude alinhar a minha formação política, em construção desde o movimento secundarista, com o movimento de (re)construção desse campo, que foi completamente massacrado pelos militares. A exemplo disso, ainda hoje é possível relacionar professores de matemática com uma completa ausência de criticidade acerca das mazelas sociais em suas aulas. Retomarei essa questão mais adiante.

Finalmente, em 1997, finalizei minha graduação, já com 29 anos, mas com grande bagagem e experiência como docente da área.

Meu plano inicial traçado naquela tarde de domingo, no final de 1991, havia sido cumprido. E agora? Era o que eu me questionava.

O fato é que meu desejo de me formar matemático ainda era latente. Assim, como apresentava boas notas e ótimo aproveitamento nas disciplinas da graduação, eu consegui, com a recomendação de três docentes do IME, acesso ao mestrado em Matemática Pura, curso que iniciei já em janeiro de 1998.

Entretanto, mais uma vez a decepção com os rigores, as abnegações, os distanciamentos sociais etc., inerentes a todo aquele processo, fizeram-me recuar e desviar, agora definitivamente, dos caminhos da matemática pura. Além do que, eu já estava me consolidando como um professor de matemática - e era considerado um bom professor.

Frente a isso, um novo plano se fazia necessário. Agora, meus objetivos orbitavam em fazer mestrado e doutorado na área da Educação Matemática. A questão central que se impunha a mim era: onde?

### **Início da atuação na Educação Matemática enquanto campo de atuação científica e profissional**

Voltando um pouco ao período da minha graduação, em um processo de busca por compreender e fundamentar uma possível atuação crítica como educador matemático, as contribuições teóricas e práticas de autores(as) como Ubiratan D'Ambrosio, Paulo Freire, Ole Skovmose, Arthur B. Powel, Teresinha Nunes Carraher, Gelsa Knijnik, Eduardo Sebastiane Ferreira, entre outros, foram fundamentais.

Ingenuamente à época, como uma consequência talvez do elitismo e do distanciamento das questões sociais presentes no meu processo de graduação, o rigor matemático e o conteudismo ainda eram marcantes em minhas aulas. Mesmo com uma dinâmica própria de

ministrá-las, logo percebi que, naquele início de atuação, minhas ações ainda eram opressoras, mesmo que meus e minhas discentes não percebessem isso.

No rol das disciplinas da minha graduação, havia uma carga horária razoável de formação pedagógica específica que era ofertada pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). À época, acreditava que as questões políticas inerentes ao ato e à formação pedagógica seriam mais amiúde abordadas naquela faculdade. Porém, os únicos lugares onde encontrei Freire, por exemplo, foram nos livros dele, presentes no acervo da biblioteca, e no nome do centro acadêmico do curso de Pedagogia. As disciplinas pedagógicas de meu curso, mesmo que em um tom menos ameno que no IME, eram marcadas pela quase ausência de enfrentamento das desigualdades e opressões inerentes a uma sociedade cindida em classes antagônicas como a nossa.

Por um lado, a politicidade do ato educativo ainda carecia ser compreendida e enfrentada e isso foi possível apenas com o aprofundamento nas leituras da obra de Paulo Freire.

Por outro, em termos de uma nova concepção acerca da matemática e do seu processo pedagógico de ensino e aprendizagem, D'Ambrosio representou para mim uma mudança de paradigma. De fato, este autor colocou em xeque o tipo de atuação matemática elitista e distante das realidades sociais, que não representa uma formação qualitativa nas vidas dos e das discentes. Era mais que urgente vincular o ensino de matemáticas às questões sociais.

Entretanto, não sabia eu à época que, já nas décadas de 1960 e 1970, D'Ambrosio havia iniciado esse processo de crítica e revisão das compreensões acerca das questões: por que ensinar matemática? Para quem ensinar matemática? E de que modo ensinar matemática? Isso não apenas no Brasil, mas em Congressos Internacionais da área em diversos países (D'Ambrosio, 1986, 1991).

Rechaçamos a educação matemática que [...] coloca-se a serviço da estrutura de poder dominante, mantendo e reforçando as desigualdades e injustiças sociais que prevalecem nas relações entre os países e nas relações socioeconômicas internas a cada país. Combatemos essa educação matemática e a combatemos ao criticar os mecanismos que levam a matemática a servir a essa função pouco digna dos sistemas escolares. Esses mecanismos são muitos, mas alguns podem ser identificados de imediato, tais como: a *reprovação intolerável*, a *obsolescência dos programas* e a *terminalidade discriminatória*. (D'Ambrosio, 1993, p. 15)

Isso, de fato, era revolucionário. Alheio, ainda, ao movimento internacional de crítica ao ensino tradicional de matemática, mas já com algum nível de consciência e compreensão acerca dessa questão, e tendo cursado pouco mais da metade de minha graduação na USP, entendia que era urgente intervir nessa realidade. Aprender, refletir e agir era imprescindível.

Assim, estando à frente do CAMAT como presidente, propus que organizássemos um congresso de Educação Matemática nas dependências do IME/USP, como uma atividade do curso. Conseguindo a aprovação da proposta nas instâncias do IME/USP, eu atuei, no ano de 1996, na organização e implementação da Primeira Semana de Educação Matemática do IME/USP.

Durante uma semana inteira, com liberação dos alunos e das alunas da graduação dos cursos de Licenciatura diurno e noturno para participarem, aquele evento contou com a presença de centenas de docentes das redes pública e privada da cidade e do estado de São Paulo, de forma gratuita e com emissão de certificados de participação emitidos pela direção do IME/USP e CAMAT.

Como palestrantes convidados, tivemos representantes de editoras, autores e autoras de livros didáticos, educadores e educadoras matemáticos(as) com destacada atuação crítica na área, entre outros profissionais.

O professor Dr. Manoel Ariosvaldo de Moura, docente da FE/USP, apresentou uma grande contribuição ao evento ao trazer as considerações de K. Marx para o processo pedagógico de ensino e aprendizagem de matemática.

Tudo aquilo me mobilizava em uma direção sem retorno. As questões sociais e a matemática eram inseparáveis para mim.

Cabe ressaltar que, naquele período, eu atuava, concomitantemente ao processo de minha formação, como docente de matemática da rede pública estadual de São Paulo e como docente em um curso pré-vestibular alternativo, vinculado ao Núcleo de Consciência Negra da USP.

Finalizando a minha graduação em 1997 e tendo desistido do mestrado em Matemática Pura no início de 1998, eu iniciei um processo de busca acerca das possibilidades de continuidade dos estudos em pós-graduação.

A FE/USP não se apresentava a mim como uma possibilidade viável. As linhas teóricas e de pesquisas dos docentes mais afeitos à Educação Matemática que lá atuavam não me cativavam.

Porém, ainda em 1998, fiquei sabendo que uma professora formada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com forte fundamentação freireana e afeita às contribuições de Ubiratan D'Ambrosio, havia passado em um concurso público para atuar como docente na FE/USP. Tratava-se da Profa. Dra. Maria do Carmo dos Santos Domite. Isso chamou minha atenção positivamente.



Naquele mesmo ano, eu havia sido aprovado em um concurso público como professor efetivo da rede pública do estado de São Paulo, além de atuar em dois colégios privados e no cursinho pré-vestibular.

No final do primeiro semestre de 1998, entrei em contato com a professora Maria do Carmo na FE/USP. Tivemos uma conversa bastante profícua em termos de possibilidades acadêmicas na FE/USP, sob a orientação dela. Os meus processos internos de questionamentos da Educação Matemática enquanto campo profissional e científico, bem como as leituras das obras de Freire, D'Ambrosio e diversos outros autores também lidos por ela, nos aproximou bastante.

Após nossa conversa inicial, ela me convidou a participar de um processo seletivo para uma das cinco vagas para “alunos especiais”, na disciplina que abordaria os temas “Educação, Matemática e Cultura” e que teria início no Programa de Pós-Graduação em Educação na FE/USP no segundo semestre de 1998. No dia marcado por ela, eu me assustei quando adentrei em uma sala da FE/USP lotada com mais 50 candidatos e candidatas às tais cinco vagas mencionadas por ela. Após uma breve fala, ela nos solicitou que escrevêssemos uma carta a ela justificando por que pleiteávamos a vaga.

Achei interessante, ao mesmo tempo que bastante vaga, aquela forma de avaliação. Um sorteio foi a primeira coisa que me veio à mente como metodologia para resolver a questão, mas não disse nada e escrevi uma carta a ela.

Na carta, apontei brevemente parte de meus planos de me tornar matemático e os rumos que a realidade impôs a mim, redirecionando-o, modificando-o, levando-me à busca de fundamentação para questões ainda sem respostas dentro da Educação Matemática.

O fato de haver um número tão grande de pessoas, a maioria docentes de matemática da Educação Básica, das redes pública e privada, ansiando por participar de uma disciplina de pós-graduação como aluno(a) especial, naturalmente tinha muito a ver com os temas que seriam tratados nela. E isso denunciava também a carência formativa no que dizia respeito às questões políticas e sociais nos cursos de graduação da qual eu também era vítima.

Juntamente com mais quatro professoras, fui aprovado para uma das cinco vagas. Assim, ingressava na FE/USP, como aluno especial de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação, na linha de Ensino de Ciências e Matemática, no segundo semestre letivo de 1998.

O programa e o rol de leituras organizados pela Profa. Maria do Carmo para aquela disciplina eram excelentes. Freire e D'Ambrosio eram, entre dezenas de outros, os teóricos principais que norteavam a disciplina. A participação de convidados como Pedro Paulo Scanduzzi, o próprio Ubiratan D'Ambrosio, Arthur Powell, Daniel Clark Orey, entre outros,

compunham um quadro revolucionário para aquele momento histórico. Tudo aquilo solidificava em mim a opção que eu havia feito naquele ano: eu seria um Educador Matemático e não apenas um professor de matemática.

Ao finalizar a disciplina, participei do processo seletivo para ingresso no mestrado do Programa de Pós-graduação da FE/USP, na linha de Ensino de Ciência e Matemática. Eu fui aprovado nas fases avaliativas, mas, como gostaria de ser orientado pela professora Maria do Carmo e naquele momento ela não tinha vagas disponíveis, eu não ingressei no mestrado em 1999.

Entretanto, juntamente com as colegas que participaram da disciplina citada como alunas especiais – Helenalda, Meire, Sônia Coelho e Esmeralda -, decidimos continuar estudando um dos temas bastante trabalhados na disciplina e sobre o qual eu já acumulava alguma base teórica: o Programa de Pesquisa em Etnomatemática. Para isso, montamos um grupo de pesquisa e convidamos a professora Maria do Carmo para liderar o grupo. Ela prontamente aceitou, mas com uma condição: que o professor Ubiratan D'Ambrosio pudesse atuar, se assim desejasse, também como líder do grupo.

Aquilo era mais que um sonho. O prof. Ubiratan era conhecido e respeitado internacionalmente em todas as instâncias da Educação Matemática. Não era possível encontrar uma única publicação em Educação Matemática que não o referenciasse. Também era reconhecido internacionalmente como o “pai” da Etnomatemática. Tê-lo em nosso grupo era muito mais do que esperávamos como possível.

Organizamos o Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática<sup>3</sup> (GEPEm), vinculado à FE/USP e liderado pela Professora Maria do Carmo e pelo Professor Ubiratan D'Ambrosio. O primeiro encontro do grupo aconteceu no final de 1998, numa sala de aula da FE/USP. Já no primeiro encontro, entendemos que aquele grupo cresceria muito, tanto em quantidade de membros quanto em quantidade de produções acadêmicas e na importância no cenário nacional e internacional da Educação Matemática.

Ao longo do primeiro ano de existência do GEPEm, nós organizamos os encontros em reuniões presenciais semanais, com leituras voltadas à compreensão e às potencialidades pedagógicas e sociais do Programa de Pesquisa em Etnomatemática.

No cenário nacional, já era possível contar algumas publicações sobre o tema e, também, algumas dissertações que tinham a Etnomatemática como objeto de estudos. Internacionalmente, era possível identificar um conjunto de conceitos díspares, que se

---

<sup>3</sup> Ainda está disponível na web uma página do GEPEm, organizada por mim e por mais alguns/mas colegas, em [www2.fe.usp.br/~etnomat](http://www2.fe.usp.br/~etnomat)

alinham particularmente no final dos anos de 1980, com a conceituação que D'Ambrosio apresentava para a Etnomatemática: um programa de pesquisa que tem por objetivo identificar, estudar e compreender os processos de geração e de transmissão de conhecimento dentro de grupos culturais identificáveis (D'Ambrosio, 1993, 2001).

Autores como Paulus Gerdes (Moçambique), que utilizava o conceito de matemática congelada, passou a identificar suas pesquisas como Etnomatemática na perspectiva d'ambrosiana. Do mesmo modo, procederam outros autores como: Bill Barton (Nova Zelândia), Gelsa Knijnik (Brasil), Eduardo Sebastiani Ferreira (Brasil), Teresa Vergani (Portugal), Jeremi Kilpatrick (EUA), Márcia Ascher e Robert Ascher (EUA), entre diversos outros.

O processo histórico de represamento de questionamentos acerca da aproximação entre matemática e questões culturais não era mais possível existir e continuar. Ubiratan D'Ambrosio e suas teorizações representaram um elo entre as diversas inquietações e a necessidade de criação de uma comunidade acadêmica internacional que pudesse agir em consonância com esse objetivo. A etnomatemática buscava se consolidar.

Duas ações de grande importância, com forte influência de D'Ambrosio, foram: a criação, em 1985, do Grupo de Estudo Internacional de Etnomatemática (ISGEm), sediado nos EUA; e a organização do primeiro Congresso Internacional de Etnomatemática (ICEm-1), no ano de 1998, em Granada, Espanha.

El 1-ICEM Primer Congreso Internacional es un foro de debate científico que contribuirá a expandir las Etnomatemáticas como una forma de pensamiento iniciada por Ubiratán D'Ambrosio y el Grupo Internacional ISGEm, que desde 1985 realizan estudios matemáticos e históricos, en contextos de interculturalidad y de grupos sociales deprimidos; analizan condiciones sociales y políticas de los Currículos de Enseñanza de las Matemáticas. Ensayan la delimitación teórico-epistemológica del conocimiento matemático actual y su diversidad, influenciada por los usos de matemáticas en contextos científicos, tecnológicos y sociales. Matemáticas y Género, Cultura y Matemáticas, Investigación, y Práctica de la Enseñanza de las Matemáticas, son temas de su estudio, con un enfoque Crítico. Existe una Revista del grupo titulada: "*ISGEm Newsletter*". (Fonte: [www.ugr.es/~oliveras/icem2esp.htm](http://www.ugr.es/~oliveras/icem2esp.htm) <sup>4</sup>, acesso em 01/06/2024)

Havia muito ainda a ser feito e construído. O GEPEm se apresentava como um caminho de possibilidades nesse processo. E eu encontrava finalmente meu lugar de pertencimento, de ação, de estudos e de pesquisas. O GEPEm representou, e ainda representa, muito mais do que

---

<sup>4</sup> Este é o link da página do Primeiro Congresso Internacional de Etnomatemática – ICEm, ainda disponível na internet.

um grupo de pesquisa para mim e, possivelmente, para todas as centenas de pessoas que já passaram por ele ou que, de algum modo, foram influenciadas por suas ações e contribuições.

Mesmo que o meu objetivo aqui não seja delinear o GEPEM e suas contribuições, apontarei aquilo que de fato contribuí no grupo e que, de algum modo, serviram de base para minhas atuações e ações acadêmicas futuras.

Após um ano de atuação intensa no GEPEM, ao longo de todo o ano de 1999, fui aprovado no processo para ingresso no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática da FE/USP, sob a orientação da professora Maria do Carmo Santos Domite. No início do ano 2000, eu me tornei o primeiro mestrando, de muitos, vinculado ao GEPEM. O grupo já contava com dezenas de membros, não apenas de São Paulo, mas também de outras cidades e estados, que empreendiam longas viagens para participarem das reuniões e discussões presencialmente.

O GEPEM sempre foi mais que um grupo de pesquisa, mas um local de acolhimento, de construção de identidades, afinidades, amizades, trocas intelectuais e construção de parcerias.

Assim, encontros fora da universidade eram muito comuns e necessários, a exemplo de um deles, realizado em 22 de julho de 2004, na residência de nossa colega e amiga, Helenalda Resende, com a participação de diversos(as) membros do GEPEM e do professor Ubiratan D'Ambrosio.

Figuras 5, 6, 7 e 8 – Momento de confraternização de membros do GEPEM





Fonte: Site da Faculdade de Educação da USP.

No início do ano de 2000, durante a primeira reunião do GEPEm daquele ano, a nossa colega Sonia Coelho questionou o professor Ubiratan acerca do porquê não ter sido ainda organizado um Congresso de Etnomatemática no Brasil. Sua resposta, como sempre direta e sem rodeios, foi: “Porque ninguém se prontificou a organizar! Mas já temos produções e comunidades mais que suficientes para isso. Por que o GEPEm não o organiza?”. Nascia ali, naquele final de janeiro de 2000, a semente do Primeiro Congresso de Etnomatemática no Brasil.

As reuniões seguintes, daquele primeiro semestre de 2000, orbitavam entre as discussões de artigos e livros e na organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática (CBEm1), que aconteceu entre 1 e 4 de novembro de daquele mesmo ano. Atuei na organização de todas as etapas daquele congresso. Tudo era novo, tudo era construído por nós.

Figuras 9 e 10 – Página do Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática



Fonte: Site de Educação da USP



Figuras 11 e 12 – Imagem da capa do Anais do CBEm1 e fotos da equipe organizadora do evento. Eu apareço ao fundo, à direita de camisa branca.



Fonte: Arquivos GEPEm.

Figura 13 – Equipe organizadora do CBEm1, com o Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio e a Prof.<sup>a</sup> Maria do Carmo Santos Domite ao centro. Eu, ao fundo, à direita, de camisa branca.



Fonte: Arquivos GEPEm.

Mais do que atuar em torno de seu principal objetivo - estudos e pesquisas em Etnomatemática -, o GEPEm conquistava espaço em outras dimensões. Nesse sentido, o GEPEm recebeu um convite vindo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP)

para concorrer a um edital público com objetivo de formar e habilitar 60 professores e professoras indígenas para atuarem como docentes na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas de suas aldeias.

Assim, sob a orientação do Professor Ubiratan D'Ambrosio e coordenação da Professora Maria do Carmo S. Domite, foi apresentado um projeto para concorrer ao edital.

Tendo conseguido apresentar o menor preço para a demanda - um total de três milhões de reais -, o GEPEm obteve autorização e recebeu os recursos necessários para organizar e executar o Magistério Indígena do Estado de São Paulo (Magind) – Novo Tempo, vinculado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e realizado no período de 02 de maio de 2002 a 31 de julho de 2003.

No MAGIND, a profa. Maria do Carmo me convidou para atuar como coordenador pedagógico e também como docente em alguns módulos da área de matemática.

Atuar nesse projeto foi extremamente desafiador, tendo em vista que ele seria desenvolvido em polos distintos, com 20 indígenas em cada um: o primeiro polo seria organizado na capital de São Paulo; o segundo, na cidade de Guarujá, no litoral de São Paulo; e o terceiro, na cidade de Assis no interior de São Paulo. Somando-se a este desafio geográfico, participavam como discentes do MAGIND indígenas das etnias Guarani, Kaingang, Krenak, Terena e Tupi-Guarani. Para os e as não-indígenas, preconceituosamente, isso não seria um problema, afinal, o objetivo seria nobre: formar professores indígenas. Entretanto, cada um desses povos têm as suas línguas, culturas, valores, modos de organização social, crenças, *etc.* O fato de colocá-los todos(as) juntos(as) desconsiderava as dinâmicas históricas relativas às relações entre eles representava mais problemas para serem superados ao longo do desenvolvimento do projeto.



Figura 14 - Cartaz de divulgação do Magind



Fonte: Acervo MAGIND

O tipo de arquitetura escolar *pensada* pela SEE/SP para ser construída nas aldeias também desconsiderava as particularidades e os desejos de cada grupo étnico e seguia um modelo único de composição de espaço, como mostram as imagens abaixo.

Figura 15 – EEI Kuaraíy Oêa (EEI Sol Nascente), em Itanhaém, São Paulo.



Fonte: Arquivos MAGIND

Figura 16 – Escola Indígena da Aldeia Rio Branco, em Peruíbe, São Paulo.



Fonte: Arquivos MAGIND

O contato com culturas diferentes e seus desafios inerentes apresentou uma série de questionamentos novos para mim e uma aproximação permanente com o que chamo de *causa indígena*.

A atuação no Magind me permitiu visitar várias aldeias nas quais viviam alguns alunos e alunas do projeto. Estas visitas foram fundamentais, particularmente para uma compreensão mais sólida acerca das realidades, desejos, necessidades, dificuldades, *etc.*, de cada povo. Isso tudo, de um modo muito marcante, contribuía também para a constituição de minha identidade profissional permanentemente em construção.

Figura 17 – Encontro com lideranças indígenas na Aldeia Itaóca, em Itanhaém, São Paulo, em julho de 2003.



Fonte: Arquivos pessoal.

Paralelamente, os e as membros(as) do GEPEm atuaram ativamente na consolidação da Etnomatemática no Brasil. A exemplo disso, participaram da organização do 2º Congresso Internacional de Etnomatemática na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Ouro Preto (CIEm-2/2002); do 2º Congresso Brasileiro de Etnomatemática na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal (CBEm-2/2004); do 3º Congresso Internacional de Etnomatemática na University of Auckland, em Auckland – Nova Zelândia (ICEm-3/2005); do 3º Congresso Brasileiro de Etnomatemática na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (CBEm-3/2008), entre diversos outros congressos e ações.

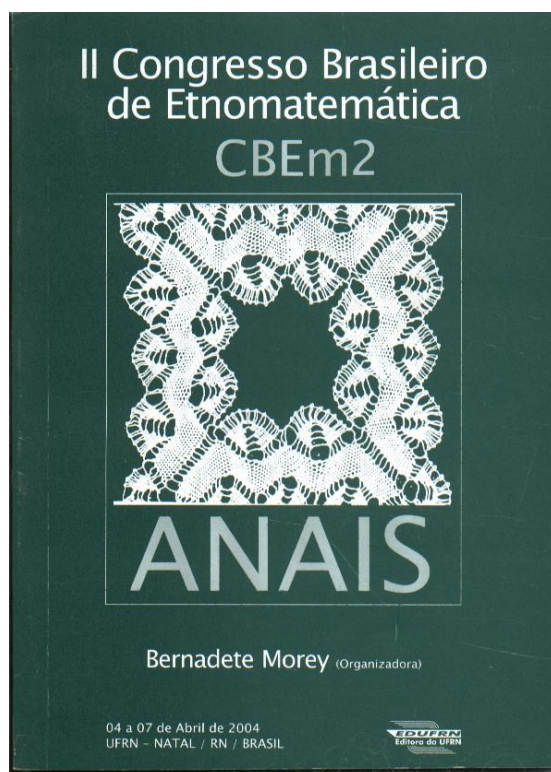
Figura 18 – Folder de chamada para o II Congresso Internacional de Etnomatemática.





Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19 – Anais do II Congresso Brasileiro de Etnomatemática.



Fonte: Arquivo pessoal.

Além da atuação nestes eventos, por meio do GEPEm, atuei também na organização de diversos outros eventos. Retomarei essa questão mais adiante.

## **Pós-graduação: uma necessidade formativa**

Retomando um pouco a minha trajetória enquanto docente da educação básica, a necessidade de continuidade dos estudos em nível de pós-graduação representou para mim não apenas uma possibilidade de conquistar novas habilidades, habilitações e alternativas profissionais, mas a continuidade do processo de questionamento e de compreensão das possibilidades de inovação inerentes à matemática, área que tem cerca de dois mil anos de tradição na cultura ocidental. Eu entendia que era preciso e necessário transformar o ensino da matemática, mas necessitava ainda de muita fundamentação teórica.

Se a sugestão de montar o GEPEm ocorreu nessa esteira de questionamentos, do mesmo modo se deu o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da FEUSP.

Para que me fosse possível desenvolver as leituras e os trabalhos inerentes às demandas da pós-graduação e da pesquisa que eu havia idealizado, decidi renunciar a todos os vínculos profissionais que tinha até então. Pedi demissão das escolas “Da Granja”, onde lecionava matemática para três turmas do Ensino Médio; do Colégio Notre Dame, onde atuava nas turmas do Ensino Fundamental 2; e me afastei do cursinho pré-vestibular do Núcleo de Consciência Negra da USP. Esta não foi uma decisão fácil para mim, pois representava muito mais que abrir mão da atuação em locais com os quais eu me identificava. Significava, também, me afastar exatamente do público jovem que me instigava à continuidade dos estudos.

Meu plano era me dedicar plenamente à pesquisa de mestrado, defender minha dissertação e depois retornar para a Educação Básica. Na época eu não sabia, mas nunca mais voltaria a atuar na Educação Básica como docente.

Recebendo uma bolsa de apenas R\$ 732,60 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em detrimento dos mais de R\$ 4.000,00 que recebia dos vínculos empregatícios que abandonara, muitas concessões foram necessárias.

Entretanto, já nos primeiros meses cursando a pós-graduação, eu recebi um convite para atuar como docente no Centro Universitário São Camilo, no curso de Licenciatura em Matemática. Lá, eu ministraria algumas disciplinas que me permitiriam manter contato com os questionamentos que haviam me convencido acerca da necessidade de cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. Mas, agora, formando professores e professoras de matemática. A minha responsabilidade social eu entendia como bem maior e mais complexa e, por isso, aceitei o convite para atuar naquele centro universitário.

A São Camilo, que já tinha uma grande tradição na oferta de cursos na área da saúde e biomédica, *aventurou-se* na expansão de seus serviços, ofertando cursos de Licenciatura em matemática e pedagogia, por exemplo. Eu atuei ali de 2001 a 2005, ministrando disciplinas de Estatística, Geometria I, II e III e Novas Tendências em Educação Matemática.

Os dilemas acerca das transformações possíveis e das recusas tácitas dos discentes se comprometerem verdadeiramente com seus processos formativos me confrontavam dia a dia durante as minhas aulas. Ira Shor, em um livro dialogado com Paulo Freire (Freire & Shor, 2000), apresentou contribuições para que me fosse possível delinear teoricamente aqueles dilemas. Segundo ele, falando de sua experiência,

Afirmo a mim mesmo, enquanto professor de redação, de literatura, ou de meios de comunicação, que vou descobrir quanto de transição é possível numa determinada classe, dependendo da situação em que eu e os alunos nos encontramos. Não posso saber de antemão como obteremos uma consciência crítica através do curso. Digo uma coisa muito norte-americana sobre os resultados: há transformações de todo tamanho. Minha meta é a mudança social, mas trabalho no sentido de provocar as transformações possíveis dentro de cada classe. Frequentemente, o máximo que posso alcançar em um curso é um momento de transição da passividade, ou ingenuidade, para uma certa percepção crítica. Algumas vezes, quase não consigo nada contra o domínio que a cultura de massa tem sobre as expectativas dos meus alunos. Se os estudantes se envolvem uns com os outros em um diálogo crítico, encaro isso como um ato de mobilização, porque decidiram tornar-se seres humanos que investigam juntos sua própria realidade. Se examinam criticamente alguns textos ou artigos que apresento, vejo nisso um sinal de que a sua resistência em relação à cultura crítica está diminuindo, e até que a sua imersão na cultura de massa está se enfraquecendo. Se estudam seriamente o racismo, ou o sexismo, ou a corrida armamentista, percebo aí um ponto de partida da transformação... (Freire & Shor, 2000, p. 47).

Assim, antes mesmo de finalizar a minha pesquisa de mestrado, que eu considerava ingenuamente que seria *revolucionária*, eu já entendia que as transformações, em um cenário tão profundamente arraigado na história e calcado em práticas autoritárias, não seriam algo possível a curto prazo. As transformações deveriam ser as possíveis, apenas.

Paralelamente à minha atuação profissional, eu empreendia as ações e os estudos inerentes à minha pesquisa do mestrado. Minha opção foi desenvolver uma pesquisa qualitativa do tipo participante, junto a uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental (atual 6º ano), da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo. Uma docente de matemática, que também atuava no GEPEm, aceitou minha proposta de pesquisa e se disponibilizou a colaborar comigo.

A proposta central da pesquisa era compreender as possibilidades pedagógicas do Programa de Pesquisa em Etnomatemática junto à turma mencionada. Não delinearei aqui a pesquisa como um todo, pois isso pode ser lido em Santos (2002). Trarei, aqui, apenas as questões que considero relevantes e que se relacionam ao objetivo deste memorial.

Cabe observar que meu objetivo inicial era me dedicar exclusivamente à pesquisa do mestrado. Contudo, isso foi possível apenas durante o ano de 2000, pois, em 2001, eu atuaria no Magind e como docente na São Camilo. A realidade tem uma dinâmica própria que nos arrasta com ela.

Frente a isso, entre 2001 e 2002, eu era confrontado com os dilemas da pesquisa de campo junto às crianças da 5ª série, ao mesmo tempo em me deparava com os problemas e os desafios da formação de professores indígenas e, ainda, com as questões próprias de um curso de licenciatura para habilitação em matemática, paralelamente à atuação do GEPEM. Foram tempos de muita intensidade e de grande transformação em minhas concepções.

Atuar concomitantemente nessas realidades tão díspares me permitia experienciar e vivenciar os *convites* de avanços críticos junto com elas. Ou seja, as dificuldades inerentes às práticas libertadoras, sob a acepção que Paulo Freire cunhou em sua obra para este conceito.

Paulo Freire e Ira Shor, tudo indicava, haviam vivenciado dilemas semelhantes ao longo das suas atuações enquanto profissionais e pensadores da educação. Segundo Shor, apontando as recusas a *convites* semelhantes aos que eu empreendia em minhas ações,

Outros, ainda, eram abertamente hostis, contestando-me de modo a interromper o avanço crítico da classe. Tinham aderido à tradição e encaravam a classe como uma ameaça a seus valores estabelecidos. Às vezes, formavam um bloco grande o suficiente... Não posso impor a pedagogia libertadora contra a vontade de quem não quer recebê-la. (Freire & Shor, 2000, p. 36).

De fato, as mesmas recusas que eu identificava, por exemplo, junto aos e às discentes do curso de Licenciatura em Matemática, eu encontrava também nos e nas discentes de uma turma de 5ª série de uma escola periférica de São Paulo.

Ainda, refletindo acerca de minhas ações como docente em diversas escolas públicas e privadas da Educação Básica, era-me possível identificar as mesmas recusas junto aos e às alunas, não importando as classes sociais.

Assim, compreendia claramente que os referenciais teóricos da Educação Matemática e da Pedagogia eram necessários, mas não suficientes para que me fosse possível entender de modo mais aprofundado as questões que me eram impostas pela realidade.

Entendi que o mestrado precisava ser finalizado, mas que seria apenas um grão de areia em um deserto de incompreensões. Seria necessário continuar os estudos na pós-graduação, num doutorado *stricto sensu*.

Assim, finalizei e defendi minha dissertação de mestrado em novembro de 2002 (Santos, 2002), concomitantemente à participação no processo seletivo para ingresso no Doutorado no mesmo programa de pós-graduação.

Tendo sido aprovado para ingressar no doutorado no início de 2003, havia a possibilidade de ser orientado pelo Prof. Ubiratan D'Ambrosio, que atuava como docente convidado da FEUSP. Entretanto, lhe era permitido orientar apenas quatro discentes, número já ultrapassado por ele. Assim, ele não pôde assumir a minha orientação. Frente a isso, a professora Maria do Carmo S. Domite continuou a ser minha orientadora também no doutorado.

Ingressei no doutorado no início de 2003. O meu projeto inicial era pesquisar as possibilidades pedagógicas da etnomatemática junto a cursos de formação de professores. Contudo, o turbilhão de realidades, conceitos e dilemas vividos nos dois anos anteriores já haviam despertado em mim certa crença de que aquela proposta de pesquisa representava uma grande ingenuidade teórica, muito empobrecida em termos de potencialidades de transformação das questões que apontei mais acima.

Entendia claramente que deveria lançar mão de uma gama bem maior de aportes teóricos de áreas do conhecimento.

Intuí, à época, que o processo de constituição de nossas culturas e *povo* deveriam ser melhor compreendido para que me fosse possível avançar nos questionamentos que as realidades impunham a mim.

Assim, com a anuência de minha orientadora, mudei o foco da pesquisa para um objetivo mais amplo e que me possibilitasse empreender voos mais altos e contar com certo nível de liberdade em termos de onde ela me levaria. Decidi estudar as contribuições de Paulo Freire e de Ubiratan D'Ambrosio para a formação de professores e professoras de matemática no Brasil.

O fato é que esse tema me levou a empreender uma longa jornada para a compreensão do processo de nossa constituição social e cultural. Destinei basicamente todo o ano de 2003 para a finalização dos créditos de disciplinas obrigatórias do PPGED da FE/USP e para as leituras necessárias a esse processo de compreensão.

Aquela necessidade me levou a ler dezenas de livros que geraram, por si só, mais de 100 páginas de textos. Estes acabaram compondo um apêndice de minha tese, por sugestão do Prof. Dr. Vagner Rodrigues Valente, durante a banca de qualificação. Abaixo apresento um recorte do sumário de minha tese, com este apêndice (Santos, 2007, p. 12).



Figura 20 – Parte do sumário de minha tese (apêndice)

APÊNDICE: elementos de história do Brasil e da educação brasileira.....	349
Formamos uma nação?.....	350
Quem aqui aportou? .....	351
Brasil colônia: um sistema feudal? .....	360
A Companhia de Jesus: missionários, políticos, educadores, comerciantes, etc. ....	363
<i>Origem, trajetória e expulsão</i> .....	363
<i>A Companhia em terras brasileiras: início de uma influência</i> .....	370
<i>Educação: depois dos jesuítas</i> .....	376
Isolamento cultural.....	379
A vinda da Corte .....	385
<i>A política educacional do período colonial e suas influências</i> .....	389
Pós-Independência .....	390
Bacharelismo.....	392
Os professores e sua formação no Brasil colonial e imperial: a construção de uma possível identidade. ....	395
<i>As reformas do ensino: na Primeira República (1889-1931)</i> .....	411
<i>A formação de professores para o ensino secundários (e superior)</i> .....	430
<i>E os imigrantes?</i> .....	433
<i>As Reformas do Ensino: de 1931 a 1970</i> .....	437

Fonte: Arquivo pessoal.

O esforço para compreender tudo aquilo foi genuíno e, para mim, necessário como condição *sine qua non* para desenvolver minha pesquisa acerca das contribuições de Freire e D'Ambrosio e, principalmente, superar os dilemas que minha prática enquanto docente evidenciava.

De fato, essa *visitação* histórica se mostrou bastante valiosa para compreender as contribuições de Freire e o seu afastamento de outras áreas de conhecimento, como a matemática. Freire, naturalmente, também foi vítima de nosso processo de constituição sociocultural, a ponto de assumir em uma conversa com Ubiratan D'Ambrosio e Maria do Carmo Santos Domite que ele morreria sem nunca ter manifestado o matemático que habitava dentro dele, mas que, com certeza, ele seria um bom professor de matemática (Domite, Freire e D'Ambrosio, 1998).

Durante a banca de defesa de minha tese, o professor Valente reconsiderou que foi um equívoco ter sugerido que o resultado daquela revisitação histórica fosse colocado na forma de um Apêndice, pois entendia-a como necessário à compreensão da tese.

Buscar elementos em nossa História foi de suma importância para a compreensão das questões que me intrigavam desde meu ingresso na educação como educador. Sendo algumas delas as recusas dos e das discentes ao convite para a participação, para o comprometimento, para o engajamento, para a responsabilidade e para a ação.

De meus estudos no campo da história, passei a compreender o nosso processo de constituição sociocultural como o resultado de um grande projeto pedagógico de mais de 500 anos. Entendi que fomos educados para pensarmos e agirmos de uma determinada forma e não de outra.

Freire, no final da década de 1950, delineou a seu modo essa questão em sua tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, em Recife (Freire, 2001a).

O bacharelismo, os burocratismos e o ensino puramente propedêutico e insípido em termos de possibilidades de transformações sociais são também tipos de cimento que nos moldam enquanto povo/nação.

A superação das questões pedagógicas que me afligiam só seria possível por meio de um outro tipo de organização escolar, pautado na participação.

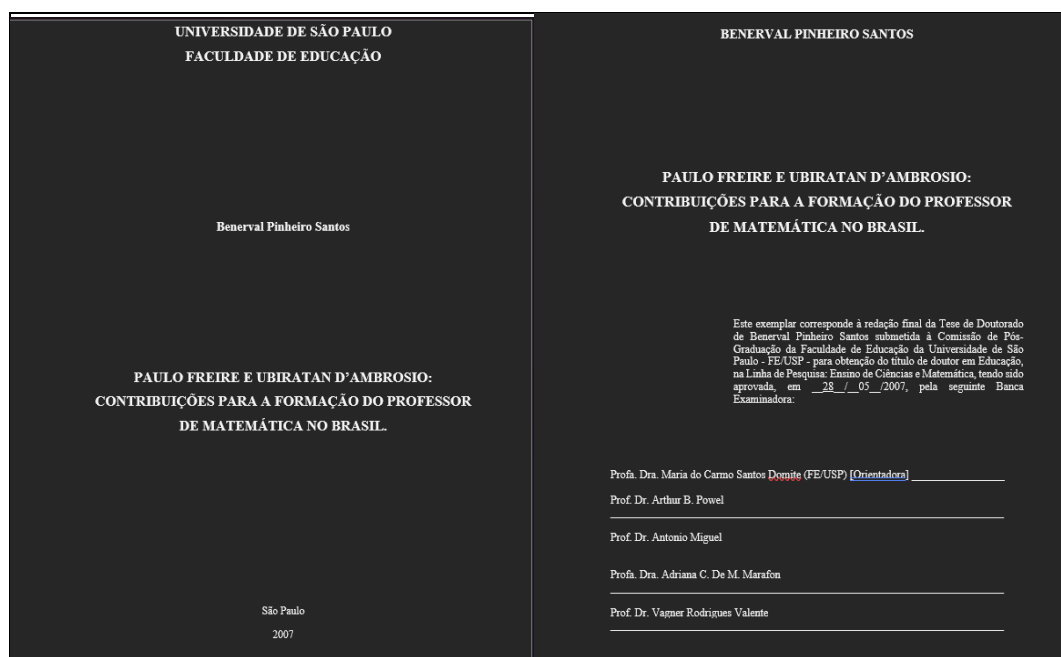
Tudo me leva a crer que os grupos dominantes compreenderam isso muito antes dos progressistas, como bem ressaltou Prado Jr (2001, p. 88): “E assim entramos na segunda metade do século passado. As massas populares, mantidas numa sujeição completa por leis e instituições opressivas, passam para um segundo plano, substituindo pela passividade sua intensa vida política dos anos anteriores”.

Assim, meu doutorado transcorria de modo bastante intenso, não apenas em termos de construções teóricas, mas também no que dizia respeito à minha vida privada. Durante aqueles quatro anos, finalizei um casamento de doze anos e encontrei um novo amor – Clarice Carolina Ortiz de Camargo - que me arrebatou e me presenteou com duas filhas maravilhosas – Beatriz Ortiz de Camargo A. Lopes e Anna Clara Ortiz Pinheiro.

Digo que não foi fácil desenvolver uma pesquisa, morando na cidade de São Bernardo do Campo, para onde nos mudamos para por conta da atuação de minha esposa na rede de ensino daquela cidade, com duas filhas pequenas. Ao mesmo tempo atuava como docente Na Faculdade Uniesp (União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas), no centro da cidade de São Paulo durante a noite e desenvolvia atividades da pesquisa na USP. Contudo, não me arrependo de absolutamente nada do que vivi. Minha esposa esteve sempre a meu lado como um porto seguro, meu suporte, apoio, ouvido atento e maior incentivadora. Sem ela, certamente todo aquele processo seria árduo.

Tendo finalizado todas as etapas da pesquisa, defendi minha tese de doutoramento em agosto de 2007 (Santos, 2007).

Figura 21 – Capa e contracapa da minha tese



Fonte: Arquivo pessoal.

Aquele plano, idealizado em 1998, havia sido concluído. A vida me solicitava um novo ciclo.

## A Educação Matemática – EM enquanto campo profissional e científico

Meus estudos no mestrado e no doutorado, grosso modo, tiveram por objetivo muito mais que a obtenção dos títulos de mestre e doutor. O fato é que as motivações primeiras que me levaram a desenvolver estas pesquisas sedimentavam-se nas inquietações inerentes aos problemas pedagógicos que minhas práticas ressaltavam, como mencionei antes.

Nessa direção o estudo da obra de Ubiratan D'Ambrosio, das pesquisas de Fiorentini (1994), dentre diversos outros, foi fundamental para a compressão do processo de início, desenvolvimento e de sedimentação da EM enquanto campo profissional e científico. Passei a compreender que meu lugar de atuação profissional e de pesquisas tinha nome e uma atuante comunidade de pesquisadores e pesquisadoras.

Dos primeiros congressos brasileiros de ensino de matemática que aconteceram em 1955, 1957, 1959 e 1961 – e que foram interrompidos em decorrência do golpe Militar de 1964 –, a EM conta hoje com dezenas de eventos, programas de pós-graduação, revistas científicas e grupos de pesquisas.

Assim, a EM conquistou espaço e reivindicou para si atuações em áreas e campos que antes eram relegadas a profissionais formados em outras áreas (na matemática, e pedagógica, principalmente)

Frente a isso, a título de exemplo, a formação matemática de pedagogos e pedagogas em muitos cursos superiores passaram a ser feitas por pessoas com formação em EM. Isso abriu um leque bem maior de atuação profissional nessa área. Novas possibilidades profissionais surgiram.

### **Atuação em uma Universidade Federal: um sonho possível?**

Com a eleição do Presidente Lula em dois mandatos consecutivos, as Universidades Federais brasileiras experienciaram o maior processo de transformação e expansão de toda a sua história. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (ReUni), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, sendo uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), mais que dobrou a oferta de vagas nas Universidades Federais e representou um aumento proporcional na quantidade de docentes e técnicos(as) concursados(as).

À frente da reitoria da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por dois mandatos consecutivos que se estenderam de 2000 à 2008, o Prof. Dr. Arquimedes Diógenes Cilone apresentou e conseguiu aprovar nas instâncias superiores a adesão da UFU ao programa ReUni.

O ReUni tinha por objetivos principais não apenas aumentar a quantidade de vagas dos cursos de graduação das Universidades Federais, mas ampliar as políticas de acesso, permanência, melhoria e aproveitamento da infraestrutura física, além de ampliar os recursos humanos, formados por docentes e técnicos(as). De fato, para a UFU, a adesão ao ReUni significou mais que dobrar a quantidade de docentes e técnicos(as) e quase que triplicar a quantidade de discentes.

Como uma consequência disso, milhares de vagas de concursos para docentes foram abertas em quase todas as Universidades Federais brasileiras.

Em março de 2008, tomei conhecimento que a UFU também abriria diversas vagas novas para a docência, o que de fato viria a acontecer. Então, em junho do mesmo ano, participei do processo seletivo para uma vaga como docente, para atuar nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Matemática e de Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia, vinculado à

Faculdade de Educação (FACED) da UFU. Fui aprovado em primeiro lugar naquele concurso que contava, em sua primeira etapa, com doze candidatos(as).

Mudar para Uberlândia não foi uma decisão fácil de ser tomada. Como eu, minha esposa e filhas não conhecíamos a cidade, decidimos utilizar uma semana de nossas férias de julho de 2008 para conhecê-la. E assim o fizemos. Passeamos em seus parques, lojas e centro; e visitamos escolas públicas e privadas, bem como as dependências do *campus* Santa Mônica da UFU, onde fica localizada a FACED/UFU. Morar em “Udia”, como a cidade é comumente chamada, era então uma possibilidade.

Com a publicação do resultado do concurso em diário oficial e com a data da posse agendada para 10 de novembro de 2008, com um misto de muita alegria e dor no coração, decidimos nos mudar para Uberlândia.

Entendo que eu estava numa posição bastante confortável em termos de possibilidades e desafios futuros. O mesmo eu não poderia dizer em relação à minha esposa, que já tinha uma carreira bastante reconhecida e promissora na rede municipal de ensino de São Bernardo do Campo. A sua dor ao pedir afastamento sem vencimentos a princípio e, alguns anos mais adiante, afastamento total, foi genuína. Da mesma forma, nossas filhas sofreram com essa mudança. Abandonar suas escolas e redes de amigos(as) foi, de algum modo, desafiador para elas.

A parceria da minha esposa ao mensurar tudo isso, apoiando-me em meus projetos, ações e em meus receios, ao mesmo tempo em que era porto seguro para as nossas filhas, permitindo-as sentirem suas dores e acolhendo-as, inebriava-me de ternura, admiração e amor.

Não demoraria muito tempo para minha esposa ser reconhecida em Udia. Sua competência enquanto educadora era pulsante e impossível de não ser notada ou contida. Logo foi contratada como docente de uma escola privada, já quando visitávamos a escola para matricularmos nossas filhas. Em seguida, foi contratada como coordenadora pedagógica em uma escola de grande porte privada de Uberlândia, vinculada a uma rede nacional de ensino confessional. E, em 2010, foi aprovada em um concurso público para atuar como docente na Escola de Educação Básica (ESEBA), da UFU. Além de amá-la profundamente, sempre tive e tenho muito orgulho de sua competência profissional, amorosidade e maneira única de estar no mundo, afetando positivamente todos(as) à sua volta.

Com todas as dores e alegrias inerentes ao processo, mudamo-nos para Uberlândia em 01/11/2008 e aqui permanecemos desde então.

Uma condição basal que nos impomos em termos de nossa vinda para Uberlândia se relacionou à qualidade de vida que teríamos aqui: desejávamos comprar uma casa ampla e com

quintal. Entretanto, com a correria e a rápida publicação do resultado do concurso, não tivemos tempo de vender nosso imóvel de São Bernardo do Campo. Assim, chegando em Udia, alugamos uma casa bastante confortável a três quadras da universidade, na qual moramos por três meses.

Em 26 dezembro de 2008, conseguimos vender nosso apartamento de São Bernardo do Campo e, em 06 de janeiro de 2009, compramos uma chácara no Bairro Mansões Aeroporto, em Uberlândia.

Morar em uma chácara representava para mim um retorno às minhas origens e a possibilidade do contato com a terra, algo que eu sempre gostei. E, para minhas filhas e esposa, representava a possibilidade de construção de novos afetos e novas formas de intervir no mundo, cuidando de plantas e de animais e tendo contato diário com a natureza.

A rotina de cuidados com a chácara, somadas às rotinas da universidade naturalmente se constituía como algo bastante desafiador e, sob o ponto de vista físico, cansativo. Mas, em termos de significado de vida, sempre foi bastante gratificante. Nossa chácara/lar, de algum modo, tornamo-la um tipo de local para celebração de amizades, atividades diversas, encontros políticos e de recepção de colegas estrangeiros e de outras universidades. Foram centenas de pessoas recebidas por nós ao longo dos mais de 16 anos em que já moramos aqui.

### **Atuação na FAGED/UFU**

Vale registrar que, se a Faculdade de Educação (FAGED) da UFU contava com pouco mais de 30 docentes em 2006, atualmente, em decorrência da adesão ao Reuni, ela conta com aproximadamente 70 docentes concursados em seu quadro.

Quando ingressei na FAGED, encontrei um grupo de educadores(as) bastante receptivos, que pautavam suas práticas em pedagogias humanistas e inclusivas. Imediatamente, já me senti acolhido e imerso em um universo pulsante em termos de produção acadêmica, compromisso social e grande competência profissional. A quantidade de livros e revistas publicados, eventos, ações *etc.* produzidos pelos(as) colegas que me antecederam na FAGED se constituía como um grande legado de realizações que deveria ser respeitado e continuado. A responsabilidade de *estar* na FAGED sempre me foi muito grande. Sempre procurei honrar a sua história.

Ainda no final de 2008, quando a gestão do Prof. Arquimedes Cilone como reitor da universidade estava chegando a seu último mês, visitei as dependências da reitoria. Lá, encontrei a Profa. Dra. Gercina Santana Novaes, à frente de uma das diretorias da Pró-Reitoria

de Extensão (PROEX), naquele que era seu último dia de trabalho no cargo que ocupava de 2001 a 2008.

Ela me falou de alguns dos diversos projetos desenvolvidos durante a gestão dela e do Prof. Dr. Gabriel Palafox como Pró-Reitor de Extensão<sup>5</sup>, bem como sobre outros potenciais projetos que estavam em construção, como o Rede de Educação Popular, para o qual me convidou para colaborar. Convite aceito de imediato. A afinidade com a Gercina, como a chamo desde então, foi instantânea.

Por meio do mandato do então Deputado Federal Gilmar Machado, a profa. Gercina já havia solicitado no ano anterior um aporte financeiro de emenda parlamentar que chegaria na UFU no início de 2009. Com essa verba, seria possível desenvolver o Projeto Rede de Educação Popular e implementar diversas ações de extensão com grande interface com a pesquisa.

### **Projeto Rede de Educação Popular**

Com a chegada do aporte financeiro no primeiro semestre de 2009, em parceria com a Profa. Gercina e vários(as) outros(as) colegas, buscamos construir as condições necessárias para a implementação do “Projeto Rede de Educação Popular”. Este projeto se fundava no compromisso com a transformação social a partir do fortalecimento das práticas educativas populares, com forte articulação com os movimentos sociais e as instituições públicas, priorizando ações voltadas para a formação cidadã, a valorização dos saberes populares e o exercício da democracia participativa. Tinha por objetivos principais:

- Fortalecer a Educação Popular como política pública;
- Articular práticas educativas com movimentos sociais;
- Desenvolver metodologias participativas e emancipadoras;
- Avaliar e aprimorar os processos formativos;

Uma das primeiras ações nesse sentido se deu com a retomada do Grupo de Pesquisa e Estudos Em Educação e Culturas Populares (GPECPOP), que já existia desde 2001 no âmbito da UFU, mas que precisava ser reorganizado. Este grupo passaria a ser liderado por mim e pela

---

<sup>5</sup> Alguns desses projetos são: Educação Popular e Inclusão Social; Formação Docente e Práticas Pedagógicas; Extensão Universitária como Transformação Social; Educação, Saúde e Cultura Populares; Gênero e Violência Intrafamiliar; dentre outros. Fonte: [www.escavador.com](http://www.escavador.com); [proexc.ufu.br](http://proexc.ufu.br); [comunica.ufu.br](http://comunica.ufu.br); [repositorio.ufu.br](http://repositorio.ufu.br). Acesso em 11/07/2025.

profa. Gercina. Em termos de objetivos gerais, o GPECPOP teria cinco principais linhas que, na prática, seriam desdobradas em diversas outras:

1. Educação e culturas populares e instituições públicas de ensino.
2. Educação e culturas populares nas atividades de cooperação e solidariedade.
3. Educação e culturas populares nos movimentos e nas organizações sociais.
4. Educação e cultura populares, relações sociais e constituição do sujeito.
5. Etnociências e educação popular.

No Anexo 1, é apresentada a ementa do grupo.

Buscando sempre relevar o histórico de fracassos, exclusões e violências, em todos os aspectos, relativos aos modos como a educação de qualidade foi sempre negada às classes populares, as ações do GPECPOP reafirmavam um forte compromisso com a educação popular como uma possibilidade de libertação. Mesmo com objetivos bastante amplos, um amálgama entre eles era e sempre foi exatamente esse compromisso com os princípios da educação popular.

Assim, em termos práticos, as ações do GPECPOP foram organizadas em subgrupos, com cada um deles atuando em uma frente ou área do conhecimento. As áreas eram distintas entre si, mas sempre alinhadas com os objetivos do grupo.

Em certo momento, o GPECPOP contava com mais de nove subgrupos, cada qual com seus projetos e ações, sob um grande projeto guarda-chuva, o “Profeto: Rede de Educação Popular”.

Atuei como coordenador geral do “Projeto: Rede de Educação Popular” ao mesmo tempo em que atuava em um dos subgrupos, com um subprojeto específico: o “projeto de Alfabetização e Matemática”.

Este subprojeto tinha por objetivo compreender as necessidades formativas das trabalhadoras que atuavam nas unidades produtivas de confecção de artesanatos, fabricação de tijolos ecológicos, cozinha e horta da OnG “Ação Moradia”. E, a partir disso, desenvolver ações formativas junto ao grupo de trabalhadoras. Alfabetização, dentro dos objetivos do subprojeto, se relacionava também à alfabetização matemática.

Os projetos vinculados ao GPECPOP tinham como local de ação principal a Organização Não-Governamental (ONG) “Ação Moradia”, localizada na região leste de Uberlândia, mas não eram circunscritos exclusivamente àquele local. Havia subprojetos sendo desenvolvidos também no Centro de Formação de Professores da Rede Pública Municipal de Uberlândia (CEMEPE), em escolas municipais e em outros locais.



De fato, ao longo dos anos de 2009 a 2011, a atuação junto do GPECPOP foi muito intensa. No relatório das atividades do grupo, nesse período, é possível compreender a profundidade e abrangência das ações do grupo:

Nesse período, o grupo investigou processos relativos à educação e às culturas populares em diferentes contextos educativos; criou comunidades de comunicação e formação com educadores(as); desenvolveu banco de dados e estudos sobre experiências de grupos, com foco na educação e nas culturas populares e seus impactos nos processos de inclusão escolar/social, e investigou atividades de cooperação e de solidariedade. Essas ações foram vinculadas ao Projeto de Pesquisa “Rede de Educação Popular”, constituído por 9 subprojetos sobre aspectos que se entrecruzam na produção e compreensão da educação e das culturas populares. No ano de 2010, o Grupo adotou as Rodas de Conversa na formação e investigação com professores(as) da EJA e de 1º a 4º ano; contemplando duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua com professores(as), e iniciou o projeto Tecendo rede de investigação e intervenção: formação com educadores(as) para a educação de jovens e adultos, concluído em 2011; desenvolveu 6 projetos de pesquisa-ação, atendendo demandas, e finalizou o ART'CON-Incubação, fabricação de velas religiosas e artesanais, disponibilizado protótipo para produção de velas para a comunidade. O grupo apresentou 28 comunicados de pesquisa e publicou 16 textos completos, em anais de eventos científicos, e um livro. Estabeleceu parcerias com rede pública de ensino e ONGs e organizou um livro sobre teorias e práticas em violência intrafamiliar em parceria com SOS Ação Mulher família; livro este que já foi aceito por editora para publicação em 2012. Aprovou e ofereceu uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Educação. Propiciou iniciação científica para, no mínimo 11 alunos(as) da UFU, por ano, de diferentes áreas do conhecimento. Realizou o Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares e iniciou o processo de estabelecimento de convênio com a Cátedra da UNESCO, da Universidade de Girona – Espanha. Foram elaboradas e defendidas duas dissertações de Mestrado. (“Resumo” do Relatório das ações GPECPOP no período de 2009-2011 – Anexo 3)

O Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares (ENPECPOP), realizado em 16 e 17 de setembro de 2011, nas dependências do *campus* Santa Mônica da UFU, merece um destaque maior aqui, tendo em vista a sua importância para a dinâmica nacional de construção e fortalecimento da Educação e Culturas Populares enquanto campo de atuação e de investigação.

Figura 22 – Cartaz do Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares.

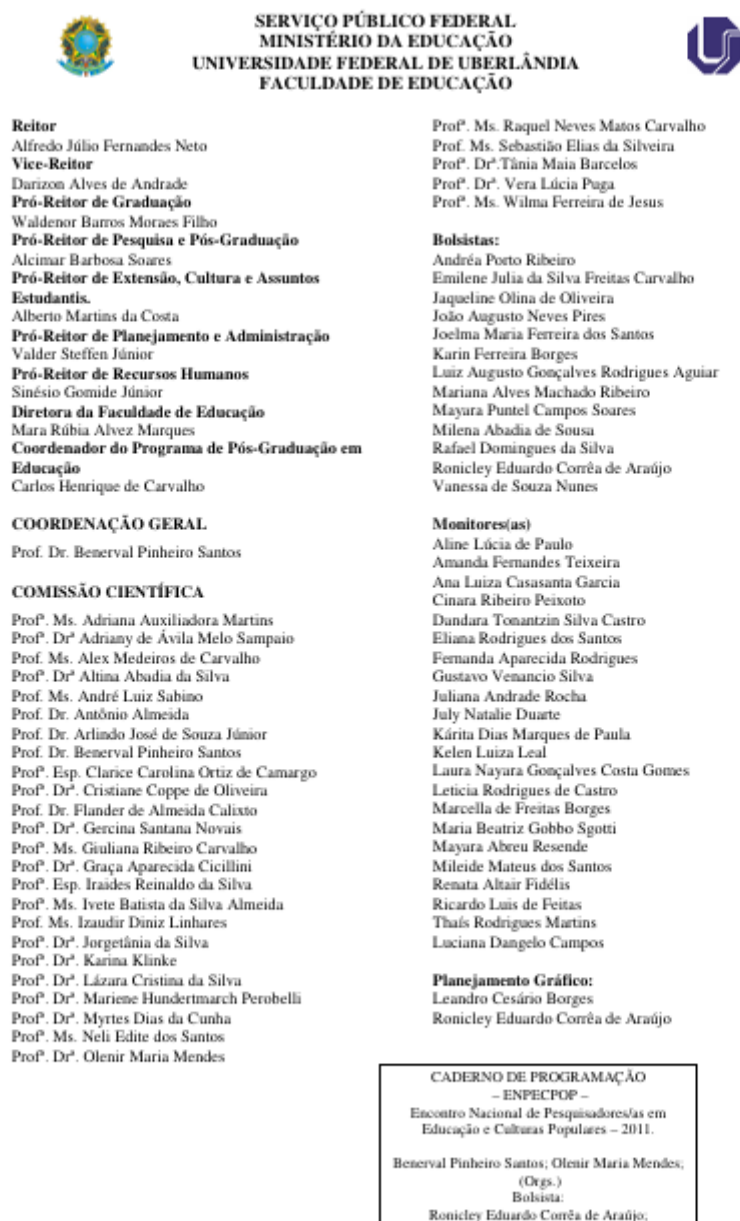


Fonte: Arquivo pessoal

Este evento contou com mais de 100 trabalhos apresentados e cerca de 500 pessoas inscritas, vindas de quase todas as regiões do Brasil. As rodas de conversa, como metodologia, foram adotadas ao longo do evento nas apresentações de trabalhos, debates, *etc.*

Este evento significou e se constituiu também como um importante espaço para celebração das culturas populares, com apresentações diversas ao longo de todo o evento. Elas eram atividades do evento e não atividades culturais em momentos de descontração (cafés, intervalos, *etc.*)

Figura 23 – Capa do Caderno de Programação do ENPECPOP.



Fonte: Arquivo pessoal

Por meio do GPECPOP, foi possível, ainda, o desenvolvimento de ações de internacionalização das atividades do “Projeto: Rede de Educação Popular”. Nesse sentido, em 2012, firmamos um convênio de parceria interinstitucional/intercâmbio entre a UFU e a Universidade de Girona (UdG), na Espanha. Desse modo, viajei para a Espanha entre 18 e

25/11/2012, para firmar este acordo (Conf. Anexo 3). O convênio entre a UFU e a Universidade de Girona tinha por objetivo:

O objeto deste convênio é estabelecer o marco de colaboração entre a UdG, mediante a Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Humano e Sustentável, e a UFU, mediante o Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, nos aspectos de formação, debate, educação para o Desenvolvimento Humano e Sustentável, capacitação comunitária, autogestão e processos participativos, pesquisa de ação participativa, promoção dos Direitos Humanos e cultura de paz, luta contra a exclusão e as desigualdades sociais e qualquer forma de discriminação, fomento da convivência e defesa das pessoas emigrantes, interculturalidade, educação e promoção das culturas populares e afins. Este acordo tem como finalidade promover o intercâmbio cultural, científico e tecnológico entre as instituições, para fortalecer as relações acadêmicas entre Brasil e Espanha. (Convênio de acordo: UFU/GIRONA, Anexo 4)

Naquele momento de nossa história, experienciávamos condições únicas, repletas de possibilidades e potencialidades de crescimento. Com a descoberta do Pré-Sal, o Brasil figuraria em pouco tempo como o quinto maior produtor de petróleo do planeta. Ao mesmo tempo, a então presidenta Dilma Rouseff, anunciava que 10% dos *royalties* desta riqueza seriam destinados às áreas da Saúde e da Educação.

E, como descobriríamos três anos mais adiante, nem a nossa elite tosca e entreguista e muito menos o imperialismo norte-americano permitiriam que isso acontecesse.

O fato é que, já em 2012, a trama para entregar o Pré-Sal ao capital estrangeiro já se iniciava. Esse processo se acirrou em 2013, com os movimentos contra o aumento de passagens de ônibus em diversas cidades do Brasil, que tinham por objetivo criar a onda “a-política” que pavimentaria o caminho para o Golpe de Estado em 2016 contra a Presidenta Dilma.

Tudo isso representou um grande *vir a ser* em nossa dinâmica cultural, abrindo um hiato em nossa trajetória de crescimento e de desenvolvimento de consciência social crítica. Para piorar, esse estado de *consciência*, como alertou Freire (2001), retroagiria para um estágio de consciência fanatizada, que teve (e tem) o seu ápice com o bolsonarismo.

Frente a tudo isso, o convênio firmado por meio do GEPCPOP tornou-se também, um *vir a ser*.

A intensidade de produções e ações empreendidas pelos(as) membros(as) do GPECPOP se avolumou a tal ponto que, em determinado momento, surgiu a necessidade de organizarmos um evento interno ao grupo, o Colóquio de Pesquisa em Educação e Cultura Populares (COPECPOP). O objetivo era que as pessoas que atuavam no GPECPOP, que já ultrapassavam uma centena, pudessem acompanhar o que era desenvolvido nos diversos subgrupos, pois, de

Figura 24 – Cartas do Colóquio de Pesquisas em Educação e Culturas (COPECPOP)

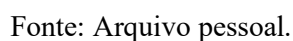


Figura 25 – Cronograma de apresentação dos projetos desenvolvidos pelos nove subgrupos do GPECPOP.

Fonte: Arquivo pessoal.

Com os aportes financeiros que recebíamos via emenda parlamentar do gabinete do Deputado Federal Gilmar Machado, era possível alocar a cada um desse subgrupos dois, três ou quatro discentes dos cursos de graduação da UFU, que atuavam como bolsistas de iniciação científica.

Os(as) membros(as) do GPECPOP sempre tiveram uma grande preocupação em divulgar os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos diversos subgrupos. Frente a isso, participamos de vários eventos com apresentação de trabalhos. O quadro abaixo mostra as apresentações realizadas apenas no período de 2009 a 2011:

Quadro 1 – Participação em eventos científicos com apresentação de trabalho e publicação de texto completo em anais por membros do GPECPOP, no período de 2009 a 2011

(Completo) Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Mayara Puntel Campos Soares; Milena Abadia de Sousa	I Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica	19, 20 e 21 de outubro de 2011.	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - UFU
(Completo) Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Mayara Puntel Campos Soares; Milena Abadia de Sousa	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	<b>GPECPOP</b> – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático	Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Mayara Puntel Campos Soares;	XIII CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA	26 e 30 de junho de 2011	Comitê Internacional de Educação Matemática
(Completo) Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Mayara Puntel Campos Soares.	XI Seminário Nacional “ <i>O Uno e o Diverso na Educação Escolar</i> ”	13 a 16 de junho de 2011	Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia
(Resumo) Módulos de Aprendizagem e Rodas de Conversa: O Uso de Calculadoras por Mulheres Trabalhadoras	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> , Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo	III Seminário de Prática Educativa e Semana do Curso de Pedagogia/Faced/UFU	29 de novembro a 03 de dezembro de 2010	Faculdade De Educação Curso De Pedagogia

(Completo) O Conhecimento Matemático de Algumas Trabalhadoras Populares: Interfaces entre os Saberes Constituídos e os Instituídos	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Mayara Puntel Campos Soares; Lucimar Divina Alvarenga Prata; Ana Paula Silva e Dayanne Daisy Rodrigues Silva	IV ENESCPOP – Encontro Nacional de Educação, Saúde e Culturas Populares	13 e 14 de agosto de 2010	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis – PROEX; Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Culturas Populares.
(Completo) A série Crepúsculo: nova "biblioteca azul"?	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística	2011	ILEEL/UFU
(Completo) Condição feminina e relações de poder em educação popular	GOMES, Thais F. P. A.; KLINKE, Karina	XI Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar	2011	FACED/UFU
(Completo) "Literatura de Entretenimento": série Crepúsculo e a constituição das subjetividades masculina e feminina	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	IX Jogo do Livro; III Fórum Ibero-Americano de Letramentos e Aprendizagens	2011	CEALE/UFMG
(Completo) A série Crepúsculo: nova "biblioteca azul"?	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística	2011	ILEEL/UFU
(Completo) Condição feminina e relações de poder em educação popular	GOMES, Thais F. P. A.; KLINKE, Karina	XI Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar	2011	FACED/UFU
(Completo) "Literatura de Entretenimento": série Crepúsculo e a constituição das subjetividades masculina e feminina	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	IX Jogo do Livro; III Fórum Ibero-Americano de Letramentos e Aprendizagens	2011	CEALE/UFMG



(Completo) A série Crepúsculo: nova "biblioteca azul"?	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística	2011	ILEEL/UFU
(Completo) Condição feminina e relações de poder em educação popular	GOMES, Thais F. P. A.; KLINKE, Karina	XI Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar	2011	FACED/UFU
(Completo) A série Crepúsculo: nova "biblioteca azul"?	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	ANAIS XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística	2011	UFU
(Completo) Condição feminina e relações de poder em educação popular	GOMES, Thais F. P. A.; KLINKE, Karina	ANAIS XI Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar	2011	UFU
(Completo) Contribuições da história da leitura e da escrita para a história da educação no Brasil (1998- 2009)	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Marieta de Moraes Ferreira)	2011	ANPUH-SP
(Completo) "Literatura de Entretenimento": série Crepúsculo e a constituição das subjetividades masculina e feminina	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	Anais do IX Jogo do Livro; III Fórum Ibero- Americano de Letramentos e Aprendizagens	2011	UFMG
(Completo) A série Crepúsculo: nova "biblioteca azul"?	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	Anais do XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística	2011	UFU
(Completo) Condição feminina e relações de	GOMES, Thais F. P. A.; KLINKE, Karina	Anais do XI Seminário Nacional: O Uno e o	2011	UFU

poder em educação popular		Diverso na Educação Escolar		
(Completo) Contribuições da história da leitura e da escrita para a história da educação no Brasil (1998-2009)	KLINKE, Karina, MELO, Márcio Araújo de	Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Marieta de Moraes Ferreira)	2011	ANPUH-SP
(Completo) Culturas Populares Migrantes: Os Processos Identitários de Migração e Relações de Comunicação na Constituição de Culturas Populares em Bairros Populares de Uberlândia	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Gercina Santana Novais; Joelma Maria Ferreira dos Santos	O Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) As Rodas de Conversa na Formação com Professores(as) de Jovens e Adultos: Palavras Ditas e Conceitos Matemáticos	<b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Gercina Santana Novais; Eliane Santana Novais; Sandra Gonçalves Vilas Bôas; Campos; Andrea Porto Ribeiro	XI Seminário Nacional “ <i>O Uno e o Diverso na Educação Escolar</i> ”	13 a 16 de junho de 2011	Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia
(Completo) Viver e Narrar a Cultura Digital: as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos.	Lucimar Divina Alvarenga; João Augusto Neves Pires; Arlindo José de Sousa Júnior; Luiz Augusto Gonçalves Rodrigues Aguiar; Alice Cremilda Porto Japiassu.	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP-	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) O Conhecimento que Não Chega: A Educação de Jovens e Adultos, a Precarização do Trabalho Docente e Algumas Utopias	Lucimar Alvarenga Divina Prata; João Augusto Neves Pires; Luiz Augusto Gonçalves Rodrigues Aguiar; Manuel Batista de Sá Filho.	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) As Rodas de Conversa como Espaço de Aprender e Ensinar	Eliane Santana Novais; Emilene Júlia da S. Freitas Carvalho; Graça Aparecida Cicilline.	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares

(Completo) Educação Digital na Educação de Jovens e Adultos: Construindo Novos Saberes-Sabores	Arlindo José de Souza Junior; Iraides Reinaldo da Silva; Grazielle Eloisa Balduino.	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular e Outras Interfaces: Uma Análise e Interpretação de Resumos de Teses de Doutorado em Educação do Banco de Teses da Capes	Andréa Porto Ribeiro; Rafael Domingues da Silva	Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares - ENPECPOP	16 a 17 de setembro de 2011	GPECPOP – Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares
(Completo) Formação Histórica dos Jovens Estudantes do Século XXI: Entre a Tradição Escolar e os Artefatos da Cultura Contemporânea	João Augusto Neves Pires; Cinthia Cristina de Oliveira Martins; Alinne Grazielle Neves Costa	Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História	Março/2011	Florianópolis
(Completo) As Rodas de Conversa na Formação com Professores(as) de Jovens e Adultos: Palavras Ditas e Conceitos Matemáticos	Andrea Porto Ribeiro; Gercina Santana Novais; <b>Benerval Pinheiro Santos</b> ; Eliane Santana Novais; Sandra Gonçalves Vilas Bôas Campos.	31º Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia - Enepe	17 a 23 de julho de 2011	Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/Paraíba
(Completo) Viver e narrar a cultura digital: As tecnologias da informação e comunicação na educação de jovens e adultos	Lucimar Divina Alvarenga; João Augusto Neves Pires; Arlindo José de Sousa Júnior; Luiz Augusto Gonçalves Rodrigues Aguiar; Alice Cremilda Porto Japiassu	XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil	Novembro de 2011	São Luiz/MA
(Completo) As Rodas de Conversa: Espaços de Investigação e de Formação de Professores(as) Em Educação Matemática	Eliane Santana Novais Sandra Gonçalves Vilas Bôas Campos	II Seminário de Pesquisa do NUPEPE	21 e 22 de maio de 2010	Uberlândia/ESEBA/UFU

(Resumo) As Rodas de Conversa e a Formação de Professores(as): Os Significados das Narrativas na Construção de Ideias e Conceitos Matemáticos	Gercina Santana Novais; Eliane Santana Novais; Sandra Gonçalves Vilas Bôas Campos	ENESCPOP – IV Encontro Nacional de Educação, Saúde e Culturas Populares	13 a 14 de agosto de 2010	Universidade Federal de Uberlândia/UFU
(Resumo) Rede de Educação Popular:	<b>Benerval Pinheiro Santos;</b>	ENESCPOP - IV ENCONTRO	13 a 14 de agosto de	Universidade Federal de Uberlândia/ UFU
(Resumo) Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático	Mayara Puntel Campos Soares; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Milena Abadia de Sousa. Orientador: <b>Benerval Pinheiro Santos</b>	I Encontro De Iniciação Científica e Tecnológica da UFU	20 de outubro de 2011	Uberlândia: UFU
(Completo) Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular e Outras Interfaces: Uma Análise e Interpretação de Resumos de Teses de Doutorado em Educação do Banco de Teses da Capes	Rafael Domingues da Silva. Orientadora: Gercina Santana Novais	I Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica da UFU	20 de outubro de 2011	Uberlândia: UFU
(Completo) Rede de Educação Popular: Uma Estratégia de Inclusão Escolar?	<b>Benerval Pinheiro Santos;</b> Gercina Santana Novais; Lucimar Divina Alvarenga.	XV Seminário Regional Sobre A Formação Do Educador.	14 a 18 de março de 2010	Uberlândia: UFU

Rede de Educação Popular: Uma Estratégia de Inclusão Escolar	<b>Benerval Pinheiro Santos;</b> Gercina Santana Novais; Lucimar Divina Alvarenga Prata	II Seminário de Pesquisa do NUPEPE	21 e 22 de maio de 2010	Uberlândia/ESEBA/UFU
--	---	------------------------------------	-------------------------	----------------------

Fonte: Arquivo GPECPOP

Após o período acima, houve diversas outras participações em eventos científicos, mas que não foram catalogadas da mesma forma.

Paralelamente ao desenvolvimento dos diversos projetos vinculados ao GPECPOP, foram implementadas outras ações, com convidados brasileiros(as) e estrangeiros:

#### Realização da Palestra

"Ideias matemáticas na história e culturas africanas". Ministrante Paulus Gerdes - Vice-president for Southern Africa, African Academy of Sciences; Chairman, AMU Commission for the History of Mathematics in Africa; President, International Study group for Ethnomathematics.

28 de junho de 2010, *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia.

#### Realização da Roda de Conversa

"Valorização da Cultura Africana e Moçambicana". Ministrante Paulus Gerdes - Vice-president for Southern Africa, African Academy of Sciences; Chairman, AMU Commission for the History of Mathematics in Africa; President, International Study group for Ethnomathematics.

28 de junho de 2010, *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia

#### Realização da Palestra

"Cronobiologia e Educação". Ministrante Dr. Luiz Menna Barreto - Doutorado em Ciências (Fisiologia Humana) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH - USP Leste), coordenador do Grupo Multidisciplinar de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos (GMDRB).

5 de outubro de 2010, *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia

#### Realização do Seminário

"Violência conjugal e intrafamiliar: escutando o autor". Mediador: Luiz Henrique - Gerente do Centro de Referência da Mulher da Secretaria da Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Distrito Federal.

3 de dezembro de 2010, *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia

#### Realização da Roda de Conversa

Com a professora Benedicta Nydia Gonzalés Rodrigues - Phd (President of Honor of the Educators Association of Cuba/ President of Honor of the Council for Adult Education in Latin America.

5 de outubro de 201, Uberlândia/MG. *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia

Organização da Roda de Conversa

Roda de Conversa "GEP.com" na IV Semana Nacional de Ciências e Tecnologias do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - *Campus* Uberaba.

17 de outubro de 2011, Uberaba/MG.

Realização da Roda de Conversa

Roda de Conversa com o professor Dr. Lanny Smith - integrante do Conselho Consultivo Internacional da Revista de Educação Popular. Apresentação da Revista de Educação Popular. Regina Nascimento - técnica responsável pelas revistas Em Extensão e Educação Popular. Apresentação do grupo GPECPOP e atividades em Educação Popular e conversa com o professor Lanny Smith

24 de outubro de 2011, Uberlândia/MG.

Realização da Roda de Conversa

Roda de Conversa "EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: experiências em assentamentos". Ministrante: Professor Marcos Cassin.

09 de dezembro de 2011, *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia

Realização da Palestra: "Das disciplinas às indisciplinas"

Com o professor Dr. Áttico Chassot - Professor licenciado em Química; mestre e doutor em Educação. É professor e pesquisador do Centro Universitário Metodista e do IPA nas áreas de História e Filosofia da Ciência e Alfabetização Científica. Página pessoal do professor Áttico [mestrechassot.blogspot.com](http://mestrechassot.blogspot.com)

15 de setembro de 2011 - *Campus* Santa Mônica - UFU

Realização da Palestra: "A ciência é masculina? É, sim senhor!"

Com o professor Dr. Áttico Chassot - Professor licenciado em Química; mestre e doutor em Educação. É professor e pesquisador do Centro Universitário Metodista e do IPA nas áreas de História e Filosofia da Ciência e Alfabetização Científica. Página pessoal do professor Áttico [mestrechassot.blogspot.com](http://mestrechassot.blogspot.com)

15 de setembro de 2011 *Campus* Santa Mônica - UFU/Uberlândia-

Roda de conversa: Cátedra UNESCO de desarrollo humano sostenible

Roda de Conversa pesquisadores(as) do GPECPOP, professora Dra. Ana Rebeca Urmeneta - Diretora da Cátedra UNESCO de Desarrollo Humano Sostenible/Universitat de Girona - Campus de Montivili s/n e a socióloga Armanda Gonçalves - Setor Psicossocial/Ação Moradia - Uberlândia.

27 de novembro de 2011, Uberlândia/MG.

(Fonte: Relatório das Ações do GPECPOP do período de 2009 a 2011)

Figura 25 – Cartaz de Divulgação do 2º ENPECPOP

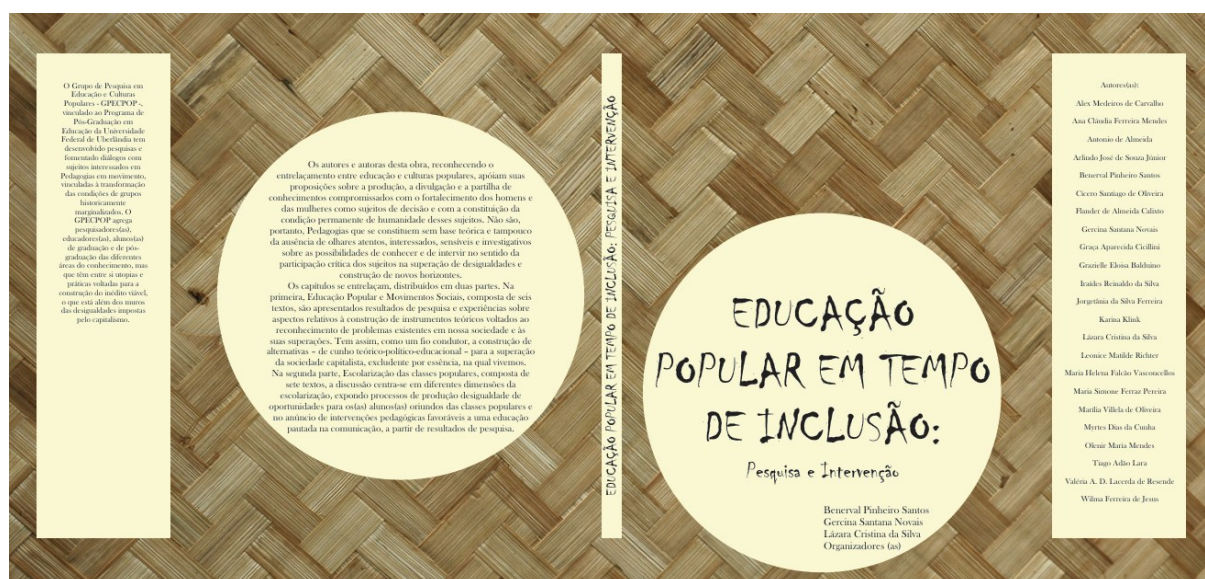


Fonte: Arquivo pessoal

Além das dezenas de apresentações de trabalho em eventos no Brasil e no exterior foi por meio do GPECPOP que participei da organização e da publicação de dois livros. O primeiro, “Educação popular em tempo de inclusão: pesquisa e intervenção” (Santos, Novais e Silva, 2011), organizado por mim, pela Profa. Gercina Santana Novais e pela profa. Lázara Cristina da Silva e publicado pela Editora da UFU (EDUFU) em 2011, constituiu-se como uma obra bastante densa, contendo algumas produções teóricas produzidas pelos(as) membros(as) do GEPCPOP, mas também por outros(as) pesquisadores(as) convidados(as). Os capítulos foram divididos em duas partes que se completam: a primeira parte, “Educação Popular e Movimentos Sociais”, foi organizada com seis textos, com conteúdos mais teóricos acerca de problemas sociais e meios para suas superações; a segunda parte, “Escolarização das Classes Populares”, foi composta por sete textos, entrelaçados em torno das diferentes dimensões do processo de escolarização das classes populares.

Nesta obra, além de dividir a organização com duas colegas, contribuí com a escrita da apresentação e na autoria de um dos capítulos: “A Escola Brasileira: um Mecanismo de Triagem Social”.

Figura 26 – Capa e contracapa do primeiro livro: “Educação Popular em Tempo de Inclusão: Pesquisa e Intervenção”.



Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo livro do GPECPOP, “Educação e Culturas Populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções”, dando sequência aos questionamentos e aos avanços teóricos e práticos apresentados no primeiro livro do grupo, constituiu-se como uma obra ainda mais densa e majoritariamente integrada por capítulos produzidos por membros dos diversos subgrupos. Ele foi



organizado por mim e pelas Profas. Dras. Cristiane Coppe de Oliveira e Olenir Maria Mendes e foi publicado em 2014 pela EDUFU (Santos, Oliveira e Mendes, 2014).

Esse segundo livro, então, foi organizado em três partes que pretendem proporcionar olhares em diferentes faces na temática Educação e Culturas Populares; nelas se encontra um conjunto de dez textos que se interconectam e que proporcionam ao(à) leitor(a) contribuições para a compreensão da Educação e Culturas Populares em diferentes contextos educativos, sob diferentes olhares, em uma perspectiva emancipatória.

A primeira parte do livro, “Educação Popular e Movimentos Sociais”, é composta por quatro capítulos que trazem os resultados de pesquisas e ações desenvolvidas na região leste de Uberlândia e buscam, em seu conjunto, construir alternativas à superação de situações de violência, de desigualdades e de exclusões.

[...]

A segunda parte do livro, “Formação Docente e Práticas Educativas”, também composta por quatro capítulos, evidencia artigos que têm em comum a preocupação com questões de formação docente e práticas educativas. Tais artigos buscam, em seu conjunto, por meio da construção de alternativas marcadas pelos princípios da Educação Popular, apresentar diferentes alternativas à superação dos processos de produção de desigualdades impostas aos alunos e alunas das classes populares. Frente a isso, a preocupação com a formação de um(uma) educador(a) popular é o fio condutor principal desses textos.

[...]

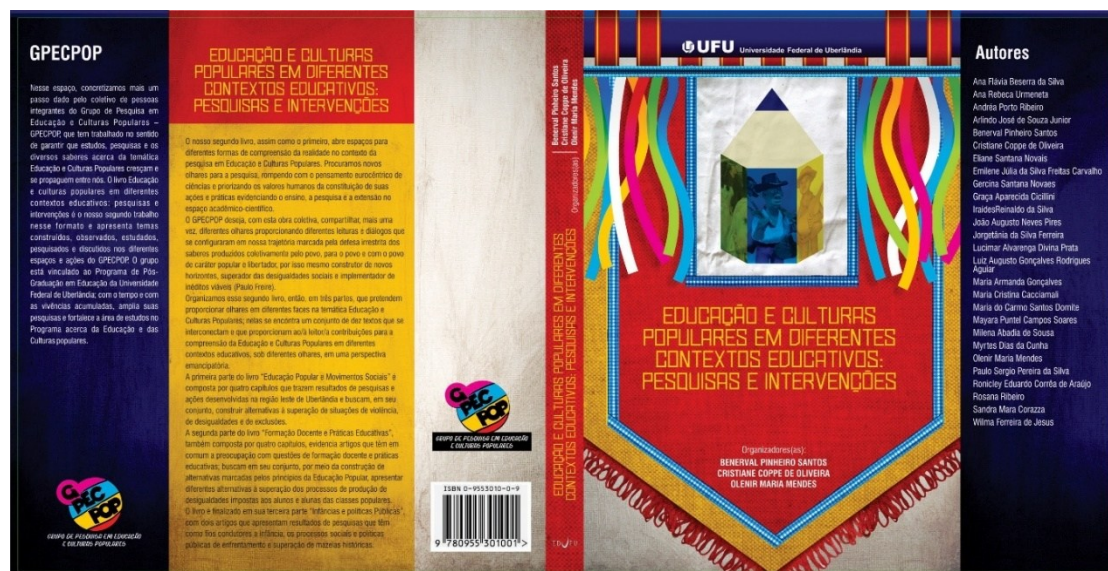
O título “Infâncias e Políticas Públicas” finaliza o livro em sua terceira parte e traz dois artigos que apresentam resultados de pesquisas que têm como fios condutores a infância, os processos sociais e políticas públicas de enfrentamento e superação de mazelas históricas.

[...]

O nosso segundo livro, assim como o primeiro, fornece espaços para diferentes formas de compreensão da realidade no contexto da pesquisa em Educação e Culturas Populares. Procuramos novos olhares para a pesquisa, rompendo com o pensamento eurocêntrico de ciências e priorizando os valores humanos da constituição de suas ações e práticas, evidenciando o ensino, a pesquisa e a extensão no espaço acadêmico-científico. (Santos, Oliveira e Mendes, 2014, pp. 9-15)

Nesta obra, além de dividir a organização e a apresentação dela com as duas colegas organizadoras, contribui também com dois capítulos: “Bonecas, Bolos, Matemática e Engajamento: Uma Análise dos Modos de Produção em Unidades Produtivas Populares”, feito em parceria com Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo, Iraídes Reinaldo da Silva, Milena Abadia de Sousa, Mayara Puntel Campos Soares e Ana Flávia Beserra da Silva; e “Matematicando a Colcha: Tecendo Saberes na Educação de Jovens e Adultos – EJA”, realizado com Cristiane Coppe de Oliveira e Iraídes Reinaldo da Silva.

Figura 26 – Capa e contracapa do livro: “Educação e Culturas Populares em Diferentes Contextos Educativos: Pesquisas e Intervenções”.



Fonte: Arquivo pessoal.

## Ações do Grupo de Matemática e Leitura (GML)

Não esmiuçarei aqui as ações, os projetos e as produções dos diversos subgrupos do GPECPOP, o que demandaria muito espaço, tempo e, de algum modo, me afastaria dos objetivos deste memorial. Assim, eu me atarei mais amiúde apenas às ações inerentes ao GML, um dos subgrupos coordenado por mim.

Frente às demandas que nos foram apresentadas pela coordenação da ONG Ação Moradia, localizada no Bairro Morumbi, de Uberlândia, identifiquei que várias delas exigiam ações específicas das áreas da Pedagogia e Matemática.

Assim, o GML foi organizado em 2009, como um dos subgrupos do GPECPOP, com o objetivo de agregar pessoas com interesses mais voltados para as questões da alfabetização e matemática, modelagem matemática e etnomatemática.

Entre 2009 e 2014, dezenas de pessoas contribuíram com a organização das pesquisas e ações vinculadas ao GML.

As ações desse subgrupo foram desenvolvidas junto às trabalhadoras de três unidades produtivas vinculadas à ONG Ação Moradia: a Fábrica de tijolos ecológicos; o Artesanato; e a Horta.

Após certo tempo de observação das atividades desenvolvidas pelas trabalhadoras, foram identificadas diversas necessidades formativas: compreensão matemática dos processos e dos meios

de produção, das despesas e dos lucros; domínio técnico de máquinas como calculadoras e computadores; alfabetização e escrita de algumas trabalhadoras; entre outras.

Assim, desenvolvemos ações voltadas para alfabetização, alfabetização matemática, utilização de calculadoras e computadores (uso da internet e de planilhas do programa Excel) e alfabetização e leituras.

Com forte fundamentação freiriana, as ações do GML tinham por objetivo principal não somente o que foi apontado acima, mas também o reconhecimento e a valorização das questões culturais dos grupos de mulheres.

O reconhecimento e a valorização cultural eram compreendidas como a base de qualquer ação. Frente a isso, as ações do projeto desenvolvido junto ao GML foram divididas em três momentos: De onde eu vim? Onde vivo? E o que faço?

Nesse sentido, ao mesmo tempo que as trabalhadoras tinham seus primeiros contatos com os computadores, ensinamo-las os comandos básicos do teclado e do *mouse* e a navegarem na Internet. Ensinamo-las a utilizarem o programa Google Maps, que foi largamente utilizado por elas para localizarem suas cidades natais e suas primeiras residências, em um processo de rememoração de seus passado e origens. Na mesma direção, a Internet as permitiu conhecer melhor a cidade de Uberlândia, onde viviam, bem como os espaços culturais, seus parques, restaurantes, *etc.*, que costumavam frequentar.

Nas atividades de leituras escrita, essas questões eram registradas por elas em textos digitados.

A compreensão de si, do que se produz, onde se produz, com quais objetivos e quais as perspectivas para o futuro representavam, grosso modo, o fio condutor das pesquisas e ações desenvolvidas junto ao GML.

Foram dezenas de pessoas que colaboraram com o GML, entre docentes das redes públicas (municipal de Uberlândia e federal), discentes bolsistas de vários cursos da UFU (de Pedagogia, Matemática, História, Geografia, Psicologia, *etc.*). Tudo isso configurava o GML como um espaço essencialmente multi e transdisciplinar.

Figura 27 – Eu, juntamente com bolsistas vinculados(as) ao GML- Ronicley de C. Araújo, Mayara Puntel Campos e Milena Policastro -, atuando com as trabalhadoras no Laboratório de Informática da ONG Ação Moradia



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 28 – Eu, juntamente com as bolsistas Mayara Puntel Campos e Dayanne D. Rodrigues, em reunião com as trabalhadoras da ONG Ação Moradia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 29 – Membros(as) do GML: Prof.<sup>a</sup> Iraides Reinaldo da Silva e os(as) bolsistas Ronicley E. C. de Araújo, Dayanne D. R. Silva, Ana Paula Silva e Mayara P. C. Soares, apresentando um trabalho produzido pelo GML em evento científico.



Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30 – Eu, juntamente com as bolsistas Mayara Puntel Campos e Dayanne D. Rodrigues, preparando ações do GML.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 31 – Planilha organizada pelas trabalhadoras da ONG Ação Moradia: Cálculo do custo de produção.

FONDEDOR	QUANTIDADE MÍNIMA DA COMPRA	UNIDADE DE MEDIDA	PREÇO DA QUANTIDADE MÍNIMA
Aslan Com. Armazenho	25	METROS	R\$ 10,00
Rei do Real	1000	GRAMAS	R\$ 3,00
Doação	1	UNIDADES	R\$ 0,00
Depósito da Praça	1000	MILITROS	R\$ 13,00
Rei do Armazenho	100	METROS	R\$ 5,00
Aunde	1	UNIDADES	R\$ 0,00
Kalunga	5	UNIDADES	R\$ 9,00
Coleta	25	UNIDADES	R\$ 0,00
Depósito da Praça	1000	GRAMAS	R\$ 2,00
Rei do Armazenho	1820	METROS	R\$ 2,00
Coleta	1	UNIDADES	R\$ 0,00
Niaz Chetif	1	METROS	R\$ 1,00
Empresa de site	1	UNIDADES	R\$ 1,00

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo do período em que estive à frente do GML, foram feitas dezenas de produções e participações em eventos científicos no Brasil e no exterior, como Espanha, Cuba e Colômbia. Não elencarei cada um deles aqui, visto que podem ser consultados em meu currículo, na plataforma Lattes (Anexo 12).

## De um educador matemático para um educador matemático popular

Naturalmente, as ações desenvolvidas junto ao GPECPOP e ao GML desempenharam um papel fundamental e de grande influência sobre mim e nos modos como cotidianamente e dialeticamente me constituo enquanto educador matemático. Atuar no campo da Educação Popular permitiu-me alargar meus horizontes em termos de modos e possibilidades de ação dentro do Campo da Educação Matemática.

Ao longo desse período, foi-me possível identificar também, agora junto a outro grupo social, traços daquelas mesmas reações que identifiquei nos(as) alunos(as) da educação básica e nos discentes do curso de formação de professores com os quais trabalhei durante o Mestrado.

O fato é que as demandas apresentadas pela ONG Ação Moradia ao GEPCPOP foram identificadas pela coordenação, tendo por base os seus objetivos. Ou seja, não foram demandas apresentadas *diretamente* pelas trabalhadoras. Assim, parar um processo de produção que lhes gerava renda para atuarem conosco nas ações do GML lhes parecia de algum modo uma contradição, descompasso e/ou perda de tempo. Nas primeiras reuniões junto ao grupo de trabalhadoras, identificamos várias reações ao chamado para a participação e ao comprometimento para com o processo de formação que buscávamos implementar. Muitas estavam ali, no início, por se sentirem de alguma forma obrigadas. Em todo caso, “nunca nos conformamos apenas com a presença física das trabalhadoras e técnicos(as) nos módulos de aprendizagem. O chamado para se envolverem, comprometerem-se, exercitarem a argumentação, defenderem posições, foi algo marcante em termos de objetivos em todos os módulos.” (Santos, Novais, Mendes, 2014, p. 115)

E, nesse processo, eu também me modificava. Compreendia com maior clareza que a Educação disciplinarizada não dará conta do processo de enfrentamento de nossas mazelas sociais e de superação do *silêncio* imposto às camadas populares de nosso país.

Os processos que busquei implementar junto ao GML eram, de fato, um chamado ao comprometimento. Segundo Freire (2000, p. 56), “a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento”.

Frente a tudo isso, eu já não me via como um educador matemático apenas, mas como um educador matemático popular. Eu me transformava e o GPECPOP foi (e ainda é) muito importante nesse processo. Sou grato a cada um e a cada uma que contribuíram nessa trajetória, especialmente à Profa. Gercina Santana Novais, pela sua humildade, honestidade, competência teórica e prática e pelo modo como me incluiu no universo da Educação Popular. A minha dívida com ela é impagável.

## Atuação no RENAFOR e no Curso de Especialização sobre História e Culturas Indígenas - Retorno à questão indígena

Sou Pataxó  
Sou Xavante e Cariri  
Ianomani, sou Tupi  
Guarani, sou Carajá  
Sou Pankararu  
Carijó, Tupinajé  
Potiguar, sou Caeté  
Ful-ni-o, Tupinambá

Depois que os mares dividiram os continentes  
Quis ver terras diferentes  
Eu pensei: Vou procurar  
Um mundo novo  
Lá depois do horizonte  
Levo a rede balançante  
Pra no sol me espreguiçar

Eu atraquei  
Num porto muito seguro  
Céu azul, paz e ar puro  
Botei as pernas pro ar  
Logo sonhei  
Que estava no paraíso  
Onde nem era preciso  
Dormir para se sonhar

Sou Pataxó  
Sou Xavante e Cariri  
Ianomani, sou Tupi  
Guarani, sou Carajá  
Sou Pankararu  
Carijó, Tupinajé  
Potiguar, sou Caeté  
Ful-ni-o, Tupinambá

Mas de repente  
Me acordei com a surpresa  
Uma esquadra portuguesa  
Veio na praia atracar  
Da grande-nau  
Um branco de barba escura  
Vestindo uma armadura  
Me apontou pra me pegar

E assustado  
Dei um pulo lá da rede  
Pressenti a fome, a sede  
Eu pensei: Vão me acabar  
Me levantei de borduna já na mão  
Ai, senti no coração  
O Brasil vai começar

Sou Pataxó  
Sou Xavante e Cariri  
Ianomani, sou Tupi

Guarani, sou Carajá  
Sou Pankararu  
Carijó, Tupinajé  
Potiguar, sou Caeté  
Ful-ni-o, Tupinambá

Música: Chegança

(NÓBREGA; FREIRE, 2001)

Ao longo dos anos de 2012 e 2013, atuei junto à Rede Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (RENAFOR), coordenada pela Prof. Dra. Sônia Santos, estando à frente do “Módulo 2 – História e culturas dos Povos Indígenas” e ministrando minicursos sobre Cultura e História dos povos indígenas em diversos polos, como Uberlândia, Monte Carmelo, Pato de Minas, Ituiutaba, Araguari e Nova Ponte. (Anexo 7). Aquela experiência construída junto à atuação no MAGIND, uma década antes, possibilitou-me retomar a atuação na questão indígena, agora voltada para o cumprimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Naquele período de nossa história, com o PT administrando o país já em seu terceiro mandato e a presidenta Dilma sendo eleita para o seu segundo mandato, gozávamos de grandes possibilidades nas questões da Educação em nosso país. O Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI), avançava em termos de políticas de Educação inclusiva, diversidade, alfabetização de jovens de adultos, *etc.*, buscando certa equidade na Educação.

No final de 2013, a SECADI abriu editais que possibilitaram a oferta de diversos cursos de especialização. Assim, em parceria com a PROEX/UFU, tivemos um projeto aprovado pela SECADI para o desenvolvimento de um curso de especialização em História e Culturas dos Povos Indígenas, nas dependências da UFU. Atuei na coordenação geral do curso, enquanto o Prof. Marcel Mano, docente do Instituto de Ciências Sociais (INCIS/UFU) atuou como coordenador do curso e a Profa. Ms. Clarice Carolina Ortiz de Camargo, docente da Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA/UFU) atuou como formadora (Anexo 8).

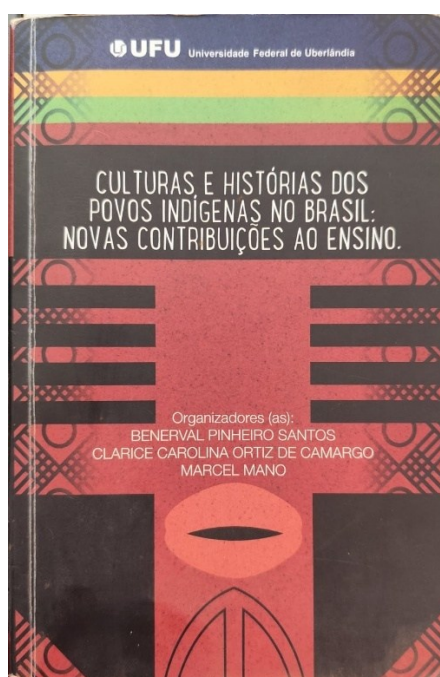
O curso teve início em 02/06/2014 e foi finalizado em 05/12/2015, Ele formou 60 professores e professoras, com uma carga horária extensa, de 505 horas, muito acima do que era exigido pela SECADI. Em reunião presencial na SECADI, em Brasília, com os(as) coordenadores(as) dos diversos cursos de especialização que estavam sendo ofertados em todo o Brasil, pude comprovar que o nosso era o de maior carga horária, com atividades bastante densas e que possibilitariam uma formação muito sólida dentro da temática das culturas e história dos povos indígenas.

Ainda como uma das ações do curso, organizei, juntamente com o Prof. Dr. Marcel Mano e a Profa. Ms. Clarice Carolina Ortiz de Camargo, o livro “Culturas e Histórias dos Povos Indígenas no



Brasil: novas contribuições ao ensino”, publicado em 2015 pela RB Gráfica Digital Eireli (Santos, Camargo, Mano, 2015). Além de se constituir como uma obra bastante densa em termos de contribuições teórico-práticas para a temática das culturas e história dos povos indígenas, o livro foi pensado como um tipo de manual que possibilite aos/às leitores(as) interessados(as) a organização de ações similares.

Figura 32 – Capa do livro “Culturas e História dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda como uma das ações do curso, juntamente com quase todos(as) os cursistas, alguns formadores e um bolsista, visitamos a Aldeia Xavante Namunkurá, localizada em Barra do Garça, no Mato Grosso, em julho de 2015, atendendo a um convite das lideranças daquela comunidade (Anexo 9).

Mais que uma simples visita, os(as) cursistas puderam vivenciar etnograficamente o cotidiano da aldeia durante cinco dias, no mesmo período em que acontecia um dos rituais de passagem mais importantes para os jovens xavantes: o Waí'á.

Figura 33, 34, 35, 36 e 37 – Imagens do cotidiano da aldeia Namunkurá, em Barra do Garça (MT), durante a nossa visita de 18 a 22 de julho de 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Como uma consequência dessa visita, alguns/mas cursistas desenvolveram seus trabalhos de conclusão de curso (TCC) tendo por base objetos de estudo relacionados à cultura Xavante, enquanto outros(as) continuaram seus estudos no mestrado com as mesmas temáticas iniciadas nos seus TCCs.

Ainda manteve contato com as lideranças Xavantes, particularmente com o Educador Gaspar Waradzere Tsiwari e com seu irmão, o cacique Moisés, que periodicamente vêm desenvolver atividades em Uberlândia, momentos em que sempre contribuem no curso de Pedagogia, falando para nossos(as) alunos(as) sobre suas culturas e cotidianos.

Recentemente, o Prof. Xavante Gaspar me homenageou batizando um de seus filhos com meu nome.

Figura 38 – Eu com o Prof. Xavante Gaspar Waradzere Tsiwari, durante atividade junto à disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia Noturno, em 24 de abril de 2025.



Fonte: Arquivo pessoal.

### **Atuação na docência: Um educador matemático popular na pedagogia**

Desde minha chegada à FACED/UFU, tenho lecionado as disciplinas Estágio Supervisionado, Metodologia do Ensino de Matemática (noturno) e optativas, como Introdução à Informática ou Racismo e Educação, no curso de Pedagogia.

De fato, as universidades federais brasileiras têm se organizado, em termos de seus editais de concursos para as vagas na docência, quase como uma cátedra. Uma vez aprovado para atuar numa certa disciplina, isso se torna algo permanente, definitivo, como se a disciplina nos pertencesse e a mais ninguém.

Não pretendo aqui emendar uma discussão acerca desta questão, mas apenas apontar aquilo que tem moldado o meu processo de constituição: ministrar as mesmas disciplinas durante tanto tempo me obriga a adotar um cuidado maior para não me deixar cristalizar em um determinado tempo histórico.

Nesse sentido, particularmente na disciplina de Metodologia do Ensino de Matemática, procuro sempre envolver a turma na dinâmica histórica de construção da área da Educação Matemática (EM).

De fato, o primeiro contato das crianças com as ideias matemáticas se dá na escola formal, por meio das ações de pedagogos(as). Por isso, é com muita responsabilidade que penso a formação desses(as) profissionais. Inserir-los(as) na área da EM de uma forma crítica, ética, coerente e pautada na responsabilização são pilares dos quais nunca abri mão no processo de suas formações (Anexo 10).

Mais do que ensinar conteúdos e materiais que serão trabalhados pelos(as) pedagogos(as) em suas atuações futuras, pauto minha prática e ações pedagógicas na formação de pessoas críticas e cientes de suas responsabilidades profissionais. Para isso, elementos de História, Antropologia, Matemática, Filosofia, Física, Ciências, Biologia, Artes, entre outras, são incorporadas em minhas aulas como conteúdos que atravessam todo o percurso histórico de constituição da EM enquanto campo de atuação desses(as) profissionais.

Dito de outro modo, entendo que me constituo como um educador matemático popular, profundamente influenciado particularmente pelas teorizações de Freire e de D'Ambrosio e minha prática é resultado disso.

Nesse sentido, e frente aos ataques à democracia, às ciências etc. pelos grupos reacionários de nossa sociedade, implementei, nos últimos anos, atividades e ações formativas envolvendo as alunas e os alunos do curso de Pedagogia Noturno da UFU e o Movimento dos e das Trabalhadores(as) Sem-Terra (MST). Os objetivos dessas ações se relacionam a: compreender/utilizar/aplicar a matemática em situações reais, modelando matematicamente a produção e comercialização de produtos do MST; compreender a importância social do MST na produção de alimentos saudáveis, no combate à fome, na luta pelo acesso à terra em nosso país e no combate às desigualdades sociais; compreender a etnomatemática como um programa de pesquisa que busca evidenciar os modos próprios de grupos culturais de produzir e compartilhar conhecimentos; e, finalmente, levar os e as discentes a

compreenderem de forma crítica as lutas de grupos sociais pelo acesso e uso da terra e como lidam com ela de forma saudável, sustentável e sem a utilização de venenos.

### **Um educador matemático, popular na Pós-Graduação**

Atuar na Pós-Graduação fazia parte de meus objetivos quando ingressei na UFU, em 2008. Entretanto, as regras e a exigência inerentes ao ingresso e à permanência como docente, particularmente no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFU, afastavam-me desse objetivo gradualmente. De fato, não pretendo fazer aqui um tipo de tratado acerca de como os programas de pós-graduação se organizam no Brasil (e em grande parte dos países ocidentais), mas apenas pontuar algumas contradições inerentes a esse tema.

Creio que não haja dúvidas de que cerca de 90% das pesquisas produzidas no Brasil são desenvolvidas nas universidades públicas. Do mesmo modo, não é possível negar a nossa subserviência ao desenvolvimento científico de outros países. Desde a produção de veículos automotivos até a produção de celulares, computadores *etc.*, as tecnologias, grosso modo, são importadas.

A forma como os programas de pós-graduação, particularmente nas Ciências Humanas, se organizam aproxima-se de um modo de produção extremamente capitalista, como um produto a ser capitalizado e comercializado. Seja na forma de livros a serem vendidos (com baixo lucro ou sem lucro algum para seus autores e autoras) ou na forma de artigos publicados em revistas classificadas pelo sistema Qualis, o fato é que os impactos práticos dessas produções não são facilmente identificáveis e mensuráveis.

Sei que o foco da questão ou a problemática é mais distante e não facilmente identificável. Segundo Silva Júnior (2025, s.p.):

A crise vivida pela universidade pública brasileira transcende os números do orçamento, a precarização das estruturas ou a mera falta de reconhecimento social. O núcleo desse processo reside em uma experiência dilacerante e pouco nomeada: o professor universitário, tornado figura central de uma engrenagem contraditória, é capturado por uma dupla alienação que esvazia tanto o sentido de seu trabalho quanto a potência de sua palavra. [...] O professor é pressionado a transformar vocação em produtividade, criatividade em produto, dúvida em plano de metas. Quando o reconhecimento chega, ele já é moeda simbólica para outra competição. Quando falha, o fracasso é vivido como defeito pessoal, nunca como sintoma de um ambiente hostil.

Em termos da EM, área em que transito já há algumas décadas, o descompasso entre o que é produzido e o que é praticado na Educação Básica, por exemplo, é gritante. Esse sistema ou modelo de pós-graduação brasileira privilegia um produtivismo gigantesco, mas estéril em termos de

preocupações com suas aplicações. Trata-se, por vezes, de produzir por produzir, apenas para alimentar a engrenagem do produtivismo estéril.

E não estou condenando aqui as produções com seus produtores. Pelo contrário, é inegável a competência científica de nossos(as) pesquisadores(as). A crítica que faço é endereçada a um modo de produção estéril em termos de preocupação com a transformação de nossas realidades tão afeitas às desigualdades sociais. Ela não se relaciona à negação da necessidade das pesquisas científicas. Pelo contrário, sem desenvolvimento científico não há desenvolvimento social. A pesquisa científica é uma tarefa necessária, mas não suficiente na direção de uma equidade social.

Há que se rever esse modelo. Parece-me que algumas pessoas vinculadas ao atual governo começam a rever o sistema de classificação de publicações e, tudo indica, que o sistema Qualis não será continuado e serão desenvolvidos novos critérios, que terão por foco os impactos dos trabalhos. Devemos ficar atentos para o que será compreendido por “impacto”. Não sou muito esperançoso quando assisto pessoas ligadas aos grandes conglomerados privados da área da educação atuando dentro do governo, particularmente no MEC.

Ainda, creio que apenas a troca de um instrumento por outro não alterará a forma como os programas de pós-graduação são organizados atualmente. O problema é de base e de concepção acerca das funções sociais das pesquisas acadêmicas e dos tempos necessários para desenvolvê-las, não de substituição de mecanismos de aferição.

Quando observo as grandes conquistas científicas desenvolvidas ao longo da história, como a teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin, a teoria da gravitação universal, de Isaac Newton, a teoria da relatividade de Albert Einstein, dentre milhares de outros exemplos, e os tempos e investimentos necessários para que fossem desenvolvidas, sou levado a crer que nos modelos de pós-graduação atuais elas dificilmente seriam concebidas.

Tudo me leva a crer que o modelo capitalista cooptou até mesmo os e as cientistas e suas produções científicas, que passam a ser consideradas como mercadoria, não necessariamente seus impactos, mas apenas as suas divulgações é que são capitalizadas na forma de artigos em revistas, *papers*, dentre outras.

Nesse cenário, confesso que não me envolvi na pós-graduação como eu almejava/desejava. Atuei como docente na pós-graduação apenas entre 2016 e 2019, no Programa de Pós-Graduação profissional Interunidades da UFU. Naquele período ministrei disciplinas voltadas para a área da EM, como Tópicos em Conteúdo de Matemática: Conceitos e Ideias no Processo de Investigação Matemática, e Temas e Projetos Interdisciplinares na Educação Científica e Matemática (Anexo 10).

Entendo, pelas devolutivas recebidas de discentes e colegas, que me destaquei enquanto docente na pós-graduação. Porém, com outros interesses e necessidades, mais voltadas para as

questões sociais, também inerentes à atuação numa universidade pública, eu não me aproximei mais da pós-graduação. Pretendo rever esta decisão nos próximos anos, antes de minha aposentadoria, que ainda tardará cerca de oito anos.

### **Atuação na ADUFU-SS – Associação dos e das Docentes da UFU, Seção sindical**

O pulso ainda pulsa  
O pulso ainda pulsa...

Peste bubônica  
Câncer, pneumonia  
Raiva, rubéola  
Tuberculose e anemia  
Rancor, cisticercose  
Caxumba, difteria  
Encefalite, faringite  
Gripe e leucemia...

E o pulso ainda pulsa  
E o pulso ainda pulsa

Hepatite, escarlatina  
Estupidez, paralisia  
Toxoplasmose, sarampo  
Esquizofrenia  
Úlcera, trombose  
Coqueluche, hipocondria  
Sífilis, ciúmes  
Asma, cleptomania...

E o corpo ainda é pouco  
E o corpo ainda é pouco  
Assim...

Reumatismo, raquitismo  
Cistite, disritmia  
Hérnia, pediculose  
Tétano, hipocrisia  
Brucelose, febre tifóide  
Arteriosclerose, miopia  
Catapora, culpa, cárie  
CâimbrRa, lepra, afasia...

O pulso ainda pulsa  
E o corpo ainda é pouco  
Ainda pulsa  
Ainda é pouco  
Assim...

Música: O Pulso

(ANTUNES; BRITO; BELLINI, 1989)

Em meados de 2017, juntamente com alguns(mas) colegas docentes da UFU, montamos uma chapa para a gestão executiva da seção sindical dos(as) docentes da UFU, a ADUFU, na qual eu

ocupi o cargo de presidente. Como não tivemos concorrência, nossa chapa *venceu* as eleições e passamos a administrar a ADUFU durante os anos de 2017 a 2019.

Com o golpe de estado jurídico e midiático contra a presidenta Dilma no ano anterior, com o acirramento do processo de criminalização do PT e do então ex-presidente Lula à época e, principalmente, com o crescimento das narrativas apolíticas e de feições fascistas, eu entendi que não seriam dois anos fáceis à frente do sindicato. E de fato, não foram.

Juntamente com o grupo de colegas que compunham comigo a diretoria do sindicato, enfrentamos ataques em diversas frentes, que tinham por objetivo acabar com direitos historicamente conquistados.

Naturalmente, não eram ataques apenas no âmbito da UFU, no raio de ação da ADUFU. Eram ataques orquestrados pelos grupos dominantes política e economicamente contra todo o povo brasileiro.

O golpe de 2016 e a entrega do Pré-Sal ao capital estrangeiro era apenas a ponta do iceberg do que viria pela frente. Com a prisão de Lula e a cassação de seus direitos políticos, o caminho estava aberto para os grupos reacionários dominarem as narrativas com suas *fake news*, apoiadas pelos grandes empresários das comunicações e de *big techs*, como a Meta, dona do Facebook, Whatsapp e Instagram.

Naquele cenário, que podemos chamar de negação da razão e das ciências, a ignorância, a burrice, a estupidez, a violência e a corrupção dominavam as narrativas. E Jair Bolsonaro despontou como a expressão máxima de tudo isso, ele mesmo sendo a expressão de todas essas deteriorações humanas, sendo eleito presidente.

Com isso, o Brasil diminuiu de tamanho em todos os sentidos (economicamente principalmente), com piora em todas as áreas. A desigualdade social aumentou. O Brasil retornou ao mapa da fome mundial. A violência no campo, a impunidade e a degradação do meio ambiente aumentaram em níveis alarmantes. Houve violação dos direitos humanos e diminuição e enfraquecimento de instituições voltadas para a garantia desses direitos. A eliminação de pessoas defensoras dos direitos das minorias, como o assassinato da vereadora Marielle Franco, juntamente com o Anderson Pedro Gomes, motorista do carro em que a conduzia, são expressões daquele período, marcado sempre pela impunidade.

Todas estas violências e degradações de direitos não eram mais implícitas ou escamoteadas, mas, ao contrário, eram explícitas, como bem apontam - dentre outros - os relatórios anuais da Anistia Internacional ([www.amnesty.org](http://www.amnesty.org) e [www.anistia.org.br](http://www.anistia.org.br)).

O fato é que estar à frente da ADUFU nesse período se constituiu como uma tarefa bastante complexa, difícil e desgastante em todos os sentidos.



Durante os dois anos do mandato, organizamos 18 atos de rua, sendo alguns deles os maiores da história de nossa cidade. Lutávamos contra a PEC 95 e seus efeitos, que congelou os investimentos em saúde e educação por 20 anos; contra a Reforma da Previdência que, grosso modo, acabou com o direito das novas gerações de se aposentarem com alguma dignidade e obrigou pessoas da minha geração, por exemplo, a mais 10 ou 15 anos de contribuição previdenciária.

Ainda, lutamos arduamente contra a aprovação da EBSEH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, no âmbito da UFU. Uma empresa criada pela Lei n. 12.550/2011, vinculada ao MEC para administrar os hospitais universitários. A implementação de uma empresa desta em um cenário com um governo de centro-esquerda administrando o país seria algo bem diferente da implementação dela em governos golpistas (de Michel Temer) ou de cunho autoritário, entreguista, negacionista e que dialogava com grupos fascista (de Jair Bolsonaro). O fato é que a realidade mostrou que estávamos certos. Os hospitais universitários hoje, o HC da UFU inclusive, estão numa situação muito pior do que estavam antes da implementação dessa empresa.

À frente da ADUFU atuei firmemente na construção de parcerias com os diversos movimentos sociais de nossa cidade e, bem como, firmamos um tipo de irmandade sindical entre a ADUFU e SINTET – Sindicato dos técnicos e técnicas administrativos da UFU. Juntos e juntas atuamos contra todas as mazelas que nos assolavam naquele período.

Com o golpe de estado de 2016, o aumento do desemprego, somados ao aumento constante dos preços dos combustíveis em decorrência da privatização do Pré-Sal e da compra da gasolina em dólar, o aumento do custo de vida, as camadas sociais desfavorecidas de nossa sociedade foram empurradas para alguns degraus ainda mais abaixo na escala social. As ruas das grandes cidades se tornaram dormitórios de milhares de pessoas sem emprego, sem lar, sem trabalho e sem dignidade, abandonadas pelo poder público à própria sorte.

Todo esse cenário cobrava seu preço também sobre as universidades federais. Muitas delas mal conseguiam manter os seus serviços básicos e na UFU não foi diferente. As verbas que subsidiavam pesquisas, auxílios relacionados às políticas de permanência de discentes, de custeio, etc., desapareceram. O Brasil retroagiu, diminuiu nesse período.

Estar à frente de um sindicato do tamanho da ADUFU, com grande importância não apenas localmente, mas nacionalmente, e ainda mantendo todas as outras tarefas acadêmicas relativas ao cargo de docente de 40 horas com dedicação exclusiva, constituiu-se como uma tarefa por vezes até penosa.

Tudo isso me cobrou um preço bastante alto, não apenas em termos da qualidade do que produzia (ou deixei de produzir) academicamente, mas em termos de minha própria saúde e de qualidade em minhas relações familiares e interpessoais.

Como diz Arnaldo Antunes na letra da epígrafe desse tópico: “o corpo ainda é pouco”. E meu corpo me deu sinais disso. Ao término de meu mandato à frente da ADUFU, no final do mês de agosto de 2019, ao subir uma escada em um dos blocos de aulas do *campus* Santa Mônica da UFU, a minha perna direita travou. Com uma dor lancinante, eu pensei que estava sofrendo um ataque de câimbra, mas era algo muito pior. Eu rompia em mais de 50% o músculo gastrocnêmio interno da perna direita, a “batata da perna”. Era meu corpo me dizendo: pare.

Ainda desobedecendo meu corpo, junto com alguns amigos e amigas, montamos uma chapa para concorrer à direção executiva da ADUFU ao pleito seguinte, de 2019 a 2021, mas *felizmente* perdemos a eleição.

Tudo aquilo que foi vivido ao longo dos dois anos anteriores ainda cobraria o seu preço durante um bom tempo. O desgaste com pessoas, como amigos e amigas, e a descrença com os rumos que nosso país tomava geravam em mim um estado de quase desistência emocional. Perdi 10 quilos de peso no ano seguinte, sem motivo aparente ou doença detectável. Tudo era resposta do meu emocional, segundo a fala de uma médica que me atendeu nesse período.

Com a pandemia e o Brasil se afundando ainda mais na vergonha, na burrice, na idiotice, na violência e no negacionismo, minha situação pessoal em termos emocionais não melhorou muito. Agradeço imensamente à minha querida esposa e filhas por terem me dado suporte nesse período que, para mim, significou o mais tenebroso de minha história. Mas, tudo isso passou. A meu modo e com o apoio delas, encontrei mecanismo para compreender e superar tudo isso. Mas vejo claramente hoje que muitos estragos ficaram pelo caminho.

A atuação sindical, quando realizadas paralelamente às atividades desenvolvidas no âmbito trabalhista sob um regime de dedicação exclusiva, impõem um custo elevado àqueles e àquelas que se comprometem com essa tarefa. As lutas sindicais são constantes, intensas e transcendem os limites impostos por horários fixos, entendendo-se também nos finais de semana, feriados e, muitas vezes, avançando pela madrugada.

Exigem das lideranças envolvimento em viagens, participação em discussões e debates interinstitucionais, atuação em eventos e diversas outras ações e frentes que demandam tempo, energias e disponibilidades.

Vale ressaltar que a atuação na ADUFU ocorre sem remuneração ou gratificação adicional e podemos destinar apenas quatro horas de trabalho para esta atividade em nosso plano laboral. Todo esse quadro acaba por afastar ou desestimular muitos e muitas colegas docentes desta atividade.

Diante dessa realidade é necessário repensar o tradicional tripe da atividade acadêmica, que se funda no ensino na pesquisa e na extensão. Especialmente para os e as docentes em regime de trabalho com dedicação exclusiva e de 40h, defendendo que, além desses pilares, sejam reconhecidas e

incorporada à prática acadêmica a atuação nas esferas da gestão e da representação político-sindical, valorizando o papel estratégico de formação e de transformação inerentes a eles.

## **Pesquisas e Extensão**

Durante os mais de 16 anos em que atuo como docente na UFU, desenvolvi diversas pesquisas que, sempre e de alguma forma, dialogavam também com a extensão e com a busca constante para a construção de um mundo menos desigual.

De fato, entendo que a extensão universitária na acepção que Freire (2001b) lhe atribui justifica muito de minhas ações enquanto um funcionário/servidor público federal. Toda e qualquer atividade desenvolvida no âmbito de uma universidade pública pertence e deve ser voltada para o público.

As pesquisas e ações vinculadas ao Projeto Rede de Educação Popular, coordenadas por mim, eram norteadas por esta compreensão.

### **Projetos:**

Título do projeto: Ensino Fundamental de nove anos na cidade de Uberlândia: uma análise de sua implementação e dos processos de alfabetização e de alfabetização matemática na série introdutória.

Coordenador do Projeto: Benerval Pinheiro Santos

Período: 2009/2011.

Edital Propp 04/2009.

Tema do Grupo: Formação com Professores da EJA.

Professores(as): Benerval Pinheiro dos Santos, Gercina S. Novais, Sandra Vilas Boas

Bolsistas: Andréa Porto Ribeiro, Vanessa de Souza Nunes.

Local de Atuação: CEMEP

Coordenador(a): Benerval Pinheiro Santos.

Projeto: Roda de Conversa na Formação com Professores da EJA/ PMEA.

Participantes: Professoras do PMEA- Programa Municipal de Erradicação do Analfabetismo.

Tema do Grupo: Grupo de Matemática e Leitura.

Professores(as): Benerval Pinheiro Santos; Iraídes Reinaldo da Silva – Professora do Município de Uberlândia.

Bolsistas: Milena Abadia de Sousa, Ana Flávia Bezerra da Silva, Mayara Puntel Campos.

Colaborador: Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo - Graduando em Matemática pela Universidade de Uberaba - UNIUBE

Local de Atuação: Unidades Produtivas – UP's e no Laboratório de Informática da ONG Ação Moradia – Bairro Morumbi.

Atividades: rodas de conversa e investigação das atividades realizadas nas UP's de 2009. 2014.

Coordenador(a): Benerval Pinheiro Santos

Projeto: Necessidades formativas das mulheres trabalhadoras da ONG Ação Moradia em relação à matemática, interfaces entre Matemática e Leitura.

Participantes: mulheres trabalhadoras da ONG Ação Moradia

Tema do Grupo: Inventário.

Professores(as): Gercina S. Novais, Benerval Pinheiro Santos

Bolsistas: Joelma Maria Ferreira dos Santos.  
Local de Atuação: Ação Moradia e SOS Ação Mulher família.  
Coordenador(a): Gercina S. Novais.  
Projeto: Culturas Populares Migrantes.  
Participantes: mulheres trabalhadoras da ONG Ação Moradia, entre 2009 e 2011.

**PROJETO “TECENDO REDE DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO: FORMAÇÃO DE EDUCADORES (AS) PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA”**

Coordenador(a): Benerval Pinheiro Santos

Participante: LÁZARA CRISTINA DA SILVA Função: Pesquisadora com as seguintes atribuições: implementar Rodas de Conversa no processo de formação de professores(as) da EJA; elaborar material de apoio ao processo de discussão e participar da divulgação dos resultados.

Participante: GERCINA SANTANA NOVAIS Função: Pesquisadora, com a função de colaborar para a criação de comunidades de discussão e intervenção com foco nas dificuldades nos processos de ensino e aprendizagem e a organização do calendário de cursos de formação de educadores que atuam na EJA/PMEA.

Participante: CRISTIANE COPPE DE OLIVEIRA Função: Pesquisadora com a responsabilidade de colaborar com a produção de material de apoio aos processos educacionais de Jovens e adultos.

Participante: BENERVAL PINHEIRO SANTOS Função: Coordenação geral do Projeto e pesquisador, com a responsabilidade de: coordenar os Cursos de Formação e a produção de materiais de apoio; participar da comunidade de investigação, das sessões reflexivas e da publicação dos resultados; da análise e sistematização dos dados da investigação.

Participante: SANDRA GONÇALVES VILAS BOAS CAMPOS Função: Pesquisadora com as seguintes atribuições: implementar o Curso de formação; elaborar material de apoio ao processo de discussão e participar da divulgação dos resultados.

Participante: IRAÍDES REINALDO DA SILVA Função: Pesquisadora e professora com a tarefa de participar da coleta, análise dos dados e publicação dos resultados.

Participante: ELIANE SANTANA NOVAIS Função: Pesquisadora com as seguintes atribuições: participação na coleta e análise dos dados; colaboração para a criação das comunidades de discussão; participação na organização do calendário e implementação das comunidades de discussão e investigação e publicação dos resultados. Implementação das Rodas de conversa na formação permanente.

Participante: LUCIMAR DIVINA ALVARENGA PRATA Função: Pesquisadora com a função de coletar, analisar dos dados e publicar os resultados. Implementar Rodas de conversa na formação com professores(as) da EJA.

Participante: SÔNIA MARIA DOS SANTOS Função: Pesquisadora com a responsabilidade de desenvolver atividades do projeto de pesquisa e intervenção, contemplando duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores(as) que atuam na Educação de Jovens e adultos no município de Uberlândia.

Participante: ARLINDO JOSÉ DE SOUZA JUNIOR Função: Pesquisador, com a função de desenvolver ações formativas envolvendo: 1º) Formação de educadores(as) que atuam na educação de jovens e adultos; 2º) Criação de materiais de apoio ao processo formativo; 3º) Criação de comunidades de investigação e discussão.

Participante: MYRTES DIAS DA CUNHA Função: Pesquisadora com a responsabilidade de desenvolver atividades ligadas à pesquisa ação com vistas à criação de comunidades de investigação e discussão.

Participante: GRAÇA APARECIDA CICILLINI Função: Pesquisadora com a responsabilidade de identificar necessidades formativas, selecionar eixos temáticos do curso de formação de educadores e implementar rodas de conversa com vistas à formação permanente.

Participante: OLENIR MARIA MENDES Função: Pesquisadora com as seguintes atribuições: elaborar e coordenar cursos de formação de educadores que atuam na EJA; implementar o Curso de formação; elaborar material de apoio ao processo de discussão e participar da divulgação dos resultados.

Período: 2010 – 2011.

Fomento: FAPEMIG - PROGRAMA INICIAÇÃO CIENTÍFICA (BIC- ÚNICA) - EDITAL 01/2009 – EXTENSÃO EM INTERFACE COM A PESQUISA

Projeto: O jogo de Xadrez e o ensino da Matemática  
Coordenador: Prof. Danilo Oliveira  
Participante: Benerval Pinheiro Santos  
Local: UFU - Campi Monte Carmelo e Santa Mônica  
Vínculo: PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA  
Período: 2024-2025.

Paralelamente a estas ações, desde meu ingresso na UFU, desenvolvi dezenas de ações extensionistas na forma de palestras, participação de atividades em ONGs e associações, escolas públicas etc., pautado sempre no compromisso social inerente aos objetivos de uma universidade pública, laica, gratuita, democrática e socialmente referenciada.

## **Publicações**

Ao longo de minha atuação na FAGED/UFU, participei de dezenas de eventos científicos e de congressos diversos que tinham por objetivo discutir a universidade pública e seus objetivos, metas e ações. Algumas dessas produções já foram apontadas ao longo dos tópicos anteriores deste memorial. Não entendo, contudo, que elencá-las todas aqui contribua de algum modo para a compreensão do processo de construção de minha jornada como um educador matemático popular. Ademais, todas as minhas publicações acadêmicas já estão apresentadas em meu Currículo Lattes, que segue no Anexo 12. Em termos quantitativos, ao longo do período em que atuo como docente na UFU participei da organização de três livros, publiquei trinta e dois artigos completos e nove resumos em anais de eventos científicos nacionais e internacionais, publiquei sete capítulos de livros, dentre diversas outras publicações de artigos em revistas e apresentações de livros.

Avalio como pertinente, porém, salientar que não me considero um professor/pesquisador produtivo e, do mesmo modo, assumo que publiquei menos do que poderia, frente ao montante de ações que desenvolvi e que, certamente, teriam grande pertinência na forma de artigos e capítulos de livros. Do mesmo modo, entendo que menosprezei as redes sociais como plataformas também adequadas para divulgação científica e de ações extensionistas.

Atualmente tenho me preocupado com estas questões e, no futuro, buscarei utilizar mais as redes sociais como meio de divulgação científica, como também publicações jornalísticas que, certamente, têm um alcance muito maior que um artigo publicado em uma revista ou um capítulo de livro.

## **Atuações diversas no âmbito da FAGED e da UFU**

Considero-me um professor bastante atuante e presente nas necessidades inerentes à universidade e à unidade acadêmica em que estou locado.

No âmbito da FAGED, já atuei como coordenador do Núcleo de Metodologia de Ensino em pelo menos três mandatos e, também, como coordenador do Laboratório Pedagógico.

Fui Representante da FAGED na Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRII) durante um mandato.

Desde meu ingresso na FAGED, sempre atuei como membro do Conselho da Faculdade de Educação (CONFAGED), tendo sido parecerista de diversos processos a mim destinados nesta função.

Particpei de diversas comissões: Comissões Eleitorais (nas eleições de diretores(as), coordenadores(as) de curso e de pós-graduação); Comissão de Elaboração do Projeto de criação da Coordenação de Extensão da Faculdade de Educação; Comissão de Estudos para proposição de normatização dos aspectos relativos ao peso dos votos nos editais de consulta eleitoral da Faculdade de Educação (Portaria SEI DIRFAGED nº 26, de 05 de outubro de 2018); Comissão para analisar as documentações relativas aos pedidos de remoção de docentes para a FAGED (Portaria 019/15/FAGED de 28/08/2015); Comissão Específica para avaliação dos relatórios de Progressão da FAGED (Comissão Instituída pela Portaria 006/14/FAGED/UFU – período de 05/05/14 a 01/08/2014); Comissão para analisar pedido de reconhecimento de diploma de Mestrado em Ciências da Educação (comissão instituída pela Portaria 436, de 12/05/2014); entre outras.

No âmbito da UFU, atuei como: representante da ADUFU-SS na Comissão nomeada pela Portaria R 1.434, de 25 de julho de 2017 acerca das atividades dos docentes integrantes das carreiras do Magistério Federal e sobre os regimes de trabalho; na comissão Estatuinte como representante docente eleito pelos seus pares - Portaria R 921 de 04/09/2015; Comitê de Assessoramento à DRII, instituído pela Portaria 363 de 11/04/14; Conselheiro do CONSUN, representando a ADUFU-SS, no período de 2017 a 2019. Todas estas ações estão apresentadas em meu currículo lattes (Anexo 12).

E na gestão, ocupo o cargo de Diretor substituto da FAGED desde 2022, conforme a Portaria De Pessoal UFU nº 1278, de 25 de março de 2022 (Anexo 11).

## **O lado certo da história**

Toma-se um homem  
Feito de nada como nós  
Em tamanho natural

Toma-se um homem  
Feito de nada como nós  
Em tamanho natural

Embebe-se-lhe a carne  
De um jeito irracional  
Como a fome, como o ódio

Embebe-se-lhe a carne  
De um jeito irracional  
Como a fome, como o ódio

Depois, perto do fim  
Levanta-se o pendão  
E toca-se o clarim  
E toca-se o clarim

Serve-se morto  
Serve-se morto  
Morto, morto

Serve-se morto  
Serve-se morto

Música: Receita Para Se Fazer Um Herói  
(IRA!, 1986)

Revisitando meu passado, é possível identificar um fio condutor do qual nunca me afastei. O que aquele menino de engenho vivenciou como formas de opressão e que de algum modo, com suas poucas possibilidades buscava compreendê-las e sobreviver a elas, serviu de base para um processo constante de busca por alternativas para uma existência menos desigual.

Desde muito cedo me reconheci como um militante das causas político-sociais. Em todas as instâncias em que atuei, seja como aluno secundarista, discente em cursos de graduação e de pós-graduação, como funcionário de um banco privado, como escriturário concursado do setor público municipal de São Paulo, como docente de redes públicas e privadas da educação básica, como docente do ensino superior da rede privada ou como docente concursado da rede federal de ensino superior jamais me afastei das lutas.

Esse processo de busca nunca se dá de forma isolada. Não se luta sozinho contra as opressões. Essencialmente esse é um trabalho coletivo. Assim, a aproximação com pessoas que de algum modo tiveram e têm suas existências marcadas pela indignação, pelos descasos sociais, pelas mazelas e violências de uma sociedade dividida em classes antagônicas como a nossa, se dá de forma quase natural.

No ano de 1998, conheci a amiga e grande defensora das causas sociais, Helanalda Resende. Comentei despretensiosamente com ela à época que eu havia tido uma professora de português e literatura no SENAI que além de me marcar profundamente tinha um nome muito parecido com o

dela. Para minha surpresa ela me disse que era irmã da professora Helenilda. Num dos diversos cafés que tomamos juntos na lanchonete da FE/USP, ela me contou um pouco de sua história.

Helenalda e a professora Helenilda eram também irmãs da revolucionária brasileira Helenira Resende, que atuou ativamente na guerrilha do Araguaia, sendo brutalmente e covardemente assassinada pelo exército brasileiro em 29 de setembro de 1972, com apenas 28 anos de idade. Seu codinome na clandestinidade era “Fátima”. Quando atuava na guerrilha no sul do estado do Pará, foi emboscada por um grupo de militares quando recebeu vários tiros de metralhadora nas pernas. Recusando-se a entregar a localização de seus e suas companheiras, foi torturada e morta. Seu corpo nunca foi encontrado e ainda hoje é considerada uma desaparecida política da Ditadura Militar brasileira.

Helenira, presente, hoje e sempre. Sua luta não foi em vão, e atualmente se mostra mais que necessária.

As coincidências da vida sempre me acompanharam e me marcaram profundamente. Talvez isso seja uma consequência ou o resultado por estar do lado certo da história, junto daqueles e daquelas que militam diuturnamente para a construção de um mundo melhor.

Ao longo de minha trajetória enquanto militante conheci muitas pessoas que me inspiraram e me marcaram. Pessoas que de algum modo as tive e tenho como tipos de bússolas ou faróis que indicam e iluminam as direções certas a seguir.

Abaixo apresento relatos que algumas dessas pessoas me enviaram para compor este memorial, falando sobre como me veem:

Nesses 16 anos, o Professor Benerval Pinheiro Santos teve uma atuação pujante e ativa na vida da Universidade Federal Uberlândia. Sua atuação durante todo esse período se confundiu com a prática permanente da educação popular e na construção de uma Universidade pública e mais democrática.

Entre as diversas ações realizadas por ele em sua trajetória na UFU, gostaria de destacar inicialmente o papel de organizador do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares (GPECPOP). A frente desse grupo, Benê conseguiu fortalecer a interação entre a Universidade e a Sociedade, em especial com os setores mais vulneráveis; trazendo para dentro da UFU os saberes e conhecimentos populares, e fazendo a UFU cumprir sua função social ao atuar em algumas regiões periféricas da cidade.

O GPECPOP contribuiu diretamente com a formação acadêmica de dezenas de estudantes de diversos cursos, e a frente da organização desse grupo, o Professor Benerval imprimiu uma dinâmica horizontal e freiriana ao praticar a máxima do ensinar-aprendendo. Todas as ações do GPECPOP trataram de forma humanizada e dialógica todos os membros (estudantes, técnicos Administrativos em educação, docentes, ativistas dos movimentos populares).

O segundo destaque se refere a atuação no processo de Estatuinte da UFU. Se tratou de uma iniciativa institucional promovida pelo Conselho Universitário da UFU, que durante mais de um ano, reuniu a comunidade acadêmica para pensar a atualização do Estatuto da Universidade.

A atuação do Professor Benerval se pautou pela necessidade intransigente de democratizar a gestão universitária e superar a lógica imposta divisão do trabalho entre o saber e o pensar.



O resultado de sua atuação foi a finalização de uma proposta de um novo estatuto que propõe como princípio da Instituição a paridade em todos os espaços deliberativos.

Por fim, vale destacar a sua atuação na direção da ADUFU-SS entre 2017 e 2019. A frente da ADUFU-SS, o Professor Benerval atuou no conselho universitário e diretor, se contrapondo contra todas as iniciativas que visavam instituir na UFU mecanismos mercadológicos para o ensino, pesquisa, extensão e gestão. No conselho universitário defendeu o caráter público e democrático do Hospital Universitário da UFU, tendo uma atuação importante no debate sobre a EBSEH. Muitas das mazelas e problemas que o Hospital Universitário da UFU vivencia hoje sob a gestão da EBSEH já haviam sido alertadas pelo professor Benerval na tenebrosa reunião do conselho universitário que aprovou a assinatura do contrato da UFU com essa empresa pública de direito privado.

A frente da ADUFU-SS estabeleceu uma forte unidade com o SINTET-UFU, e construiu diversas ações com o MST e MTST em diversas lutas na cidade.

Por fim, é importante ressaltar que na UFU, poucos(as) docentes possuem a capacidade e a disciplina de praticar o que se defende, de praticar o que se fala. Poucos(as) docentes são considerados(as) pelo conjunto da categoria de trabalhadoras e trabalhadores técnicos administrativos em educação, como um aliado(a) ideológico(a), que pratica e leva até as últimas consequências a luta pela democratização real da Universidade... são poucos(as) docentes(as) que gozam dessa confiança por parte de quem luta pela democratização da Universidade... E o Professor Benerval, está nesse seleto e importante grupo.

(Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior - Técnico Administrativo em Educação na UFU)

Caro amigo Benerval Santos,

Nesse momento tão importante da sua trajetória acadêmica na Universidade Federal de Uberlândia, lembro com alegria do nosso convívio na ADUFU, onde tive a oportunidade de trabalhar com você no movimento docente. Nossa gestão foi um aprendizado importante sobre como lutar para defender os direitos duramente conquistados pelas docentes das Universidades Federais.

As ruas de Uberlândia foram palco de manifestações que denunciavam o corte de verbas para as universidades, assim como a denúncia da perda de direitos sociais.

O professor Benerval também é defensor da Educação Popular, e temos pensamentos parecidos em relação a atuação da educação que priorize todas as pessoas do país. Ele na área de Ensino da Matemática, eu na área de História.

Nosso convívio na luta por melhores condições de trabalho para os profissionais da Educação nos fez amigos e tenho admiração pela sua trajetória. As pesquisas, os projetos de ensino e de extensão desenvolvidos na área contribuíram para a formação de docentes que atuam nos diversos níveis de ensino.

O sindicato nos aproximou e nossas ideias nos mantêm próximos. Em momentos de celebrações e também nas lutas por melhorias nas condições de trabalho nas instituições públicas.

Parabéns pela sua trajetória como professor, pesquisador, pai, amigo e, principalmente como pessoa.

(Profa. Gizelda Costa da Silva –Aposentada do IH/UFU)

Que alegria poder rememorar aqui uma parte da sua trajetória acadêmica na extensão e especialmente na rede UFU de formação de professores, você no período que esteve conosco não só aprendeu como também soube partilhar seus conhecimentos sobre a temática indígena tão invisível nas licenciaturas como também nos processos de formação continuada. Gratidão por tudo e por tanto conhecimento compartilhado.

Carinhosamente,

(Dra. Sônia Santos – Profa. titular da FAGED/UFU)

Ter o professor Benerval entre os parceiros de trabalho sempre foi um misto de privilégio e de desafios. Ele não se esquivava quando se trata de problemas relacionados à desigualdade social. É combatente assíduo! Sua atitude militante às vezes, gera conflitos! Entretanto, sem conflitos e desequilíbrios não há aprendizado. Com ele temos certeza que a luta é contínua. Obrigada por se sacrificar por nós quando nos representa nos movimentos da categoria docente! Você me representa!! Abraços e sucesso em sua jornada profissional e pessoal.

(Profa. Lázara Cristina da Silva – Profa. Titular da FAGED/UFU)

(Transcrição de áudio via ViraTexto)

Venho aqui dar um testemunho da minha relação com o professor Benerval, cheguei aqui por redistribuição para UFU, no campus do Ituiutaba em 2018, e desde que cheguei aqui, tive contato com o Benerval quando ele era presidente do sindicato, presidente da ADUFU, foi uma recepção muito boa, sempre fui muito bem acolhido, e depois quando a gente se aproximou mais politicamente, durante o ano de 2019, tanto participando dos congressos do Andes, assim como também na eleição de 2019 da ADUFU, foi uma experiência fantástica, poder lutar junto com ele, assim também com todo o restante da chapa, com Gisele, da Célia, Eduardo, Tulio e os demais. E tudo isso também foi muito importante para mim, integração na universidade. Tanto do ponto de vista político como no acadêmico também. Foi muito, muito importante para mim. Então, quero deixar esse testemunho dessa experiência maravilhosa de tudo que eu aprendi com o Benerval. De um ponto de vista tanto sindical quanto político. Assim como também da vida acadêmica aqui na UFU. Então, deixei meu testemunho e meus parabéns para esse ciclo. Fim desse ciclo e o início de um novo ciclo para o Benerval.

(Prof. Dr. Gilberto Augusto de Oliveira Brito – Prof. Associado da FACIP/UFU)

## Considerações Finais

Figura 39 – “Fractaltree”. Imagem de um fractal produzido pela repetição de um padrão simples. Em cada pequeno fragmento dela encontramos o todo.



Fonte: <https://aidobonsai.com/wp-content/uploads/2011/10/fractaltree.jpg>. Acesso em 13/07/2025.

Finalizada a apresentação do que avaliei como pertinente para a compreensão da minha jornada na UFU de 10/11/2008 até a presente data, bem como do meu processo de construção como um educador matemático popular, entendo que muitos elementos ficaram de fora. A realidade é

sempre mais rica e complexa do que aquilo que as palavras conseguem captar e expressar. De todo modo, avalio que os dados/fatos apresentados são contemplativos daquilo que almejei mostrar ao longo da construção desse memorial.

Aquele menino de engenho, nascido num ambiente quase refratário a qualquer possibilidade de redirecionamento de um destino que lhe foi traçado ao nascer, construiu um caminho de realizações possíveis.

Felizmente, em decorrência da perseverança e extrema resiliência de minha mãe, me foi possível encontrar brechas nesse sistema perverso, por meio das quais consegui vislumbrar um mundo de possibilidades diferentes daquelas que herdei ao nascer como um fardo a ser carregado, ou como uma sina a ser cumprida. Isso não me foi possibilitado como uma doação, como um presente ou por sorte, mas como resultado de uma dose quase insuportável de abnegação e dedicação, numa luta desigual com todos e todas que tiveram a seu dispor suporte e apoios para conquistarem as mesmas coisas com muito menos esforços.

Não posso, contudo, ao olhar para traz afirmar que o mesmo trajeto seria possível a todos os meninos e meninas de engenho com histórias semelhantes à minha. O sistema capitalista não permite isso. Permite apenas que vivam a, e na, ilusão de que isso é possível caso se esforcem o suficiente. Num processo que é inerente a um sistema excludente, que busca convencer e imputar aos oprimidos e às oprimidas a responsabilidade pelos seus próprios fracassos ou situações de vulnerabilidades em que se encontram.

Ao mesmo tempo em que compreendo isso, me imponho como tarefa atuar politicamente para que consigamos um dia viver numa sociedade sem desigualdades e opressões de qualquer tipo ou natureza.

De fato, entendo a natureza e toda a realidade que nos cerca como uma grande geometria fractal<sup>6</sup>, no qual o todo está em cada pequena parte e em cada pequena parte está o todo. Digo também com isso que, fractalmente, sempre estive inteiro em cada pequeno gesto, em cada ação e em cada atividade que desenvolvi e ainda desenvolvo no âmbito da UFU e como militante das causas sociais.

Com a reforma da previdência aprovada pelos governos golpistas de Michel Temer e de feições fascistas de Jair Bolsonaro, perdi meu direito à aposentadoria que aconteceria em 2024/2025. De modo que ainda trabalharei até meus 65 anos de idade na UFU. Assim, como estou com 57, ainda tenho mais 8 anos de atuação pela frente, caso a lei não seja alterada novamente. Nesse período, terei muito a contribuir no projeto de resistência e de permanente construção de uma universidade pública, democrática, laica, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Contudo, reservo-me o direito

---

<sup>6</sup> Refiro-me à Geometria Fractal, que tem por característica a autossimilaridade, de modo que o todo está em cada pequena parte, e em cada pequena parte encontramos o todo.

de sentir a justa raiva, na acepção que Freire a concebe (Freire, 1996). Trabalho ininterruptamente, como apresentei ao longo desse texto, desde meus 14 anos de idade. Já são 43 anos de atuação e de contribuição com o sistema previdenciário brasileiro. Já *paguei* muito mais do que receberei como aposentado, caso isso algum dia ocorra.

As desigualdades das sociedades capitalistas são mais que perversas, elas são atroz. Obrigam as classes trabalhadoras a pagarem muito mais do que seria necessário, enquanto os grupos econômica e politicamente dominantes gozam de benefícios e regalias mantidas pela grande massa trabalhadora. Uma revolução se faz necessária. Assim como Freire assumiu ao Conselho Mundial das Igrejas no final dos anos 60, eu faço de suas as minhas palavras e afirmo: “Vocês devem saber que tomei uma decisão: meu problema é o problema dos esfarrapados da terra. Vocês precisam saber que optei pela revolução” (Freire in Gadoti, 1996b, p. 163).

## Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Arnaldo; BRITO, Tony; BELLINI, Marcelo Fromer. **O Pulso**. In: TITÃS. Ô Blésq Blom [CD]. São Paulo: WEA, 1989. Faixa 1.
- ARNS, D. Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. São Paulo, Ed. Vozes, 1985.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**. São Paulo, Ed. Summus, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Matemática, ensino e educação: uma proposta global*. In *Temas & Debates*, Rio Claro, ano IV, n. 3, pp. 1-16, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Etnomatemática**. Arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo, Ed. Atual, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Etnomatemática** – elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2001.
- DOMITE, Maria do Carmo Santos; FREIRE, Paulo; D'AMBROSIO, Ubiratan. *Entrevista*. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8b09nSJFKg4>, acesso em 12/07/2025.
- FIORENTINI, Dario. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação**. Tese de Doutorado. FE/Unicamp. Campinas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_; SHOR, Ira. **Medo e ousadia** – O cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo, Ed. Cortez/Instituto, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Cartas a Cristina: reflexão sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.
- GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In \_\_\_\_\_. (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo, Ed. Cortez, Instituto Paulo Freire, UNESCO, pp. 69-116, 1996.
- IRA!. **Receita para se fazer um herói**. In: \_\_\_\_\_. Vivendo e não aprendendo [LP]. São Paulo: WEA, 1986. Faixa 4.
- LEGIÃO URBANA. **Fábrica**. In: \_\_\_\_\_. Dois [LP]. Rio de Janeiro: EMI, 1986. Faixa 3.

- LEGIÃO URBANA. **Música Urbana 2**. In: \_\_\_\_\_. Legião Urbana [LP]. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. Faixa 9.
- LEGIÃO URBANA. **Que país é este**. In: \_\_\_\_\_. Que país é este – 1978/1987 [LP]. Rio de Janeiro: EMI, 1987. Faixa 1.
- MARX, Karl. **O capital**. Edição compactada. Tradução de Klaus Von Puschén. São Paulo, Centauro Ed, 2005
- \_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família**. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo, Ed. Boitempo editorial, 2003.
- MORAIS, Fernando. **Lula: Biografia**. Vol.1. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2021.
- MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Ed. Cortez, 2001.
- NÓBREGA, Antônio; FREIRE, Wilson. **Chegança**. In: NÓBREGA, Antônio. Na pancada do ganzá [CD]. São Paulo: Biscoito Fino, 2001. Faixa 1.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classe**. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo, Ed. Cortez, 1996.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil: colônia e império**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2001.
- RAMALHO, Zé. **Admirável Gado Novo**. Intérprete: Zé Ramalho. In: \_\_\_\_\_. A peleja do diabo com o dono do céu [CD]. Rio de Janeiro: CBS, 1979. Faixa 4.
- RAMALHO, Zé. **Chão de Giz**. In: \_\_\_\_\_. Zé Ramalho [LP]. Rio de Janeiro: CBS, 1978. Faixa 5.
- REGO, José Lins. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1980.
- SANTOS, Benerval Pinheiro. **A etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas: algumas indicações pautadas numa professora e em seus alunos e alunas de uma 5ª série**. Dissertação de Mestrado. FE/USP. São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Paulo Freire e Ubiratan D'Ambrosio: contribuições para a formação do professor de matemática no Brasil**. São Paulo, Faculdade de Educação/USP. (Tese de Doutorado), 2007.
- \_\_\_\_\_. NOVAIS, G. S.; SILVA, L. C. **Educação popular em tempo de inclusão: Pesquisa e Intervenção**. Uberlândia, Edufu, 2011.
- \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Cristiane Coppe de; MENDES, Olenir Maria. **Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções**. Uberlândia, Ed. Edufu, 2014.

\_\_\_\_; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; MANO, Marcel. **Culturas e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino**. Uberlândia, Ed. RB Gráfica Digital Eireli, 2015.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. A dupla alienação do professor universitário. *In* [https://aterraeredonda.com.br/a-dupla-alienacao-do-professor-universitario/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=novas\\_publicacoes&utm\\_term=2025-07-20](https://aterraeredonda.com.br/a-dupla-alienacao-do-professor-universitario/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2025-07-20) – acesso em 26/07/2025.

## **ANEXO 1 – EMENTA: GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES**

### **EMENTA: GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES**

Desde 2001, iniciou-se, na Universidade Federal de Uberlândia, um processo para a constituição de um Grupo de Pesquisa e Extensão, envolvendo docentes, educadores(as) populares e discentes de cursos de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento. Esse grupo identificou e analisou experiências de educação popular em diferentes municípios brasileiros; realizou três encontros nacionais sobre educação, saúde e cultura populares; criou e publicou uma revista sobre temas ligados à educação, saúde e cultura populares; e, com base nestas experiências, optou por sugerir a criação do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. O referido Grupo tem como propósitos investigar processos de educação e culturas populares; criar comunidades de comunicação, argumentação e formação de educadores(as) na perspectiva da educação popular; elaborar inventários, documentos, banco de dados e estudos sobre narrativas referentes à experiência de pessoas ou de grupos com foco na educação e nas culturas populares e seus impactos nos processos de inclusão escolar e social; investigar instituições e atividades de cooperação e de solidariedade e a educação e as culturas populares em movimentos e organizações sociais.

Linhas de pesquisa:

6. Educação e culturas populares e instituições públicas de ensino.
7. Educação e culturas populares nas atividades de cooperação e solidariedade.
8. Educação e culturas populares nos movimentos e nas organizações sociais.
9. Educação e cultura populares, relações Sociais e constituição do Sujeito.
10. Etnociências e educação popular.



**ANEXO 2 – Plano de Trabalho: PROJETO “Rede de Educação Popular”****MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR****PLANO DE TRABALHO - FL. 1/3****1-DADOS CADASTRAIS**

Órgão/Entidade Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA		C.G.C 25.648.387/0001-18		
Endereço: AV: JOÃO NAVES DE AVILA, 2121, SANTA MONICA				
Cidade: UBERLÂNDIA	UF: MG	CEP: 38400-907	DDD/Telefone: (034) 3239-4810	EA: FEDERA L
Conta Corrente: 99738063-2	Banco: BRASIL S/A	Agência: 2918-1	Praça de Pagamento: UBERLÂNDIA	
Nome Do Responsável: ALFREDO JULIO FERNANDES NETO				CPF: 204.345.096-00
CI/Órgão Exp.: MG 45.760 SSP/MG	Cargo: REITOR	Função: PROFESSOR	Matrícula: 041.1799	
Endereço: Rua Francisco Sales, 335, Apto 601 – Bairro Martins – Uberlândia/MG				CEP: 38.400-440

**2-OUTROS PARTICIPES**

Nome: Benerval Pinheiro Santos	C.G.C/CPF: 077.862.288-61	EA:
Endereço:		CEP:

**3-DISCRIMINAÇÃO DO PROJETO**

Título do Projeto: Rede de Educação Popular	Período de Execução	
	Início: 2009	Término: 2010

## APRESENTAÇÃO

A questão da exclusão social e escolar de uma parcela significativa da população brasileira tem sido objeto de estudo de vários(as) pesquisadores(as), Esteban (2007), Patto (1999), Martins (2000), Freire (1978), dentre outros(as). Nesse contexto, é importante destacar aqueles(as) pesquisadores(as) que aproximando de forma crítica de um conceito de exclusão, denuncia a inadequação de tratá-lo como categoria geral de análise das situações de desigualdade de oportunidades, e optam por colocar no centro da discussão os processos de produção destas desigualdades e os movimentos de resistências configurados nos processo de produção de saberes, culturas e discursos. Esses movimentos de resistências contribuem para devolver às diferentes pessoas que compõem os denominados grupos historicamente excluídos, a condição de sujeitos de direitos.

Quando se trata de examinar a dinâmica da desigualdade no Brasil, como mostram Presta e Almeida (2008, p. 402), recorrendo a Reis (2000), “embora a pobreza e a desigualdade sejam temas tradicionais das Ciências Sociais, os dois termos são raramente tratados de forma articulada no Brasil”. Esteban (2007), ao se referir, especialmente, à produção do fracasso e exclusão escolar, afirma que

Impossível discutir a escolarização das classes populares sem nos remetermos a uma longa história de fracassos diversos que, por múltiplos percursos, têm negado aos estudantes a possibilidade de ter a experiência de êxito, numa relação em que a escola se configure como um espaço significativo de Ampliação de conhecimentos para todos. Entretanto, os processos instituídos com o sentido de ampliar o acesso à escola e de nela garantir a permanência dos alunos não expressam claramente o compromisso com a educação popular. O mesmo podemos afirmar sobre o encaminhamento da formação docente, em suas vertentes, inicial e continuada (p. 10).

Há, pois, uma urgência da adoção de novas posturas em relação aos processos relativos à superação da situação de exclusão social e escolar das classes populares, respaldadas em pesquisas que cruzam abordagens e metodologias que beneficiam de procedimentos oriundos do campo da pesquisa ação colaborativa com vistas a criar comunidades de discussão e interpretação a partir do diálogo com os sujeitos que se encontram nas referidas situações. Nesse contexto interpretativo, a descrição deve ser acompanhada do entendimento, num processo investigativo desenvolvido a partir do reconhecimento da inseparabilidade da ontologia e da epistemologia e da criação de itinerários de Pesquisa Ação que permitam apreender a rede relações implicadas no objeto de estudo.

Nessa perspectiva, este projeto de pesquisa e intervenção representa o esforço de um grupo de pesquisadores que fazem parte do Núcleo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, visando:

- Identificar e analisar em diferentes contextos educativos os saberes e as expressões culturais, com vistas a conhecer e desvelar os significados e os sentidos destes para a inclusão social e ou escolar de grupos historicamente excluídos, potencializando redes de investigação e de intervenção sobre educação e culturas populares.
- Identificar e divulgar práticas de educação e culturas populares e seus significados para a inclusão social e ou escolar das classes populares.
- Investigar a produção de situações de sucesso e fracasso escolar das classes populares.
- Investigar processos de escolarização das classes populares.
- Refletir sobre relações de gênero, de raça/etnia, de classes sociais e educação e culturas populares.
- Refletir sobre diferentes dimensões que se entrecruzam na produção de sentido e na constituição da teia da educação e culturas populares e suas relações com a inclusão social e escolar das classes populares.
- Refletir sobre educação popular em contextos de economia solidária.
- Investigar e intervir em diferentes contextos educativos com vistas a favorecer inclusão social/escolar.
- Desenvolver formação continuada em educação e culturas populares para educadores(as) por meio da organização e desenvolvimento de sessões reflexivas.
- Construir e disponibilizar banco de dados sobre educação e culturas populares no município de Uberlândia.
- Planejar e implementar espaços de divulgação e debate sobre os resultados da pesquisa ação.
- Publicar um livro sobre educação e culturas populares em diferentes contextos educativos.
- Participar de eventos científicos, divulgando resultados do projeto.
- Promover um evento sobre educação e culturas populares.
- Criar vídeo-formação.

Nessa perspectiva, este projeto de pesquisa e intervenção representa o esforço de um grupo de pesquisadores que fazem parte do Núcleo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, visando:

- Identificar e analisar em diferentes contextos educativos os saberes e as expressões culturais, com vistas a conhecer e desvelar os significados e os sentidos destes para a inclusão social e ou escolar de grupos historicamente excluídos, potencializando redes de investigação e de intervenção sobre educação e culturas populares.
- Identificar e divulgar práticas de educação e culturas populares e seus significados para a inclusão social e ou escolar das classes populares.
- Investigar a produção de situações de sucesso e fracasso escolar das classes populares.
- Investigar processos de escolarização das classes populares.
- Refletir sobre relações de gênero, de raça/etnia, de classes sociais e educação e culturas populares.
- Refletir sobre diferentes dimensões que se entrecruzam na produção de sentido e na constituição da teia da educação e culturas populares e suas relações com a inclusão social e escolar das classes populares.
- Refletir sobre educação popular em contextos de economia solidária.
- Investigar e intervir em diferentes contextos educativos com vistas a favorecer inclusão social/escolar.
- Desenvolver formação continuada em educação e culturas populares para educadores(as) por meio da organização e desenvolvimento de sessões reflexivas.
- Construir e disponibilizar banco de dados sobre educação e culturas populares no município de Uberlândia.
- Planejar e implementar espaços de divulgação e debate sobre os resultados da pesquisa ação.
- Publicar um livro sobre educação e culturas populares em diferentes contextos educativos.
- Participar de eventos científicos, divulgando resultados do projeto.
- Promover um evento sobre educação e culturas populares.
- Criar vídeo-formação.

## Justificativa da Proposição

Tal como demonstra Esteban (2007, p.10):

Impossível discutir a escolarização das classes populares sem nos remetermos a uma longa história de fracassos diversos que, por múltiplos percursos, têm negado aos estudantes a possibilidade de ter a experiência de êxito, numa relação em que a escola se configure como um espaço significativo de Ampliação de conhecimentos para todos. Entretanto, os processos instituídos com o sentido de ampliar o acesso à escola e de nela garantir a permanência dos alunos não expressam claramente o compromisso com a educação popular. O mesmo podemos afirmar sobre o encaminhamento da formação docente, em suas vertentes, inicial e continuada população vivencia situações de desigualdade de oportunidade e exclusão.

A educação e as culturas populares constituem modos de produção e divulgação de processos educativos e culturais importantes para o fortalecimento das identidades de sujeitos e ou grupos sociais, bem como representam dimensões dos processos de resistência à retirada da condição de sujeitos das classes populares, e ligados à superação da situação de exclusão escolar e social.

Assim sendo, este projeto pretende criar redes de investigação e intervenção sobre educação e culturas populares como estratégia de inclusão social e escolar. O objeto de estudo e de intervenção são os diferentes contextos educativos associados à educação e as culturas populares. Interessa-nos, pois, compreender os sentidos e os significados presentes nesses processos e criar comunidades reflexivas com vistas à formação continuada de educadores e lideranças comunitárias em educação e culturas populares; à divulgação da educação e culturas populares por meio da publicação de livro sobre educação e culturas populares em diferentes contextos educativos e da participação em eventos científicos. Assim sendo, este projeto justifica-se.

**ANEXO 3: Despacho Reitor. Autorização de viagem para a Espanha.**

ALFREDO JÚLIO FERNANDES NETO

**DESPACHO DO REITOR**

Em 24 de outubro de 2012

O REITOR EM EXERCÍCIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, no uso da competência que lhe foi subdelegada, AUTORIZA o afastamento do país do servidor:

ALINE TEIXEIRA DE SOUZA, Professora Assistente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, de 02/11/2012 a 10/11/2012, trânsito incluso, para participar apresentando trabalho, no "I Congresso Internacional de Design e Moda" e realizar visita técnica ao Departamento de Design da Universidade do Minho, em Guimarães - Portugal, com ônus FAUeD (5 diárias). Processo 23117.009538/2012-10.

BEATRIZ BASILE DA SILVA RAUSCHER, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, de 06/11/2012 a 19/11/2012, trânsito incluso, para participar apresentando trabalho, no "Journées d'études de l'équipe de recherche Fictions & Interactions et l'exposition", em Paris - França, com ônus CAPES. Processo 23117.008975/2012-16.

BENERVAL PINHEIRO SANTOS, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, de 18/11/2012 a 25/11/2012, trânsito incluso, para realizar Reunião de Pesquisa e Intercâmbio com a Universidade de Girona, em Girona - Espanha, com ônus Projeto Rede de Educação Popular. Processo 23117.009496/2012-17.

## **ANEXO 4: Convênio de Acordo de Cooperação entre a Universidade de Girona e a Universidade Federal de Uberlândia.**

### **CONVÊNIO DE ACORDO DE COOPERAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE DE GIRONA E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

#### **REUNIDOS**

De uma parte, D<sup>a</sup>. Anna Maria Geli de Ciurana, reitora da Universidade de Girona (doravante UdG), que atua em nome e representação desta universidade, em virtude do Decreto 186/2009, de 1 de dezembro, de nomeação da reitora da UdG (DOGC núm. 5519, de dezembro de 2009), e em conformidade com o estabelecido nos artigos 93 e 97 dos Estatutos da UdG (Acordo GOV/94/2011, de 7 de junho, pelo qual se aprova a modificação dos Estatutos da UdG e se dispõe para publicação seu texto íntegro – DOGC núm. 5.897, de 9 de junho de 2011).

Do outro lado, a Universidade Federal de Uberlândia (doravante UFU), fundação da educação pública, da Administração Federal Indireta, estabelecida pelo Decreto Lei nº 762, 14 de agosto de 1969, modificada pela Lei nº 6532 de 14 de maio de 1978, com sua Reitoria localizada na Avenida João Naves de Ávila, 2121, Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, inscritos no CNPJ/MF sob o nº 25.648.387/0001-18, aqui representada pelo Reitor, o Prof. Dr. Alfredo Julio Fernandes Neto, residente e domiciliado na Rua Francisco Sales, 335, apto. 601, Bairro Martins, Uberlândia-MG, com a identidade nº 45760-SSP/MG, inscrito no CPF número 240345096-00.

#### **EXPÕEM**

Que a UdG, tem entre outros objetivos, participar do progresso e desenvolvimento da sociedade e da melhora do sistema educacional, promover atividades de extensão universitária e o intercâmbio de conhecimentos e informações com outras instituições. Por meio da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Humano e Sustentável está disposta a levar a cabo a colaboração em matéria de formação, debate, educação para o Desenvolvimento Humano e Sustentável, capacitação comunitária, autogestão e processos participativos, pesquisa de ação participativa, promoção dos Direitos Humanos e cultura de paz, luta contra a exclusão e as desigualdades sociais e qualquer forma de discriminação, fomento da convivência e defesa das pessoas emigrantes, interculturalidade, educação e promoção das culturas populares e afins.

Que a UFU, como universidade pública aberta e cidadã tem a função de dialogar criticamente com a comunidade, valorizando seus saberes e incorporando seus problemas e demandas aos processos de produção de conhecimento e de intervenção social, a fim de garantir o acesso das populações, principalmente as excluídas, aos bens culturais, científicos, econômicos, artísticos e tecnológicos.

Visto que existe a vontade de ambas as instituições de trabalhar de forma conjunta e a conveniência desta cooperação, faz-se necessário firmar um convênio específico de colaboração ao que se adaptem às sucessivas ações que levem a cabo a este respeito.

Assim, a UdG e a UFU, reconhecendo-se em plena capacidade jurídica, vêm a necessidade de firmar um convênio de colaboração no campo do Desenvolvimento Humano e Sustentável, o desenvolvimento local e a autogestão comunitária e, portanto, acordam as seguintes:

#### **CLÁUSULAS**

##### **Primeira**

O objeto deste convênio é estabelecer o marco de colaboração entre a UdG, mediante a Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Humano e Sustentável, e a UFU, mediante o Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, nos aspectos de formação, debate, educação para o Desenvolvimento Humano e Sustentável, capacitação comunitária, autogestão e processos participativos, pesquisa de ação participativa, promoção dos Direitos Humanos e cultura de paz, luta contra a exclusão e as desigualdades sociais e qualquer forma de discriminação, fomento da convivência e defesa das pessoas emigrantes, interculturalidade, educação e promoção das culturas populares e afins. Este acordo tem como finalidade promover o intercâmbio cultural, científico e tecnológico entre as instituições, para fortalecer as relações acadêmicas entre Brasil e Espanha.

De forma concreta, são os objetivos do convênio:

1. Promover as relações de caráter científico e tecnológico entre a UdG, através da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Humano e Sustentável (doravante Cátedra), e a UFU através do Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas Populares (doravante GPECPOP);

2. Desenvolver atividades conjuntas de capacitação comunitária, pesquisa participativa e projetos de desenvolvimento local no campo de Desenvolvimento Humano e Sustentável, o desenvolvimento local e a autogestão comunitária;
3. Fomentar a relação entre os professores e os estudantes da UdG, através da Cátedra, com os estudantes e professores da UFU, através do GPECPOP;
4. Fomentar o intercâmbio recíproco de informação sobre temas de investigação, livros publicações, materiais didáticos e outros materiais de interesse para ambas instituições;
5. Fomentar as atividades de sensibilização sobre esses temas no marco dos diferentes programas de formação da Cátedra da UdG e a cidadania em geral;
6. Intercambiar assessoramento técnico nas diferentes áreas de ação e pesquisa da Cátedra e do GPECPOP;
7. Fomentar e facilitar a participação dos professores e estudantes da UFU nos programas de formação da Cátedra: mestrado, diplomas de pós-graduação, cursos de pós-graduação, cursos de especialização e co-tutelas de teses nos temas.

#### Segunda

Esta colaboração será responsabilidade da Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Humano e Sustentável da Universidade de Girona, e será dirigido pela professora Ana Rebeca Urmeneta e pelo professor Benerval Pinheiro Santos, por parte do Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas Populares.

#### Terceira

No prazo de 30 dias úteis a partir da assinatura deste convênio se construirá uma Comissão Mista formada por dois representantes de cada uma das instituições: por parte da UdG, os senhores Ana Rebeca Urmeneta e Jordi de Cambra Bassols, e por parte da UFU, os senhores Benerval Pinheiro Santos e Karina Klinkle.

Esta Comissão será o órgão de proposta, seguimento e avaliação das atuações realizadas no marco deste convênio e se reunirá, ao menos, uma vez por ano, seja de forma presencial ou por videoconferência. A comissão poderá se reunir sempre que o solicite alguma das partes.

#### Quarta

A participação de servidores da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade de Girona, sem prejuízo das atividades docentes e/ou administrativas, dependerá de autorização escrita da respectiva chefia, que estabelecerá horários, dias e formas da participação, vedada a percepção de vantagens remuneratórias, com o intuito de lucro.

Os encargos financeiros decorrentes da aplicação do Convênio serão assumidos pelas Universidades convenientes, conforme a legislação e as normas vigentes em cada Instituição. As partes convenientes farão um relatório anual às suas administrações, tanto acerca das condições pedagógicas e científicas nas quais a ação se desenvolveu, como acerca de sua execução financeira.

As partes concordam que o pessoal designado por cada uma, para a realização do objeto deste Convênio, estará relacionado exclusivamente com aquela a cujo quadro pertença, não advindo nenhuma responsabilidade solidária ou subsidiária da outra parte.

#### Quinta

Este convênio se estabelece por uma duração de 2 anos, prorrogáveis por períodos iguais sucessivos, salvo que uma das partes apresente uma solicitação de resolução formal, que deverá ser notificada com antecedência de 3 meses da data de finalização inicial do convênio, ou de suas prorrogações no caso, sem prejuízos das atividades em andamento.

O convênio poderá modificar-se por acordo mútuo, e com prévia solicitação de uma das duas partes.

#### Sexta



UFU e GPECPOP declaram conhecer o caráter de Entidade de Direito Público que tem a UdG e, em consequência, a aplicabilidade das normas de procedimento administrativo. Nesse caso, as partes contratantes submeterão as divergências que possam surgir quanto à interpretação ou o cumprimento deste convênio à jurisdição administrativa.

As partes signatárias tentarão resolver de mútuo acordo as divergências que possam surgir em relação ao desenvolvimento deste convênio. Caso isto não seja possível, as partes submeterão as divergências quanto a interpretação ou o cumprimento deste convênio aos tribunais de Girona.

Sétima

Este convênio entrará em vigor a partir da data de sua assinatura pelos representantes de ambas as partes signatárias.

E em prova de conformidade assinam este convênio, duplamente, no lugar e data mencionados no cabeçalho.

Pela Universidade de Girona

Pela Universidade Federal de Uberlândia

Anna Maria Geli de Ciurana

Alfredo Julio Fernandes Neto

Reitora

Reitor

Data:

Data:

## ANEXO 5 – Programação do COPECPOP – Colóquio de Pesquisa em Educação e Culturas Populares – de 8 a 9/12/2012.

### Organização Geral:

Arlindo José de Souza Junior; Benerval Pinheiro Santos e Karina Klinke

### Comissão Científica:

Prof. Dr. Benerval Pinheiro Santos  
 Prof. Dr. Arlindo José de Souza Junior  
 Profª. Drª. Graça Aparecida Cicilini  
 Profª. Drª. Myrtes Dias da Cunha  
 Profª. Drª. Olenir Maria Mendes  
 Profª. Drª. Sônia Santos  
 Profª. Esp. Wilma Ferreira de Jesus  
 Profª. Ms. Sandra Gonçalves Vilas Bôas  
 Profª. Drª. Mariene Hundertmarck Perobelli  
 Profª. Drª. Jorgetânia da Silva Ferreira  
 Profª. Drª. Karina Klinke  
 Profª. Esp. Iraldes Reinaldo da Silva  
 Profª. Esp. Carolina Ortiz de Camargo;  
 Profª. Drª. Cristiane Coppe de Oliveira;  
 Profª. Ms. Cláudia Costa Guerra;  
 Profª. Ms. Eliane Santana Novais;  
 Profª. Ms. Alex Medeiros de Carvalho;  
 Profª. Ms. Mavi Consuelo Silva;  
 Profª. Esp. Alinne Grazielle Neves Costa

### Comissão Organizadora:

Alex Medeiros de Carvalho; Alinne Grazielle Neves Costa; Ana Flávia Bezerra da Silva; André Luiz Sabino; Andréa Porto Ribeiro; Arlindo José de Souza Junior; Benerval Pinheiro Santos; Bruno Aparecido de Paula Palm; Carolina Ortiz de Camargo; Cinara Ribeiro Peixoto; Cláudia Costa Guerra; Cristiane Coppe de Oliveira; Eliane Santana Novais; Emilene Julia da Silva Freitas Carvalho; Fábio Cardozo de Souza; Flander de Almeida Calixto; Graça Aparecida Cicilini; Inia Franco de Novais; Iraldes Reinaldo da Silva; Izadir Diniz Linhares; Jaqueline Olina de Oliveira; João Augusto Neves Pires; Joelma Maria Ferreira dos Santos; Jorgetânia da Silva Ferreira; Karina Klinke; Kátia Lourenço Alves; Lúcia Helena de Paula Menezes; Lucimar Divina Alvarenga Prata; Mariene Hundertmarck Perobelli; Milena Abadia de Souza; Myrtes Dias da Cunha; Olenir Maria Mendes; Pedro Afonso Cortez; Rafael Domingues da Silva; Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo; Sandra Gonçalves Vilas Bôas; Sônia Maria dos Santos; Vanessa de Souza Nunes; Wilma Ferreira de Jesus.

### REALIZAÇÃO:



### APOIO:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA

**COPECPOP**  
**Colóquio de Pesquisa em**  
**Educação e Culturas**  
**populares**  
*Pesquisa em Educação Popular*

### ORGANIZAÇÃO:

GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS  
POPULARES – GPECPOP

### O COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES – COPECPOP –

Vinculado à Linha de Pesquisa “Saberes e Práticas Educativas”, e sob a coordenação do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares – GPECPOP-, é uma das atividades acadêmico-científicas do Programa. Esse encontro terá como tema central “Pesquisa em Educação Popular”.

### OBJETIVO GERAL

Criar espaços de diálogos entre professores/as, pesquisadores/as, educadores/as populares, mestres das culturas populares, estudantes e demais pessoas interessadas, com vistas à socialização e discussão de pesquisas científicas e outras experiências que se têm realizado sobre as diferentes dimensões e significados da educação e culturas populares.

**INSCRIÇÕES** gratuitas no site até 04/12/2012:  
[COPECPOP.FACED.UFU.BR](http://COPECPOP.FACED.UFU.BR) e  
 informações: [copecpop@gmail.com](mailto:copecpop@gmail.com)

### Dia 08/12 (SABADO)

#### CREDENCIAMENTO:

LOCAL: Saguão do Bloco 5 “O”  
 HORÁRIO: 8h-12h

#### MESA: RODA DE CONVERSA: EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES

Prof. Dr. Claudemir Belintane  
 Professor da Faculdade de Educação da  
 Universidade de São Paulo – FEUSP

**Coordenação:** Karina Klinke – UFU/Ituiutaba  
 LOCAL: Anfiteatro H e G – Bloco 5 “O”  
 HORÁRIO: 9h-12h

#### RODA DE GRUPOS – APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS E TRABALHOS DOS SUBGRUPOS DO GPECPOP

LOCAL: Anfiteatro H e G – Bloco 5 “O”  
 HORÁRIO: 14-17h30min

Apresentação	Tempo
Crianças na Educação Popular	40
Grupo de (con)vivência sem violência: uma experiência de pesquisa e intervenção no bairro Morumbi	40
Intervalo - 15h20min às 15h40min	
Mulheres, Trabalho e Movimentos Sociais	40
PIBID Educação Popular Ituiutaba	40
A EDUCAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO SOCIAL SEM TERRA	15
UM DIÁLOGO, NA PERSPECTIVA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA...	15

### Dia 09/12 (DOMINGO)

#### MESA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO FORMADOR... EXTERNO AS CULTURAS POPULARES

Profª. Drª. Maria do Carmos Santos Domite  
 Professora da Faculdade de Educação da  
 Universidade de São Paulo – FEUSP


**Coordenação:** Benerval Pinheiro Santos – UFU/Uberlândia  
 LOCAL: Anfiteatro H e G – Bloco 5 “O”  
 HORÁRIO: 9h-12h

#### RODA DE GRUPOS – APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS E TRABALHOS DOS SUBGRUPOS DO GPECPOP

LOCAL: Anfiteatro H e G – Bloco 5 “O”  
 HORÁRIO: 14-17h30min

Apresentação	Horário
GRUPO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS) DAS CLASSES POPULARES	40
Grupo de Mídias/Cursinho (RE)Ação/	40
Intervalo - 15h20min às 15h40min	
GRUPO MATEMÁTICA E LEITURA - GML	40
PIBID Educação Popular Uberlândia	40
EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO SISTEMA PRISIONAL: INCLUSÃO SOCIAL E RESSOCIALIZAÇÃO	15
AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO .....	15

## ANEXO 6. Panfleto de divulgação, Capa e contracapa do Caderno de Resumos do 2º Encontro Nacional de Pesquisadores(as), em Educação e Culturas Populares – 2º ENPECPOP.

<p><b>APRESENTAÇÃO</b></p>  <p>O Segundo Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares – 2º ENPECPOP – é coordenado pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares – GPECPOP – vinculado à Linha de Pesquisa “Saberes e Práticas Educativas” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (Mestrado e Doutorado).</p> <p>Esta edição terá como tema central “Educação e culturas populares: direitos humanos, saberes e resistências”.</p>	<p><b>INSCRIÇÕES NO EVENTO</b></p> <p>Até 06/08/2013 Inscrições com submissão de trabalhos Até 06/09/2013 Prazo final para inscrições de participantes sem apresentação de trabalhos</p> <p>LOCAL: <a href="http://www.enpecpop.faced.ufu.br">http://www.enpecpop.faced.ufu.br</a></p> <p><b>VALOR DAS INSCRIÇÕES</b></p> <table border="1"> <tr> <td>Membros de movimentos sociais e estudantes da educação básica</td> <td>GRATUITO</td> </tr> <tr> <td>Professores(as) e Educadores(as) da Educação Básica da Rede Pública</td> <td>R\$ 10,00</td> </tr> <tr> <td>Alunos(as) da Graduação e Pós Graduação</td> <td>R\$ 20,00</td> </tr> <tr> <td>Professores(as) Universitários(as) e demais profissionais</td> <td>R\$ 60,00</td> </tr> </table>	Membros de movimentos sociais e estudantes da educação básica	GRATUITO	Professores(as) e Educadores(as) da Educação Básica da Rede Pública	R\$ 10,00	Alunos(as) da Graduação e Pós Graduação	R\$ 20,00	Professores(as) Universitários(as) e demais profissionais	R\$ 60,00	<p>temático. Os resumos expandidos aprovados pela comissão científica serão publicados em CD com ISBN.</p> <p><b>ATENÇÃO!</b> O resumo deverá ser enviado em um arquivo e o trabalho completo em outro, ambos identificados pelo eixo ao qual está se inscrevendo e o nome completo do autor, conforme exemplo: eixo3_silva_w_f_resumo.doc eixo3_silva_w_f_trabalhocompleto.doc ou, no caso de resumo expandido, eixo3_silva_w_f_resumo_expandido.doc Os arquivos devem ser enviados em uma única mensagem, cujo título deve ser: Inscrição de trabalhos para o ENPECPOP. Os trabalhos deverão ser enviados apenas por e-mail, ao endereço eletrônico: <a href="mailto:enpecpop@gmail.com">enpecpop@gmail.com</a>. A lista de trabalhos aprovados será divulgada no site <a href="http://www.enpecpop.faced.ufu.br">www.enpecpop.faced.ufu.br</a>, no dia 19/08/2013.</p>
Membros de movimentos sociais e estudantes da educação básica	GRATUITO									
Professores(as) e Educadores(as) da Educação Básica da Rede Pública	R\$ 10,00									
Alunos(as) da Graduação e Pós Graduação	R\$ 20,00									
Professores(as) Universitários(as) e demais profissionais	R\$ 60,00									
<p><b>OBJETIVO GERAL</b></p> <p>Criar espaços de diálogos entre professores/as, pesquisadores/as, educadores/as populares, mestres das culturas populares, estudantes e demais pessoas interessadas na socialização e discussão de pesquisas científicas e outras experiências que se tem realizado sobre as diferentes dimensões e significados da Educação e Culturas Populares.</p> <p><b>TEMA CENTRAL</b></p> <p>EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES: DIREITOS HUMANOS, SABERES E RESISTÊNCIAS.</p>	<p><b>INSCRIÇÕES DE TRABALHOS</b></p> <p><b>MODALIDADES E NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS</b> Podem ser submetidos ensaios, projetos em desenvolvimento, resultados de pesquisa e relatos de experiência em Educação e Culturas Populares. Os trabalhos devem ser submetidos à Comissão Científica na forma de trabalho completo ou resumo expandido conforme os eixos temáticos do Evento. A forma resumo expandido é uma possibilidade aberta exclusivamente a participantes oriundos de movimentos sociais, a estudantes da educação básica que participem de ações ligadas a Educação e Culturas Populares e demais pessoas que participem de outros espaços formativos além da Universidade. Assim, pretendemos enriquecer nosso Encontro, nas Rodas de Conversa, com a diversidade que essas pessoas, suas experiências e seus conhecimentos representam.</p> <p><b>CONDIÇÕES GERAIS PARA INSCRIÇÃO DE TRABALHO</b> 1. Estar inscrito no evento. 2. Cada participante poderá inscrever, no máximo, três trabalhos, sendo um deles como autor(a) principal e, nos outros, na condição de co-autor. 3. Em caso de trabalhos em co-autoria, os co-autores devem também se inscrever no evento.</p> <p><b>INSTRUÇÕES PARA ENVIO - TRABALHO COMPLETO</b> No ato da inscrição, deverão ser encaminhados o resumo e o trabalho completo em arquivos separados com a indicação do eixo temático. Não serão aceitos trabalhos incompletos. Os resumos e os trabalhos completos aprovados pela comissão científica serão publicados em CD com ISBN.</p> <p><b>INSTRUÇÕES PARA ENVIO - RESUMO EXPANDIDO</b> No ato da inscrição, deverá ser encaminhado o resumo expandido com a indicação do eixo</p>	<p><b>NORMAS PARA FORMATAÇÃO</b> <b>RESUMO:</b> O resumo do trabalho deve apresentar de 300 a 400 palavras em texto contínuo; fonte Times New Roman; tamanho 12; espaçamento simples; sem parágrafo; sem referência bibliográfica; sem notas; sem figuras (apenas texto); contendo de três a cinco palavras-chave separadas por ponto e vírgula e finalizadas com ponto final. O documento deve ser enviado na versão Microsoft Office Word 2003 (extensão .doc).</p> <p><b>TRABALHO COMPLETO:</b> O trabalho completo deverá apresentar as especificações de formatação indicadas a seguir</p> <p><b>FORMATAÇÃO (TRABALHO COMPLETO E RESUMO EXPANDIDO):</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>TRABALHO COMPLETO:</b> deve conter de 8 a 20 páginas, incluindo notas e referências bibliográficas.</li> <li>• <b>RESUMO EXPANDIDO:</b> deve conter entre 800 a 2000 caracteres, considerando os espaços.</li> <li>• Papel tamanho A4.</li> <li>• Programa Word for Windows (versão 2003 ou superior);</li> <li>• Fonte Times New Roman, sendo tamanho 12 para título e corpo do texto e 11 para nomes dos(as) autores(as), vinculação institucional e palavras-chave.</li> <li>• Espaçamento 1,5.</li> <li>• Margens: superior e esquerda 3cm; inferior e direita 2cm.</li> <li>• Alinhamento justificado.</li> <li>• Título em maiúsculo, centralizado e em negrito.</li> <li>• Nomes dos(as) autores(as) alinhados à direita depois de uma linha de espaço do título e logo após a vinculação institucional.</li> <li>• Sublinhar o nome do apresentador do trabalho.</li> <li>• Endereço eletrônico logo abaixo do nome, com espaçamento simples.</li> <li>• Depois de uma linha de espaço, o trabalho completo.</li> <li>• Depois de duas linhas de espaço, a referência bibliográfica, apresentada segundo as normas da ABNT.</li> <li>• Se forem necessárias notas de rodapé, estas devem vir ao final da página.</li> </ul> <p>Obs.: Não serão publicados nos Anais do ENPECPOP os textos que não obedecerem rigorosamente a essas instruções. No caso de resumo expandido este será publicado nos Anais do evento, não sendo necessário, portanto, o envio de trabalho completo.</p>								



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



**Reitor**

Elmário Santo Resende

**Vice-Reitor**

Eduardo Nunes Guimarães

**Pró-Reitor de Graduação**

Marisa Lomônaco de Paula Neves

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Marcelo Emilio Bolegetti

**Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos**

**Estudantis**

Dalva Maria de Oliveira Silva

**Pró-Reitor de Planejamento e Administração**

José Francisco Ribeiro

**Pró-Reitor de Recursos Humanos**

Marlene Marins de Camargos Borges

**Diretora da Faculdade de Educação**

Marcelo Soares Pereira da Silva

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação**

Carlos Henrique de Carvalho

**COORDENAÇÃO GERAL**

Prof. Dr. Benerval Pinheiro Santos

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Profª. Ms. Adriana Auxiliadora Martins

Profª. Drª. Adriany de Ávila Melo Sampaio

Prof. Ms. Alex Medeiros de Carvalho

Profª. Drª. Altina Abadia da Silva

Prof. Ms. André Luiz Sabino

Prof. Dr. Antônio Almeida

Prof. Dr. Arlindo José de Souza Júnior

Prof. Dr. Benerval Pinheiro Santos

Profª. Esp. Clarice Carolina Ortiz de Camargo

Profª. Drª. Cristiane Coppe de Oliveira

Prof. Dr. Flander de Almeida Calixto

Profª. Drª. Gercina Santana Novais

Profª. Ms. Giuliana Ribeiro Carvalho

Profª. Drª. Graça Aparecida Cicillini

Profª. Esp. Iraldes Reinaldo da Silva

Profª. Ms. Ivete Batista da Silva Almeida

Prof. Ms. Izaurdir Diniz Linhares

Profª. Drª. Jorgetânia da Silva

Profª. Drª. Karina Klink

Profª. Drª. Lázara Cristina da Silva

Profª. Drª. Mariene Hundertmarch Perobelli

Profª. Drª. Myrtes Dias da Cunha

Profª. Ms. Neli Edite dos Santos

Profª. Drª. Olenir Maria Mendes

Profª. Ms. Raquel Neves Matos Carvalho

Prof. Ms. Sebastião Elias da Silveira

Profª. Drª. Tânia Maia Barcelos

Profª. Drª. Vera Lúcia Puga

Profª. Ms. Wilma Ferreira de Jesus

**Bolsistas:**

Alessany Teixeira Barbosa

Ana Flávia Beserra da Silva

Bárbara Cristina Souza Barbosa

Bruno Aparecido de Paula Paim

Cinara Ribeiro Peixoto

Cinthya Barbosa de Melo Abdalla

Daniel Féo Castro de Araújo

Debora Bringsken

Elayne Cristina Pires da Silva

Emanuel Garcia Temístocles Ferreira

Emyli de Sousa Soares

Flávia Gabriela Franco Mariano

Juliana Cristina Silveira

Kátia Lourenço Alves

Lucas Santana de Sousa

Nayara Paula de Oliveira

Nicole Cristina Machado Borges

Pablo Guimarães Andrade

Rodrigo Greppe Severino de Souza

**Planejamento Gráfico:**

Leandro Cesário Borges

Ronicley Eduardo Corrêa de Araújo

Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares.  
(2<sup>o</sup> Encontro) Uberlândia, MG).

Educação e Culturas Populares: Direitos Humanos, Saberes e Resistências: II  
Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, 18 e 21  
de setembro de 2013; Benerval Pinheiro Santos (Coord.). – Uberlândia: UFU, 2013.

1CD-Rom.

ISSN: 2236-3998

1. Educação – congressos. I. Título. II. Santos, Benerval Pinheiro.

CDU-37.01(05)

Bibliotecária: Yara Ribeiro de Moura Silva. CRB6 2425

**2º Encontro Nacional de Pesquisadores(as)  
em Educação e Culturas Populares  
- ENPECPOP –**

**18 e 21 de setembro de 2013  
Uberlândia, Minas Gerais.**

**EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES:  
Direitos Humanos, Saberes e Resistências.**



## ANEXO 7 – Certificado de atuação como formador no RENAFOR.



Universidade  
Federal de  
Uberlândia



# Certificado

Certificamos que

**Benerval Pinheiro Santos**

atuou como Ministrante do(a) Mini-curso, **Cultura e história dos povos indígenas - Polo Ituiutaba**, no(s) dia(s) 07/07, 14/07, 04/08 e 11/08/2012, como parte das atividades do(a) Rede Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - RENAFOR II, promovido(a) pelo(a) Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia, realizado(a) no período de 12/05/2012 a 17/12/2012, sob a coordenação do(a) Sônia Maria dos Santos, com carga horária de 40 horas.



Prof.ª. Dra. Dalva Maria de Oliveira Silva  
Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos

Uberlândia (MG), 21 de Fevereiro de 2013.

Autenticação Eletrônica de Certificados de Extensão: 5556.7898.1e2b.e4ca.7e86.dc82.bf53.41a9 - em 21/02/2013.  
Para verificar a autenticidade desse certificado, acesse: [www.slex.proex.ufu.br/certificado/validar](http://www.slex.proex.ufu.br/certificado/validar)

**ANEXO 8 – Folha de rosto do Plano de Trabalho do Curso de Especialização Em Culturas e História dos Povos Indígenas.**

<u>ANEXO C</u>				
<u>PLANO DE TRABALHO - PROJETO BÁSICO 2014</u>				
<b>AÇÃO:</b>				
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURAS E HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS				
<b>PROPONENTE: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA</b>				
<b>DADOS CADASTRAIS</b>				
Órgão/Entidade Proponente			CNPJ.	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA			25.648.387/0001-18	
Endereço				
AVENIDA JOÃO NAVES DE ÁVILA, 2121 – SANTA MÔNICA				
Cidade	U.F.	C.E.P.	DDD/Telefone	Endereço eletrônico.
UBERLÂNDIA	MG	38.400-902	(34) 3239 – 4810	<a href="mailto:reitoria@ufu.br">reitoria@ufu.br</a>
Código da Unidade Gestora		Código de Gestão		
107				
Nome do Responsável		Função	C.P.F.	
Elmiro Santos Resende		PROFESSOR	93761732872	
C.I./Órgão Expedidor		Cargo	Matrícula SIAPE	
154.253- SSP/MG		REITOR	0411545	
Endereço			CEP	
RUA CEARÁ, 836 –UMUARAMA – UBERLÂNDIA-MG			38405-315	
Esfera Administrativa				
Administração Pública Indireta				
Coordenadora Institucional		DDD/Telefone	Endereço eletrônico.	
Profa. Dra. Gláucia Carvalho Gomes		34 3239-4842	<a href="mailto:direc@proex.ufu.br">direc@proex.ufu.br</a>	
Coordenação				
Coordenador Adjunto: Prof. Dr. Benerval		34.3014.3497	<a href="mailto:benerval@faced.ufu.br">benerval@faced.ufu.br</a>	
Pinheiro Santos		34.9115.7692	<a href="mailto:benervalsantos@gmail.com">benervalsantos@gmail.com</a>	

## ANEXO 9 – Formulário solicitação de visita a aldeia Namunkurá – MT

### Identificação do (a) responsável pela viagem:

Nome completo do responsável*: Benerval Pinheiro santos
CPF: 077.862.288-61
RG (com órgão expedidor): 17.580.994-x
Cargo: Docente
SIAPE: 16642198
Unidade acadêmica / administrativa: FAGED/UFU
Telefone (celular): 8855-1154
E-mail: benervalsantos@gmail.com

\*Para viagens intermunicipais e interestaduais, exceto em deslocamentos ~~intermunicipais~~ realizados em veículos coletivos em que os passageiros sejam discentes da UFU, é necessário que o responsável pela viagem seja um servidor efetivo da UFU (técnico administrativo ou docente).

### Dados da viagem:

Local de origem (endereço completo): UFU – CAMPUS SANTA MONICA
Data da saída: 18/07/2015
Horário da saída (entre 05 e 21 horas): 21h
Local de destino (endereço completo): Aldeia Indígena Xavante "Namunkurá" - Barra do Garça – Mato Grosso
Data do retorno: 22/07/2015
Horário do retorno (entre 05 e 21 horas): 10h

### Identificação do tipo de veículo (assinalar o pretendido):

Onibus (máximo de 39 lugares)	<input checked="" type="checkbox"/>
Micro-ônibus (máximo de 27 lugares)	<input type="checkbox"/>
Van (máximo de 16 lugares)	<input type="checkbox"/>
Carro (máximo de 04 lugares)	<input type="checkbox"/>
Caminhão (máximo de 03 lugares)	<input type="checkbox"/>
Kombi (máximo de 08 lugares)	<input type="checkbox"/>



## ANEXO 10 – Rol das disciplinas que já ministrei no âmbito da UFU.

https://www.portaldocente.ufu.br/diarioEletronico

**UFU 45**  
Universidade Federal de Uberlândia

**Portal do Docente**

Trocar Senha Dados Cadastrais Diário Eletrônico Identidade Funcional Registro de Resultados Biblioteca Sair

Bem-vindo(a) Benerval Pinheiro Santos

Atendimento Dúvidas ou Erros no Sistema

**Diários de Classe**

Pesquisa:

Ano/Período	Código	Nome da Disciplina	Turma	Diário Excel	Frequência	Conteúdo	Aulas
2025 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	Noturno				
2025 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	Noturno				
2024 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	N1				
2024 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	N				
2024 / Ano	GPE033	Racismo e Educação: Desafios para a Formação Docente	N				
2023 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	N1				
2023 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	N				
2022 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	N				
2022 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	N				
2022 / Ano	GPE033	Racismo e Educação: Desafios para a Formação Docente	N				
2021 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	N1				
2021 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	N				
2021 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	Exame de Suficiência				
2020 / 1º Per. Esp.	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R				
2020 / 2º Semestre	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R1				
2020 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	N				
2020 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	N				
2019 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R1				
2019 / Ano	FACED31402	Estágio Supervisionado VII	NN				
2019 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R				
2018 / 2º Semestre	PGECM17	Temas e Projetos Interdisciplinares na Educação Científica e Matemática	A				
2018 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R				
2018 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R				
2017 / 2º Semestre	PGECM14	Tópicos em Conteúdo de Matemática: Conceitos e Ideias no Processo de Investigação Matemática	A				
2017 / 2º Semestre	PGECH23	Trabalho de Conclusão Final de Curso	BENEFICIAL				
2017 / 1º Semestre	PGECH24	Prática Docente Supervisionada	BENEFICIAL				

2017 / 1º Semestre	PQECM23	Trabalho de Conclusão Final de Curso	BENEFICIAL								
2017 / Ano	GPE300	Complementação de Estudos de Metodologia do Ensino de matemática	COMP								
2017 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R1								
2017 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2016 / 2º Semestre	PQECM23	Trabalho de Conclusão Final de Curso	T20								
2016 / Ano	GPE015	Estágio Supervisionado 1: Docência na Educação Infantil - Gestão Escolar	R1								
2016 / Ano	GPE034	Introdução à Informática na Educação	R								
2016 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2016 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	ESP								
2015 / Ano	GPE300	Complementação de Estudos de Metodologia do Ensino de matemática	COMP								
2015 / Ano	GPE015	Estágio Supervisionado 1: Docência na Educação Infantil - Gestão Escolar	R1								
2015 / Ano	GPE034	Introdução à Informática na Educação	R								
2015 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2014 / Ano	FACE049594	A Importância social de um Curso de Especialização em Culturas e História Indígena	E								
2014 / Ano	GPE015	Estágio Supervisionado 1: Docência na Educação Infantil - Gestão Escolar	R2								
2014 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	E								
2014 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2013 / Ano	GPE015	Estágio Supervisionado 1: Docência na Educação Infantil - Gestão Escolar	R2								
2013 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R2								
2013 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2013 / Ano	GPE043	Monografia 2	7								

2013 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2013 / Ano	GPE043	Monografia 2	7								
2012 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	E1								
2012 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2012 / Ano	GPE042	Monografia 1	12								
2012 / Ano	GPE043	Monografia 2	7								
2011 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R1								
2011 / Ano	GPE034	Introdução à Informática na Educação	R								
2011 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2011 / Ano	GPE042	Monografia 1	B-2								
2010 / Ano	GPE015	Estágio Supervisionado 1: Docência na Educação Infantil - Gestão Escolar	R1								
2010 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	E								
2010 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								
2010 / Ano	GPE042	Monografia 1	K								
2009 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	R1								
2009 / Ano	GPE021	Estágio Supervisionado 2: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Gestão Escolar	E2								
2009 / Ano	GPE005	Metodologia do Ensino de Matemática	R								

**ANEXO 11 – Portaria de Pessoal UFU no. 128 de 25 de março de 2022, minha designação como diretor substituto da FACED/UFU.**

25/03/2022 14:06

SEI/UFU - 3470626 - Portaria de Pessoal

Boletim de Serviço Eletrônico em 25/03/2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Reitoria

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 3P - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: +55 (34) 3239-4893 - www.ufu.br - reitoria@ufu.br



**PORTARIA DE PESSOAL UFU Nº 1278, DE 25 DE MARÇO DE 2022**

**O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**, no uso de suas atribuições legais e regimentais, e

**CONSIDERANDO** o disposto nos artigos 38 e 39 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990;

**CONSIDERANDO** a documentação constante no Processo SEI nº 23117.038603/2019-91,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** Designar **Benerval Pinheiro Santos**, SIAPE 1664219, para exercer a função de Substituto Eventual do(a) Diretor(a) da Faculdade de Educação, a partir de 28 de março de 2022, nos afastamentos, impedimentos legais ou regulamentares do(a) Titular e na vacância do cargo.

**Art. 2º** Revoga-se a Portaria REITO nº 513, de 07 de maio de 2019.

**Art. 3º** Esta Portaria de Pessoal entra em vigor na data de sua publicação.

**Valder Steffen Junior**



Documento assinado eletronicamente por **Valder Steffen Junior, Reitor(a)**, em 25/03/2022, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3470626** e o código CRC **CA4B1174**.

Referência: Processo nº 23117.038603/2019-91

SEI nº 3470626

## **ANEXO 12 – Currículo Lattes**

**Benerval Pinheiro Santos**  
Curriculum Vitae

Junho/2025

## Benerval Pinheiro Santos

Curriculum Vitae

---

### Identificação

**Nome** Benerval Pinheiro Santos  
**Filiação** Rafael Carvalho dos Santos e Raimunda Pinheiro Santos  
**Nascimento** 03/06/1968 - Palmeira do Piauí/SP - Brasil  
**Lattes ID**   
0161679393289240

**Nome em citações bibliográficas** SANTOS, Benerval Pinheiro

### Endereço

**Endereço residencial** Alameda África, 1114  
Mansões do Aeroporto - Uberlândia  
38406-407, MG - Brasil  
Telefone: 34 88551154

**Endereço profissional** Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação - FAGED  
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1G - Sala 112  
Santa Mônica - Uberlândia  
38408-100, MG - Brasil  
Telefone: 34 32394163

**Endereço eletrônico** E-mail para contato : benerval santos@gmail.com  
E-mail alternativo : benerval@faced.ufu.br

---

### Idiomas

**Inglês** Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente , Escreve Razoavelmente , Lê Razoavelmente  
**Espanhol** Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente , Escreve Razoavelmente , Lê Razoavelmente  
**Português** Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

---

### Formação acadêmica/titulação

**2003 - 2007** Doutorado em Ensino de Ciência e Matemática.  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE-USP, Brasil  
Título: Paulo Freire e Ubiratan D'Ambrosio: contribuições para a formação do professor de matemática no Brasil, Ano de obtenção: 2007  
Orientador: Profa Dra. Maria do Carmo Santos Domite  
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: Educação Matemática, Ensino e Aprendizagem, Etnomatemática, formação de professor, História da educação, Intelectual orgânico.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem

**2000 - 2002** Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática.  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE-USP, Brasil

Título: A etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas: algumas indicações pautadas numa professora e em seus alunos e alunas de 5a série, Ano de obtenção: 2002

Orientador: Profa Dra. Maria do Carmo Santos Domite

Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.

Palavras-chave: Educação Matemática, Etnomatemática, Ensino e Aprendizagem, Realidade sociocultural, Concepções, Expectativas.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem / Especialidade: Métodos e Técnicas de Ensino.

**1993 - 1997**

Graduação em Licenciatura Em Matemática.

Instituto de Matemática Estatística e Computação Usp, IME-USP, Brasil

---

## Atuação profissional

### . Universidade Federal de Uberlândia - UFU

**2008 - Atual**

Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor Doutor Associado II , Carga horária: 40, Regime: Universidade Federal de UberlândiaDedicação exclusiva

---

#### Atividades

**11/2008 - Atual**

Graduação, Pedagogia

*Disciplinas ministradas:*

*Estágio Supervisionado I , Estágio Supervisionado II , Introdução à Informática na Educação , Metodologia de Ensino de Matemática , Monografia I , Estágio Supervisionado VI*

**11/2008 - Atual**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:*

*Membro do Conselho da Faculdade de Educação - FAGED*

**11/2014 - 02/2016**

Direção e Administração, Faculdade de Educação

*Cargos ocupados:*

*Coordenador do Curso de Especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas - Portaria 012/14/FAGED/UFU de 21/07/2014*

**05/2014 - 12/2015**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:*

*Comissão Instituída pela Portaria 006/14/FAGED/UFU – período de 05/05/14 a 01/08/2014 – Comissão Específica p/ avaliação dos relatórios de Progressão da FAGED*

**05/2014 - 12/2014**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:*

*comissão instituída pela Portaria 436, de 12/05/2014 – Analisar pedido de reconhecimento de diploma de Mestrado em Ciências da Educação*

**04/2014 - 12/2014**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria

*Especificação:*

*Comitê de Assessoramento à DRII, instituído pela Portaria 363 de 11/04/14*

**09/2015 - 11/2018**

Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria

*Especificação:*

*Comissão Estatuinte como representante docente eleito pelos seus pares - Portaria R 921 de*

04/09/2015

- 08/2015 - 10/2016** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*comissão para analisar as documentações relativas aos pedidos de remoção de docentes para a FACED - Portaria 019/15/FACED de 28/08/2015*
- 04/2016 - Atual** Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria
- Especificação:*  
*Representante da FACED na DRII – Diretoria de Relações Internacional e Interinstitucional*
- 01/2016 - 12/2018** Aperfeiçoamento
- Especificação:*  
*Formador(a), Eixo 2 - A Eja Na História E Cultura Dos Povos Indígenas do(a) PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EJA NA DIVERSIDADE I e II*
- 08/2017 - Atual** Pós-graduação, Ensino de Ciências e Matemática
- Disciplinas ministradas:*  
*Tópicos em Conteúdo de Matemática: Conceitos e Ideias no Processo de Investigação Matemática , Temas e Projetos Interdisciplinares na Educação Científica e Matemática*
- 09/2017 - 09/2019** Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria
- Especificação:*  
*Representante da ADUFU no CONSUN- Conselho Universitário*
- 10/2017 - 12/2018** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*PORTARIA SEI REITO Nº 268, de 17 de outubro de 2017 - representante da ADUFU-SS, na Comissão nomeada pela Portaria R 1.434, de 25 de julho de 2017 acerca das atividades dos docentes integrantes das carreiras do Magistério Federal e sobre os regimes de tra*
- 10/2018 - 12/2018** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*Comissão de estudos para proposição de normatização dos aspectos relativos ao peso dos votos nos editais de consulta eleitoral da Faculdade de Educação*
- 05/2018 - 07/2018** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*PORTARIA SEI DIRFACED Nº 26, DE 05 DE OUTUBRO DE 2018 - Comissão de estudos para proposição de normatização dos aspectos relativos ao peso dos votos nos editais de consulta eleitoral da Faculdade de Educação*
- 05/2018 - 07/2018** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*Portaria SEI DIRFACED Nº 9, de 15 de maio de 2018 - Comissão Especial, a quem caberá o encaminhamento dos trabalhos de coordenar, organizar e supervisionar a Consulta Eleitoral e proceder à apuração dos votos da Consulta Eleitoral para escolha da Direção*
- 09/2019 - 12/2019** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*Portaria DIRFACED nº 43 de 30 de setembro de 2019 – Comissão de elaboração do Projeto de criação da Coordenação de Extensão da Faculdade de Educação*
- 10/2021 - 11/2021** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação
- Especificação:*  
*PORTARIA DIRFACED Nº 61, DE 18 DE OUTUBRO DE 2021 - Comissão para Consulta*

*Eleitoral Eletrônica do Coordenação do Curso de Jornalismo, representantes de Colegiado de Curso e representante discente.*

**08/2021 - 12/2021** Direção e Administração, Faculdade de Educação

*Cargos ocupados:  
coordenador pró-tempore do Núcleo de Metodologia de Ensino - PORTARIA DIRFACED N 48, DE 16 DE AGOSTO DE 2021*

**06/2021 - 07/2021** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:  
PORTARIA DIRFACED Nº 37, DE 10 DE JUNHO DE 2021 - Comissão para Consulta Eleitoral Eletrônica do PPGED.*

**03/2021 - 07/2021** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:  
Portaria DIRFACED n 14 de 12/03/2021 - Comissão de elaboração de uma política de articulação entre a Faculdade de Educação e a ESEBA*

**03/2021 - 11/2021** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:  
Portaria DIRFACED nº 14, de 12 de março de 2021 - Comissão de elaboração de uma política de articulação entre a Faculdade de Educação e a ESEBA*

**09/2022 - Atual** Graduação, Pedagogia

*Disciplinas ministradas:  
Racismo e Educação: Desafios para a Formação Docente*

**06/2022 - 06/2024** Direção e Administração, Faculdade de Educação

*Cargos ocupados:  
Coordenador do Laboratório Pedagógico - LAPED da Faculdade de Educação - Portaria Pessoal UFU 2616 de 06/06/2022*

**03/2022 - 03/2024** Direção e Administração, Faculdade de Educação

*Cargos ocupados:  
Substituto Eventual da Diretora da Faculdade de Educação designado pela PORTARIA DE PESSOAL UFU N 1278, DE 25 DE MARÇO DE 2022*

**06/2022 - 12/2022** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:  
Comissão de Avaliação do Processo Seletivo Simplificado de Professores/Pesquisadores (Autores e Formadores) para o Curso de Graduação em Pedagogia na Modalidade a Distância*

**03/2024 - Atual** Direção e Administração, Faculdade de Educação

*Cargos ocupados:  
Coordenador do Núcleo de Metodologia de Ensino - Portaria de Pessoal UFU 1.774 de 22/03/2024*

**03/2024 - Atual** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Educação

*Especificação:  
Membro do Conselho da Faculdade de Educação - Portaria de Pessoal UFU 1.774 de 22/03/2024*

## **Faculdades Renascentista - UNIESP**

**2007 - 2008**

Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professor Doutor I , Carga horária: 20, Regime: Faculdades Renascentista Parcial



---

## Atividades

**02/2007 - Atual**      Graduação, Licenciatura em Matemática

*Disciplinas ministradas:*

*Desenho Geométrico , Tópicos Especiais de Educação Matemática , Prática de Ensino de Matemática II, III, IV, V*

.

## Fundação de Apoio à Faculdade de Educação da USP - FAFE/SP

**2002 - 2003**

Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Coordenador Pedagógico , Carga horária: 20, Regime: Fundação de Apoio à Faculdade de Educação da USP Parcial

*Outras informações:*

Projeto de Formação de Professores Indígenas de 1a à 4a série. Projeto da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo - S.E.E./SP - Início agosto de 2002 Nessa fundação atuei na equipe de coordenação do mencionado projeto que teve duração de 15 meses.

---

## Atividades

**09/2002 - 09/2003**      Direção e Administração, Secretaria Estadual da Educação

*Cargos ocupados:*

*Cargo administrativo*

.

## Centro Universitário São Camilo - Campus Pompeia - SAO CAMILO

**2001 - 2005**

Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professor Assistente II , Carga horária: 20, Regime: Centro Universitário São Camilo - Campus Pompeia Parcial

*Outras informações:*

Disciplinas ministradas: Estatística - para a turma especial de Fisioterapia; Geometria I, II e III – para as turmas do curso de Licenciatura em Matemática. Novas Tendências em Educação Matemática - Para as turmas de Licenciatura em Matemática.

---

## Atividades

**08/2001 - 12/2005**      Graduação, Licenciatura em Matemática

*Disciplinas ministradas:*

*Geometria e Desenho Geométrico I, II e III , Novas Tendências em Educação Matemática*

.

## Prefeitura Municipal de Uberlândia - PMU

**2016 - 2019**

Vínculo: Membro conselheiro , Enquadramento funcional: membro, Regime: Prefeitura Municipal de Uberlândia Parcial

*Outras informações:*

Conselho Municipal de Educação-CME

---

## Projetos

Projetos de pesquisa

**2012 - 2013** Pesquisa - ação na área de gênero

Descrição: este projeto pretende atender a referida demanda e colaborar para a compreensão dos processos de produção de violência de gênero, construir coletivamente estratégias de resolução de conflitos sem a presença da violência e desenvolver co-formação sobre gênero e violência. O local de estudo e de intervenção são dois contextos educativos: uma ONG que desenvolve ensino não formal e uma escola de Ensino Fundamental da rede pública. Interessa-nos, pois, compreender os sentidos e os significados dos processos de produção e superação de relações de gênero violentas. Para tanto, serão desenvolvidas oficinas com profissionais da educação de uma escola de Ensino Fundamental e grupos de convivência com participantes das unidades produtivas de uma ONG, com vistas à formação continuada de profissionais da educação e participantes das unidades produtivas da ONG; à divulgação de metodologia de trabalho sobre educação, gênero e violência. Essa divulgação será feita por meio da publicação de livro sobre essa temática e da participação em eventos científicos.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (27); Especialização (1); Mestrado profissionalizante (2); Doutorado (1);

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; Olenir Maria Mendes; Myrtes Dias da Cunha

Financiador(es): Ministério da Educação e Cultura-MEC

**2012 - 2013** Rede de Educação Popular

Descrição: Neste projeto de pesquisa e intervenção representa o esforço de um grupo de pesquisadores que fazem parte do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, visando: • Identificar e analisar em diferentes contextos educativos os saberes e as expressões culturais, com vistas a conhecer e desvelar os significados e os sentidos destes para a inclusão social e ou escolar de grupos historicamente excluídos, potencializando redes de investigação e de intervenção sobre educação e culturas populares. • Identificar e divulgar práticas de educação e culturas populares e seus significados para a inclusão social e ou escolar das classes populares. • Investigar a produção de situações de sucesso e fracasso escolar das classes populares. • Investigar processos de escolarização das classes populares. • Refletir sobre relações de gênero, de raça/etnia, de classes sociais e educação e culturas populares. • Refletir sobre diferentes dimensões que se entrecruzam na produção de sentido e na constituição da teia da educação e culturas populares e suas relações com a inclusão social e escolar das classes populares. • Refletir sobre educação popular em contextos de economia solidária. •

Investigar e intervir em diferentes contextos educativos com vistas a favorecer inclusão social/escolar. • Desenvolver formação continuada em educação e culturas populares para educadores(as) por meio da organização e desenvolvimento de sessões reflexivas. • Construir e disponibilizar banco de dados sobre educação e culturas populares no município de Uberlândia. •

Planejar e implementar espaços de divulgação e debate sobre os resultados da pesquisa ação. •

Publicar um livro sobre educação e culturas populares em diferentes contextos educativos. •

Participar de eventos científicos, divulgando resultados do projeto. • Promover um evento sobre educação e culturas populares.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (27); Especialização (2); Mestrado profissionalizante (2); Doutorado (1);

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; Gercina Santana novais; Graça Aparecida Cicillini; Olenir Maria Mendes; Arlindo José de Souza Junior; Myrtes Dias da Cunha; Iraídes Reinaldo da Silva; Ronicly Eduardo Corrêa de Araújo; Eliane Santana Novais; Milena Abadia de Sousa; Ana Flávia Beserra da Silva; Cinara Ribeiro Peixoto

Financiador(es): Ministério da Educação e Cultura-MEC

**2011 - 2012** Projeto de pesquisa e intervenção na escola pública: rede de educação popular

Descrição: O Projeto Rede de Educação Popular, orientado pelos princípios da “pesquisa-ação” (Brandão, 1999), é constituído de subprojetos articulados acerca de aspectos que se entrecruzam na produção e compreensão da educação e das culturas populares. São objetivos do Projeto: identificar e analisar em diferentes contextos educativos dos Bairros do município de Uberlândia-MG, especialmente, Morumbi, Joana D'Arc, Zaire Resende e Celebridade, os saberes e as manifestações culturais; identificar práticas de educação e culturas populares e seus significados para a inclusão social e ou escolar das classes populares e/ou saberes criados por tais segmentos; investigar processos de escolarização das classes populares; refletir sobre relações de gênero, de raça/etnia, de classes sociais,

educação e culturas populares; refletir sobre diferentes dimensões que se entrecruzam na produção de sentidos e na constituição da teia da educação e culturas populares e suas relações com a inclusão social e escolar das classes populares. Para alcançar tais propósitos, o grupo de pesquisadores(as) que compõem a equipe do projeto, adotou a ideia de teia como inspiradora do modo de produzir conhecimentos. Disso decorre, uma dinâmica de trabalho sustentada na construção de relações de cooperação entre os(as) pesquisadores(as), com vistas a favorecer a criação de um ambiente de construção coletiva de conhecimento acerca da educação e culturas populares e dos(as) envolvidos(as) nos projetos, a saber: pesquisadores(as) e outras comunidades. O Projeto pressupõe, no período de 2009 a 2010, as seguintes etapas: 1ª etapa: diagnóstico (escuta e análise das demandas e delimitação dos problemas da pesquisa; definição dos possíveis locais para a realização da pesquisa; desenho da teia, colorindo os fios, evidenciando entrelaçamentos e vínculos e elaboração e desenvolvimento do projeto, contemplando vários itinerários e portas de entrada. 2ª etapa: criação de comunidades de discussão e de intervenção; elaboração de

Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (5); Mestrado acadêmico (2);

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; Gercina Santana novais; Graça Aparecida Cicillini; Alessandro Medeiros; Olenir Maria Mendes; Arlindo José de Souza Junior; Myrtes Dias da Cunha; Sonia Maria dos Santos; Lazara Cristina da Silva

Financiador(es): Ministério da Educação - Emenda parlamentar-MEC

**2009 - 2011**

O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA: UMA ANÁLISE DE SUA IMPLEMENTAÇÃO E DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA SÉRIE INTRODUTÓRIA

Descrição: Com esta pesquisa qualitativa participativa, pretendemos investigar o processo de implementação do Ensino Fundamental de nove anos na cidade de Uberlândia, tendo como preocupação central analisar os processo de alfabetização e alfabetização matemática. Para isso, pretendemos fazer um levantamento das determinações legais acerca da questão, estendendo nossa análise às questões curriculares, estruturais da sala de aula e aos tipos de materiais didáticos utilizados. Pautaremos nossas observações e intervenções nas contribuições teóricas de Freire, D'Ambrosio, Weisz, Lara, Kishimoto, Cortella, Kamii, dentre outros.

Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1);

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; Karina Klinke; Mayara Puntel Campos Soares

Financiador(es): Universidade Federal de Uberlândia-UFU

Projeto de extensão

**2024 - Atual**

O jogo de Xadrez e o ensino da Matemática 2024

Descrição: Despertar nos estudantes a vontade e o desejo pelos estudos bem como incentivar a prática esportiva do jogo de Xadrez. Objetivos Específicos: Fortalecer o vínculo entre as comunidades de Monte Carmelo e Uberlândia com a Universidade Federal de Uberlândia; Incentivar a prática do Xadrez nos campi Monte Carmelo e Santa Mônica, bem como nas escolas públicas das cidades de Monte Carmelo e Uberlândia, como ferramenta para desenvolver o raciocínio lógico, a imaginação e a capacidade de concentração; Utilizar o Xadrez como ferramenta lúdica no ensino da Matemática; Incentivar a leitura de livros relacionados ao Xadrez; Contribuir para a elevação da autoestima dos participantes; Oferecer um espaço e material para que os alunos possam praticar o Xadrez; Disseminar o pensamento de que o Xadrez é um jogo para todos e não apenas para a elite da população. Contribuir com o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos da UFU Monte Carmelo e alunos dos Ensinos Fundamental e Médio de escolas públicas, através da prática do Xadrez.

Situação: Em andamento Natureza: Projeto de extensão

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; DANILO ELIAS DE OLIVEIRA; GISELLE MORAES RESENDE PEREIRA; HIGOR EMANUEL LEOCADIO CHAGAS; LUCIANO RIBEIRO DE SOUZA; RENATO CÉSAR FERNANDES VASCONCELOS; VÂNIA DE FATIMA LEMES DE

2022 - 2022

XV Seminário de Prática Educativa da UFU: A Formação de Professores do Curso de Pedagogia no Contexto Atual: reflexões sobre as políticas e práticas

Descrição: O Projeto tem como Objetivo: Incentivar os alunos da graduação a sistematizarem suas aprendizagens e reflexões acumuladas ao longo do curso, relacionando teoria e prática, reflexão e ação, pesquisa e prática educativa; Socializar experiências de ensino, pesquisa e extensão realizadas por graduandos do curso de Pedagogia; Integrar alunos e professores das diversas turmas dos cursos de Pedagogia e Jornalismo da FAGED entre si, bem como, com os alunos dos cursos de Pós-Graduação da faculdade e com profissionais que atuam no campo da educação; Articular saberes teóricos e práticos do curso com o cotidiano de espaços educativos escolares e não escolares no qual os egressos do curso de Pedagogia irão atuar.

Situação: Concluído Natureza: Projeto de extensão

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos; Lazara Cristina da Silva (Responsável); Astrogildo Fernandes da Silva Júnior; Cairo Mohamad Ibrahim Katrib; Geovana Ferreira Melo; Iara Maria Mora Longhini; Marisa Pinheiro Mourão; Paulo Celso Costa Gonçalves

2009 - 2011

TECENDO REDE DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO: FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.

Descrição: Este projeto representa o esforço de um grupo de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED-UFU, vinculados ao Núcleo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares. Tem como propósito identificar e analisar em diferentes contextos educativos saberes e culturas populares e as possibilidades de intervenção com vistas a conhecer e desvelar os significados e os sentidos que compõem essas práticas para a inclusão social e ou escolar de grupos historicamente excluídos, potencializando redes de investigação e intervenção sobre educação, culturas populares e formação docente. Para tanto, assume o formato de pesquisa-ação colaborativa, contemplando duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores(as). Tem como questão central: Quais são as práticas escolares dos(as) educadores(as) da EJA, as necessidades formativas e seus significados na/para a inclusão escolar de jovens e adultos das classes populares, buscando constituir comunidades de investigação e formação em diferentes contextos educativos. Essa comunidade será composta por educadores(as) que ali atuam na EJA, pessoas que moram ao redor, que têm vínculos com aqueles(as) que freqüentam a EJA, e professores-pesquisadores e alunos(as) da UFU. O projeto visa produzir e socializar saberes, a partir da interlocução com os(as) educadores(as), especialmente, os(as) professores(as), os(as) orientadores(as), os(as) supervisores(as), os(as) diretores(as), envolvidos com a educação de jovens e adultos – EJA. O projeto contempla e articula três linhas de ação: 1º) Formação de educadores(as) que atuam na educação de jovens e adultos; 2º) Criação de materiais de apoio ao processo formativo; 3º) Criação de comunidades de investigação e discussão. Por conseguinte, contribuirá para criar espaços de formação continuada de professores(as) e de produção de conhecimento sobre os diferentes problemas envolvidos na discussão sobre sucesso e fracasso escolar.

Situação: Em andamento Natureza: Projeto de extensão

Alunos envolvidos: Graduação (3); Mestrado acadêmico (3);

Integrantes: Benerval Pinheiro Santos (Responsável); ; Gercina Santana novais; Gabriel Munoz Palafox; Graça Aparecida Cicillini; Alessandro Medeiros; Olenir Maria Mendes; Arlindo José de Souza Junior; Myrtes Dias da Cunha; Sonia Maria dos Santos; Karina Klinke; Cristiane Coppe de Oliveira

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG

---

#### Revisor de periódico

2023 - Atual

Revista de Educação Popular  
Outras informações: volume 22, n. 2

**2021 - Atual** Revista Educação e Políticas em Debate  
Outras informações: ID: 2021-79

**2022 - Atual** Revista Educação e Políticas em Debate  
Outras informações: ID: 2022-16

**2021 - Atual** Revista Em Extensão

---

#### Membro de corpo editorial

**2010 - Atual** Revista de Educação Popular (Impresso)  
Outras informações: Membro do Conselho Editorial (Gestão 2010-2012) da Revista de Educação Popular (ISSN 1678-5622), publicação da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia.

**2021 - Atual** Revista de Educação Popular (Impresso)  
Outras informações: PORTARIA PROEXC N 42, DE 08 DE JUNHO DE 2021-coordenadores(as) executivos(as) da Revista de Educação Popular

**2010 - Atual** Coleção Etnomatemática em África e nas Américas  
Outras informações: Publicação da Editora Diáspora, coordenação Prof. Dr. Paulus Gerdes.

---

#### Áreas de atuação

1. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação
2. Grande área: Ciências Exatas e da Terra / Área: Matemática
3. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem
4. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Ensino-Aprendizagem / Especialidade: Métodos e Técnicas de Ensino
5. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação
6. Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação

#### Produção

---

##### Produção bibliográfica

##### Artigos completos publicados em periódicos

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Oliveira, Cristiane Coppe de. Conversas sobre o movimento da Etnomatemática na UFU. ENSINO EM RE-VISTA. v.25, p.671 - 685, 2018.
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Uma Breve análise de produções de alunos em situação de ensino/aprendizagem sob a luz da teoria da atividade de Leontiev. Cadernos. Faculdades Integradas São Camilo. v.11, p.17 - 24, 2005.
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A formação do professor de matemática reflexivo: uma necessidade. Cadernos. Faculdades Integradas São Camilo. v.10, p.9 - 18, 2004.
4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Algumas palavras sobre educação matemática e etnomatemática. Cadernos. Faculdades Integradas São Camilo. v.9, p.78 - 87, 2003.

## **Livros publicados**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Oliveira, Cristiane Coppe de; MENDES, O. M.. Educação e Culturas Populares em Diferentes Contextos Educativos: Pesquisas e Intervenções, ed.1. UBERLÂNDIA: EDUFU, 2015
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; MANO, M.. Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções, ed.1. Uberlândia/MG: RB Gráfica Digital Eireli-me, 2015, v.1.

## **Capítulos de livros publicados**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Situações Limites e Inexperiência Democrática: Encaminhamentos e Superações In: Como alfabetizar com Paulo Freire (recurso eletrônico), ed.1. São Paulo: Ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020, v.1, p. 35 - 43.
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Roniely Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; Soares, Mayara Puntel Campos; SILVA, Ana Flávia Beserra da. Bonecas, bolos, matemática e engajamento: uma análise dos modos de produção em unidades produtivas populares In: Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos : pesquisas e intervenções, ed.1. Uberlândia: Edufu, 2015, v.1, p. 85 - 118.
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Oliveira, Cristiane Coppe de; MENDES, O. M.. Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos : pesquisas e intervenções In: Apresentação, ed.1. Uberlândia: Edufu, 2015, v.1, p. 9 - 16.
4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Oliveira, Cristiane Coppe de; Silva, Iraídes Reinaldo da. Matematicando a colcha: tecendo saberes na Educação de Jovens e Adultos – EJA In: Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções, ed.1. UBERLÂNDIA: Edufu, 2015, v.1, p. 199 - 220.
5. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A Escola Brasileira: um Mecanismo de Triagem Social In: EDUCAÇÃO POPULAR EM TEMPO DE INCLUSÃO: Pesquisa e Intervenção, ed.1. Uberlândia: EDUFU - Editora da Universidade de Uberlândia, 2011, v.1, p. 204 - 221.
6. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Contribuições da Etnomatemática D'Ambrosiana para a Formação Docente In: Educação Matemática: contexto e práticas docentes, ed.1. Campinas: Alínea, 2010, v.1, p. 72 - 100.
7. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Matemática: o que ensinar, para quem ensinar, por que ensinar? In: Ensino Fundamental: Conteúdos, metodologias e Práticas, ed.1. Campinas: Alínea, 2009, p. 115 - 143.
8. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas: algumas indicações In: Etnomatemática: papel valor e significado, ed.1. São Paulo: Zouk, 2004, p. 203 - 218.

## **Livros organizados**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; SILVA, L. C.. EDUCAÇÃO POPULAR EM TEMPO DE INCLUSÃO: Pesquisa e Intervenção, ed.1. Uberlândia: EDUFU - Editora da Universidade de Uberlândia, 2011

## **Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)**

1. BORGES, J. M.; SILVA, L. L. A.; **SANTOS, Benerval Pinheiro**. O jogo como alternativa para o ensino da Matemática na Educação Infantil In: XIV Seminário Nacional O Uno e o Diverso na Educação Escolar - III Encontro de Educação em Ciências e Matemática - XII Seminário de Prática Educativa/ Pedagogia Faced/UFU, 2018, Uberlândia/MG. **XIV Uno e o Diverso**Uberlândia/MG: 2018, p.1335 - 1344
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; PEIXOTO, C. R.. AÇÕES DE EDUCAÇÃO POPULAR: CONSTRUINDO AUTONOMIAS In: UNIVERSIDAD 2014 - 9o CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO

SUPERIOR, 2014, HAVANA. **UNIVERSIDAD 2014 - 9o CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**HAVANA: CUBA, 2014, v.1, p.1 - 12

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS DE REGISTRO PARA A EDUCAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES(as) In: UNIVERSIDAD 2014 - 9o CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR, 2014, HAVANA. **UNIVERSIDAD 2014 - 9o CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR**HAVANA: CUBA, 2014, v.1, p.1 - 12

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. Contribuições das práticas de registros para a formação inicial de educadores(as) In: UNIVERSIDAD 2014 - 9o CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2014, Havana-Cuba. **Congreso Universidad 2014**2014,

5. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; PEIXOTO, C. R.; ANDRADE, P. G.. O PENSADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR In: 2o ENPECPOP - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES/RAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES, 2013, UBERLÂNDIA. **2o ENPECPOP - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES/RAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES**UBERLÂNDIA: COMPOSER, 2013, v.1, p.1 - 12

6. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º CONGRESSO**Belém Pará: 2012,

7. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; SOUSA, Milena Abadia de; Silva, Iraídes Reinaldo da; SILVA, Ana Flávia Beserra da. ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA In: 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4, 2012, BELÉM. **CBEm4 - 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática**BELEM: UFPA, 2012, v.1, p.1 - 12

8. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da; PEIXOTO, C. R.. ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA. In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP, 2012, UBERLÂNDIA. **COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP**UBERLÂNDIA: COMPOSER, 2012, v.1, p.1 - 12

9. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º CONGRESSO**2012,

10. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA In: 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4, 2012, BELÉM. **4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4**BELEM: UFPA, 2012, v.1, p.1 - 12

11. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; SOUSA, Milena Abadia de; Silva, Iraídes Reinaldo da; SILVA, Ana Flávia Beserra da. DO TIJOLO AO COMPUTADOR: EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA In: 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4, BELÉM. **4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4 - Cultura, Educação Matemática e Escola**BELÉM: UFPA, 2012, v.1, p.1 - 12

12. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da; PEIXOTO, C. R.. DO TIJOLO AO COMPUTADOR: EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA. In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP, 2012, UBERLÂNDIA. **COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP**UBERLÂNDIA: COMPOSER, 2012, v.1, p.1 - 14

13. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. DO TIJOLO AO COMPUTADOR; EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º**

14. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Soares, Mayara Puntel Campos. TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP, 2012, UBERLÂNDIA. **COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES - COPECPOP** UBERLÂNDIA: COMPOSER, 2012, v.1, p.1 - 10

15. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Um diálogo, na perspectiva da avaliação formativa, entre as práticas de registro de alunos e de professores da Educação Básica In: VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO E V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E EJA: PRÁTICAS DE LEITURAS E DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO, 2012, Uberlândia/MG. **VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO** 2012,

16. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; CARVALHO, E. J. S.. UM DIÁLOGO, NA PERSPECTIVA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA, ENTRE AS PRÁTICAS DE REGISTRO DE ALUNOS E PROFESSORES DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL E DO ENSINO SUPERIOR In: VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO; V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL; V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2012, UBERLÂNDIA. **PRÁTICAS DE LEITURAS E DE ESCRITA PARA A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS** UBERLÂNDIA: COMPOSER, 2012, v.1, p.1 - 12

17. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, E. S.; NOVAIS, G. S.; CAMPOS, Sandra Gonçalves Vilas Bôas; RIBEIRO, Andrea Porto. AS RODAS DE CONVERSA NA FORMAÇÃO COM PROFESSORES(AS) DE JOVENS E ADULTOS: PALAVRAS DITAS E CONCEITOS MATEMÁTICOS In: XI Seminário Nacional "O Uno e o Diverso na Educação Escolar", 2011, Uberlândia. **XI Seminário Nacional** Uberlândia: UFU Universidade Federal de Uberlândia, 2011, v.1, p.1 - 11

18. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, E. S.; CAMPOS, Sandra Gonçalves Vilas Bôas; RIBEIRO, Andrea Porto; NOVAIS, G. S.. As rodas de conversa na formação com professores(as) de jovens e adultos: palavras ditas e conceitos matemáticos In: 31º. ENEPe – Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia, 2011, João Pessoa. **31º. ENEPe – Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia** João Pessoa: 2011, v.1, p.1 - 12

19. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; SANTOS, Joelma Maria Ferreira dos. CULTURAS POPULARES MIGRANTES: OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE CULTURAS POPULARES EM BAIRROS POPULARES DE UBERLÂNDIA In: Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, 2011, Uberlândia. **ANAIS DO ENPECPOP - Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares** Uberlândia: UFU Universidade Federal de Uberlândia, 2011, v.1, p.1 - 9

20. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. FORMULAÇÃO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife. **XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática** Recife: 2011, v.1, p.1 - 13

21. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; Soares, Mayara Puntel Campos. TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO In: XI Seminário Nacional "O Uno e o Diverso na Educação Escolar", 2011, Uberlândia. **XI Seminário Nacional** Uberlândia: UFU - Universidade Federal de Uberlândia, 2011, v.1, p.1 - 10

22. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; Soares, Mayara Puntel Campos. Trabalhadoras populares e matemática: uma pesquisa de cunho etnomatemático In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife. **XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática** Recife: 2011, v.1, p.1 - 13

23. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; Soares, Mayara Puntel Campos; SOUSA, Milena Abadia de. Trabalhadoras populares e matemática: uma pesquisa de cunho etnomatemático In: Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, 2011, Uberlândia. **ANAIS DO ENPECPOP - Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares** Uberlândia: UFU Universidade Federal de Uberlândia, 2011, v.1, p.1 - 15

24. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A AÇÃO E A REFLEXÃO FREIREANAS NA FORMAÇÃO



PERMANENTE DO EDUCADOR In: XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR, 2010, Uberlândia. **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU.**UBERLÂNDIA: 2010, v.1, p.1 - 14

25. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Ana Paula; Silva, Iraídes Reinaldo da; Silva, Dayanne Daisy Rodrigues; Soares, Mayara Puntel Campos; Bernini, Giovanna Márcia Cristina; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. O conhecimento Matemático de algumas trabalhadoras populares: Interfaces entre os saberes constituídos e os Instituídos In: IIV ENESCPOP - Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Popular, 2010, Uberlândia. **IIV ENESCPOP - Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Popular**Uberlândia: UFU, 2010, v.1, p.1 - 17

26. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR In: X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPEd Centro Oeste, 2010, Uberlândia. **X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPEd Centro Oeste: Desafios da Produção e Divulgação do Conhecimento**Uberlândia: FAGED-UFU, 2010, v.1, p.1 - 9

27. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR In: XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR, 2010, Uberlândia. **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU**Uberlândia: 2010, v.1, p.1 - 9

28. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR In: II Seminário de Pesquisa do NUPEPE: cultura, formação docente e cotidiano escolar., 2010, Uberlândia. **II Seminário de Pesquisa do NUPEPE: cultura, formação docente e cotidiano escolar.**2010,

29. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. UM DIÁLOGO ENTRE A ETNOMATEMÁTICA E A TEORIA DA ATIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. In: XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR, 2010, Uberlândia. **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU.**UBERLÂNDIA: 2010, v.1, p.1 - 16

30. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. Contribuições da Etnomatemática e da Teoria da Atividade para o processo de Alfabetização Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental In: IV Congresso de Alfabetização, 2009, Uberlândia. **Congresso de Alfabetização**UBERLÂNDIA: EDUFU, 2009, v.1, p.01 - 12

31. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. 10 ANOS DO GEPEm: MEMÓRIAS E PRODUÇÕES In: SIMPÓSIO DEZ ANOS DO GEPEm: uma trajetória em reflexão, 2009, São Paulo. **DEZ ANOS DO GEPEm: uma trajetória em reflexão**SÃO PAULO: FE-USP, 2009, v.1, p.1 - 16

32. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A formação do professor de matemática no Brasil, sob o olhar de P. Freire, U. D'Ambrosio e D. Schön In: IX-ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2005, São Paulo. **Pesquisa em Educação matemática e transformação social: perspectivas e interfaces**São Paulo: FEUSP, 2005, v.1, p.s/n

33. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; MONTEIRO, A.. Etnomatemática e Prática Pedagógica In: VII EPEM – Encontro Paulista de Educação Matemática, 2004, São Paulo. **VII EPEM – Encontro Paulista de Educação Matemática - Anais**2004,

34. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Trabalho apresentado/publicado: A etnomatemática na sala de aula: possibilidades e resistências In: VII – EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2003, Rio de Janeiro. **VII – EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática - anais**2003,

35. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** A Etnomatemática na sala de aula: suas possibilidades pedagógicas. Um estudo com alunos de 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública do Município de São Paulo. In: VII ENEM – Encontro Nacional de Educação matemática, 2001, Rio de Janeiro. **VII ENEM – Encontro Nacional de Educação matemática - Anais2001,**

#### **Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. A Contribuição dos Registros Colaborativos e Compartilhados para o Desenvolvimento de Práticas Avaliativas Formativas In: IV Congresso Nacional de Formação de Professores e XIV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2018, Águas de Lindoia/SP. **IV Formação de Professores**Águas de Lindoia/SP: 2018,

2. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; PEIXOTO, C. R.. Etnomatemática a Avaliação formativa In: 5º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2016, Goiânia/GO. **5º Congresso Brasileiro de Etnomatemática**Goiânia/GO: 2016,

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; PEIXOTO, C. R.. Etnomatemática e Educação Popular In: 5º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2016, Goiânia/GO. **5º Congresso Brasileiro de Etnomatemática**Goiânia/GO: 2016,

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** O PENSADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO POPULAR In: 2o ENPECPOP - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES/RAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES, 2013, Uberlândia/MG. **2º ENPECPOP – Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares**Uberlândia/MG: 2013,

5. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º CONGRESSO**Belém Pará: 2012,

6. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º CONGRESSO**Belém Pará: 2012,

7. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** DO TIJOLO AO COMPUTADOR; EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA In: 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2012, Belém/PA. **4º CONGRESSO**2012,

8. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Um diálogo, na perspectiva da avaliação formativa, entre as práticas de registro de alunos e de professores da Educação Básica In: VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO E V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E EJA: PRÁTICAS DE LEITURAS E DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO, 2012, Uberlândia/MG. **VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO**2012,

9. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Contribuições do GEPEm-Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática, para a divulgação da Etnomatemática: realizações e perspectivas. In: SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - I Seminário de Educação Matemática do Pontal, 2009, ITUIUTABA. **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - I Seminário de Educação Matemática do Pontal - Matemática em Cena: Malba Tahan e suas tendências no ensino**2009, v.1, p.1 - 1

10. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** A etnomatemática em sala de aula: possibilidades e resistências In: II Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2004, Natal. **II Congresso Brasileiro de Etnomatemática**Natal: Editora da UFRN, 2004,

11. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Etnomatemática na sala de aula: um possível encaminhamento. In: II CIEm - II Congresso Internacional de Etnomatemática, 2002, Ouro Preto. **II CIEm - II Congresso Internacional de Etnomatemática - Anais**2002,

### Artigos em jornal de notícias

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; GUIMARAES JUNIOR, M. C. P.. EBSERH: avanço do autoritarismo e da mercantilização da gestão do HC-UFU. “Linha de Frente” do Jornal da ADUFU-Seção Sindical – gestão Resistir e Lutar – nº00, , p.4 - 5, 2018.
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; GIAVARA, E.. Eleições do Andes – Sindicato Nacional. “Linha de Frente” do Jornal da ADUFU-Seção Sindical – gestão Resistir e Lutar, , p.11 - 11, 2018.

### Apresentação de trabalho e palestra

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Educação como prática da liberdade: uma homenagem a Ubiratan D'Ambrosio no centenário de Paulo Freire', 2021. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; VALLE, J. C. A.. Paulo Freire e a Etnomatemática, 2021. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Estágio Curricular Supervisionado, 2019. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. A Contribuição dos Registros Colaborativos e Compartilhados para o Desenvolvimento de Práticas Avaliativas Formativas, 2018. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
5. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. A Contribuição dos Registros Colaborativos e Compartilhados para o Desenvolvimento de Práticas Avaliativas Formativas, 2018. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
6. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. A Contribuição dos Registros Colaborativos e Compartilhados para o Desenvolvimento de Práticas Avaliativas Formativas, 2018. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
7. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. “EBSERH e seus reflexos”, 2018. (Outra,Apresentação de Trabalho)
8. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. O jogo como alternativa para o ensino da Matemática na Educação Infantil, 2018. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
9. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; PEIXOTO, C. R.. Etnomatemática a Avaliação formativa, 2016. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
10. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Gestão democrática, participação e inclusão social: em foco o papel do professor orientador dos grêmios estudantis livres, 2016. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)
11. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Avaliação formativa e ações em educação popular, 2015. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
12. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; PEIXOTO, C. R.. Ações de educação popular: construindo autonomias, 2014. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
13. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Contribuições das práticas de registros para a formação inicial de educadores(as), 2014. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
14. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. EDUCAÇÃO POPULAR ALFABETIZAÇÃO, INCLUSÃO DIGITAL E ETNOMATEMÁTICA, 2013. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)
15. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Experiências em Educação popular e Etnomatemática: interfaces com a formação docente, 2013. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)
16. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. O PENSADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO POPULAR,

2013. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

17. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; Araújo, Ronicly Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da; PEIXOTO, C. R.. ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

18. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; Araújo, Ronicly Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da. ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA, 2012. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

19. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

20. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. AS PRÁTICAS DE REGISTROS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

21. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. AS RODAS DE CONVERSA NA FORMAÇÃO COM PROFESSORES AS DE JOVENS E ADULTOS PALAVRAS DITAS E CONCEITOS MATEMÁTICOS, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

22. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. CULTURAS POPULARES MIGRANTES, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

23. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; Araújo, Ronicly Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da; PEIXOTO, C. R.. DO TIJOLO AO COMPUTADOR: EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

24. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; SOUSA, Milena Abadia de; Araújo, Ronicly Eduardo Corrêa de; SILVA, Ana Flávia Beserra da. DO TIJOLO AO COMPUTADOR: EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA., 2012. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

25. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Presentación de los proyectos del Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares, 2012. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

26. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

27. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Silva, Iraídes Reinaldo da; Araújo, Ronicly Eduardo Corrêa de; Soares, Mayara Puntel Campos. TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO., 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

28. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Um diálogo, na perspectiva da avaliação formativa, entre as práticas de registro de alunos e de professores da Educação Básica, 2012. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

29. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, E. S.; RIBEIRO, Andrea Porto; CAMPOS, Sandra Gonçalves Vilas Bôas. AS RODAS DE CONVERSA NA FORMAÇÃO COM PROFESSORES(AS) DE JOVENS E ADULTOS: PALAVRAS DITAS E CONCEITOS MATEMÁTICOS, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

30. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, E. S.; CAMPOS, Sandra Gonçalves Vilas Bôas; RIBEIRO, Andrea Porto. As rodas de conversa na formação com professores(as) de jovens e adultos: palavras ditas e conceitos matemáticos, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

31. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; SANTOS, Joelma Maria Ferreira dos. CULTURAS POPULARES MIGRANTES: OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE

COMUNICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE CULTURAS POPULARES EM BAIROS POPULARES DE UBERLÂNDIA, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

32. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. FORMULAÇÃO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

33. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; Soares, Mayara Puntel Campos. TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

34. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Soares, Mayara Puntel Campos; Silva, Iraídes Reinaldo da. TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

35. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Silva, Iraídes Reinaldo da; Soares, Mayara Puntel Campos; SOUSA, Milena Abadia de. TRABALHADORAS(ES) POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO, 2011. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

36. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. A AÇÃO E A REFLEXÃO FREIREANAS NA FORMAÇÃO PERMANENTE DO EDUCADOR, 2010. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

37. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; SANTOS, Joelma Maria Ferreira dos. Culturas populares migrantes: tradição, criação. E recriação de culturas populares em bairros populares em Uberlândia, 2010. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

38. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de. Módulo de aprendizagem e rodas de conversa: o uso de calculadora por mulheres trabalhadoras..., 2010. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

39. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Araújo, Ronicy Eduardo Corrêa de; Soares, Mayara Puntel Campos; Silva, Iraídes Reinaldo da; Silva, Ana Paula; Bernini, Giovanna Márcia Cristina. O CONHECIMENTO MATEMÁTICO DE ALGUMAS TRABALHADORAS POPULARES: INTERFACES ENTRE OS SABERES CONSTITUÍDOS E OS INSTITUÍDOS., 2010. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

40. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR, 2010. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

41. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; Prata, Lucimar Divina Alvarenga. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR, 2010. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

42. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. UM DIÁLOGO ENTRE A ETNOMATEMÁTICA E A TEORIA DA ATIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL., 2010. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

43. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. Contribuições da Etnomatemática e da Teoria da Atividade para o processo de Alfabetização Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, 2009. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

44. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; SOUZA JUNIOR, A. J.; Lima, Regis Luiz. Contribuições do GEPEm-Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática, para a divulgação da Etnomatemática: realizações e perspectivas., 2009. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

45. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; FERREIRA, N. R.. Etnomatemática e Educação de Jovens e Adultos, 2009. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

46. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Nazareth, Helenalda Resende de S.; Conrado, Andreia Lunkes. 10 anos do GEPEm: Memórias e Produções, 2009. (Simpósio,Apresentação de Trabalho)

#### **Outras produções bibliográficas**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. Apresentação do curso: Culturas e Histórias dos povos indígenas no Brasil: novas contribuições no ensino. Uberlândia/MG:RB Gráfica Digital Eireli-me, 2015. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; MENDES, C. C.; MENDES, O. M.. Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções. Uberlândia/MG:EDUFU, 2015. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; NOVAIS, G. S.; SILVA, L. C.. Apresentação. Uberlândia:EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Arena, Adriana Partorello Buim; Guimarães, Iara. Introdução. Campinas:Alínea, 2009. (Introdução, Prefácio Posfácio)
5. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Organização do Dossiê Etnomatemática: motivações, desenvolvimento e ações. Organização do Dossiê. Uberlândia/MG:EDUFU, 2018. (Outra produção bibliográfica)
6. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. II Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares. Organização de Anais de Evento Científico. Uberlândia/MG, 2013. (Outra produção bibliográfica)
7. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; SOUZA JUNIOR, A. J.; KLINKE, Karina. COPECPOP – I Colóquio de Pesquisa em Educação e Culturas Populares. Organização de Anais de Evento Científico. Uberlândia/MG, 2012. (Outra produção bibliográfica)
8. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Anais: Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares. Organização de Anais de Evento Científico. Uberlândia, 2011. (Outra produção bibliográfica)

#### **Produção técnica**

#### **Trabalhos técnicos**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecer sobre solicitação de licença para Capacitação, 2022
2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista Educação e Políticas em Debate, 2021
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista Em Extensão, 2021
4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista do XII Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado - EIFORPECS: O que ela quer da gente é coragem, 2019
5. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista do 9º SIMPÓSIO INTERNACIONAL O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE, 2019
6. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista Obutchénie, 2018
7. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista de Educação Popular, 2017
8. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista de Educação Popular, 2016
9. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Parecerista da Revista de Educação Popular, 2016

10. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista Educação Matemática Pesquisa – EMP, 2016
11. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Comissão científica do II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO I SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE UBERLÂNDIA Tema: AVALIAÇÃO EDUCACIONAL E PRODUÇÃO DA QUALIDADE: PARA ALÉM DE RESULTADOS QUANTITATIVOS, 2015
12. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista Educação Matemática Pesquisa, 2015
13. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista do Periódico Ensino Em Re-Vista, 2015
14. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista do Projeto PEIC 2015, 2015
15. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista dos Projetos de Pesquisa submetidos na Chamada pública 07/2014, 2015
16. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, 2014
17. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista Educação e Filosofia, 2014
18. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista 'Em Extensão', 2014
19. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista Perspectivas da Educação Matemática, 2014
20. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** II Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, 2013
21. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista Ensino em Re-Vista, 2013
22. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista do artigo Educação e Culturas Populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções, 2013
23. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** COPECPOP – Colóquio de Pesquisa em Educação e Culturas Populares: Pesquisa em educação Popular, 2012
24. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Parecerista da Revista de Educação Popular, 2012
25. **SANTOS, Benerval Pinheiro; NOVAIS, G. S..** Relatório das atividades do Grupo de Pesquisa em Educação Culturas Populares- GPECPOP (2009-2011), 2012
26. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Revista Linhas Críticas, 2012

27. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** 4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática – Associação Brasileira de Etnomatemática, 2012

28. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** Domite, Maria do Carmo; outros. Projeto pedagógico de formação do professor indígena para educação infantil e séries iniciais ( 1a. a 4a. ) do Ensino Fundamental, 2003

#### **Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia**

1. LOPES, A. J.; VIANNA, C. R.; **SANTOS, Benerval Pinheiro;** MATHIAS, C.. AV 03 'Educação como prática da liberdade': uma homenagem a Ubiratan D'Ambrosio no centenário de Paulo Freire, 2021.

2. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Educação Matemática popular, crítica e problematizadora, 2021.

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Escola sem partido e suas implicações, 2016.

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Perspectivas e desafios do formador.. externo as culturas populares, 2012.

5. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** BIEMBEGUT, S.. Complexidade e seus reflexos na educação., 2002.

#### **Demais produções técnicas**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Minicurso: Fractais (RE)pensando a Avaliação Educacional, 2016. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

2. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Culturas e Histórias dos Povos Indígenas do Projeto: Rede nacional de Formação de professores da Educação Básica – RENAFOR III, 2013. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Cultura e história dos povos indígenas, 2012. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** Educação Indígena, no I Ciclo de Oficinas Pedagógicas e VI Seminário de Prática Educativa, 2012. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

#### **Educação e Popularização de C&T**

##### **Livros publicados**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** Oliveira, Cristiane Coppe de; MENDES, O. M.. Educação e Culturas Populares em Diferentes Contextos Educativos: Pesquisas e Intervenções. UBERLÂNDIA: EDUFU, 2015

##### **Capítulos de livros publicados**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** Oliveira, Cristiane Coppe de; MENDES, O. M.. Educação e culturas populares em diferentes contextos educativos : pesquisas e intervenções In: Apresentação. ed.1. Uberlândia: Edufu, 2015, v. 1, p. 9 - 16.

##### **Apresentação de trabalho e palestra**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** NOVAIS, G. S.; SANTOS, Joelma Maria Ferreira dos. Culturas populares migrantes: tradição, criação. E recriação de culturas populares em bairros populares em Uberlândia, 2010.



(Congresso, Apresentação de Trabalho)

## **Orientações e Supervisões**

### **Orientações e supervisões**

#### **Orientações e supervisões concluídas**

#### **Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização**

1. EMILENE JULIA DA SILVA FREITAS CARVALHO. **É o aluno que não aprende, ou o professor que não sabe ensinar?**. 2010. Monografia (Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia

#### **Trabalhos de conclusão de curso de graduação**

1. Emilene Júlia da Silva Freitas. **É aluno que não aprende**. 2012. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia

2. DIAS, Wilians Ribeiro; SILVA, Flávio Cavalcante da,. **Modelagem matemática e ensino-aprendizagem de matemática: algumas indicações**. 2005. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

3. ANASTÁCIO, C. D.; SILVA, E. F. C; SANTOS, J. C dos.. **O desenvolvimento da história da matemática no Brasil..** 2005. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

4. CARVALHO, Lydiane Nunes de. **Quando 1 + 1  $\neq$  2: uma pesquisa etnomatemática**. 2005. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

5. SARTORI, Marcelo Aparecido. **A utilização do software cabri – géomètre como facilitador da aprendizagem de geometria**. 2004. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

6. KROISS, Wagner. **Algumas reflexões sobre o educador matemático: sua importância social e sua prática**. 2004. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

7. SILVA, Jayson Magno.. **Matemática, exclusão e abordagem Etnomatemática: Um breve estudo sobre os processos de exclusão social no ensino da matemática**. 2004. Curso (Licenciatura em Matemática) - Centro Universitário São Camilo

#### **Iniciação científica**

1. Mayara Puntel Campos. **TECENDO REDE DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO: FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA**. 2010. Iniciação científica (Pedagogia) - Faculdade de Educação. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

2. Mayara Puntel Campos Soares. **O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA: UMA ANÁLISE DE SUA IMPLEMENTAÇÃO E DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA SÉRIE INTRODUTÓRIA..** 2009. Iniciação científica (Pedagogia) - Faculdade de Educação

3. Nathália Rodrigues Ferreira. **OBJETOS DE APRENDIZAGEM NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. 2009. Iniciação científica (Licenciatura em Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia. Inst. financiadora: Universidade Federal de Uberlândia

## Eventos

### Eventos

#### Participação em eventos

1. **Mesa-Redonda: Cidadania, Raça e Direito no Brasil no século da Independência**, 2022. (Outra) .
2. **Encontro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática**, 2020. (Encontro) .
3. **V Encontro Questão Indígena e Educação - "Para não esquecer quem somos"**, 2019. (Encontro) .
4. **XII Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado - EIFORPECS: O que ela quer da gente é coragem**, 2019. (Encontro) Estágio Curricular Supervisionado.
5. Apresentação Oral no(a) **IV Congresso Nacional de Formação de Professores e XIV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**, 2018. (Congresso) A Contribuição dos Registros Colaborativos e Compartilhados para o Desenvolvimento de Práticas Avaliativas Formativas.
6. **XIV Seminário Nacional O Uno e o Diverso na Educação Escolar - III Encontro de Educação em Ciências e Matemática - XII Seminário de Prática Educativa/ Pedagogia Faced/UFU**, 2018. (Seminário) 'O JOGO COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.
7. **I Prêmio Jornalismo e Ciência de Cobertura da Universidade Federal de Uberlândia**, 2017. (Outra) .
8. **5º Congresso Brasileiro de Etnomatemática**, 2016. (Congresso) Etnomatemática a Avaliação formativa.
9. **Cine DICA - Divertida Mente**, 2016. (Outra) .
10. **I Encontro de Pesquisa em Processos Educacionais – I EPEPE**, 2016. (Encontro) .
11. **Parceria Interinstitucional internacional entre Universidade Federal de Uberlândia e Universidade de Tampere**, 2016. (Outra) .
12. **VI Congresso Internacional em Avaliação Educacional**, 2015. (Congresso) Avaliação formativa e ações em educação popular.
13. Apresentação de Poster / Paineis no(a) **UNIVERSIDAD 2014 - 9º CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR**, 2014. (Congresso) AÇÕES DE EDUCAÇÃO POPULAR: CONSTRUINDO AUTONOMIAS.
14. **2º ENPECPOP - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES/RAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES**, 2013. (Congresso) O PENSADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR.
15. **III Simpósio de Matemáticas Y Educacion Matemática, II Congresso Internacional de Matemáticas Assistidas por Computadores**, 2013. (Simpósio) EDUCAÇÃO POPULAR ALFABETIZAÇÃO, INCLUSÃO DIGITAL E ETNOMATEMÁTICA.
16. Apresentação Oral no(a) **4º Congresso Brasileiro de Etnomatemática**, 2012. (Congresso) DO TIJOLO AO COMPUTADOR: EMPREENDEDORISMO, MEIOS DE PRODUÇÃO E ETNOMATEMÁTICA.
17. Moderador no(a) **COPECPOP - COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES**, 2012. (Congresso) PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO FORMADOR... EXTERNO AS CULTURAS POPULARES.
18. **COPECPOP - Colóquio de Pesquisa em Educação e Culturas populares**, 2012. (Congresso) ALFABETIZAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO DIGITAL: UMA PRÁTICA ETNOMATEMÁTICA.

19. Apresentação Oral no(a) **VII CONGRESSO DE ALFABETIZAÇÃO E V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E EJA: PRÁTICAS DE LEITURAS E DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**, 2012. (Congresso) Um diálogo, na perspectiva da avaliação formativa, entre as práticas de registro de alunos e de professores da Educação Básica.
20. Apresentação Oral no(a) **31º. ENEPe – Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia**, 2011. (Congresso) As rodas de conversa na formação com professores(as) de jovens e adultos: palavras ditas e conceitos matemáticos.
21. Apresentação Oral no(a) **Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares**, 2011. (Congresso) Culturas populares migrantes: os processos identitários de migração e relações de comunicação na constituição de culturas populares em bairros populares de Uberlândia.
22. Apresentação Oral no(a) **XI Seminário Nacional**, 2011. (Congresso) As rodas de conversa na formação com professores(as) de jovens e adultos: palavras ditas e conceitos matemáticos.
23. Apresentação Oral no(a) **XI Seminário Nacional**, 2011. (Congresso) TRABALHADORAS POPULARES E MATEMÁTICA: UMA PESQUISA DE CUNHO ETNOMATEMÁTICO.
24. Apresentação Oral no(a) **XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática**, 2011. (Congresso) Trabalhadoras populares e matemática: uma pesquisa de cunho etnomatemático.
25. **III Seminário de prática educativa – Semana da Pedagogia**, 2010. (Seminário) Módulo de aprendizagem e rodas de conversa: o uso de calculadora por mulheres trabalhadoras..
26. Apresentação de Poster / Paineis no(a) **IV ENESCPOP - Encontro Nacional sobre Educação, Saúde e Cultura Popular**, 2010. (Encontro) O CONHECIMENTO MATEMÁTICO DE ALGUMAS TRABALHADORAS POPULARES: INTERFACES ENTRE OS SABERES CONSTITUÍDOS E OS INSTITUÍDOS..
27. Apresentação Oral no(a) **X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPEd Centro Oeste**, 2010. (Encontro) REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR.
28. Apresentação Oral no(a) **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU**, 2010. (Seminário) A AÇÃO E A REFLEXÃO FREIREANAS NA FORMAÇÃO PERMANENTE DO EDUCADOR.
29. Apresentação Oral no(a) **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU**, 2010. (Seminário) REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR.
30. Apresentação Oral no(a) **XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU**, 2010. (Seminário) UM DIÁLOGO ENTRE A ETNOMATEMÁTICA E A TEORIA DA ATIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.
31. Apresentação Oral no(a) **IV Congresso de Alfabetização**, 2009. (Congresso) Contribuições da Etnomatemática e da Teoria da Atividade para o processo de Alfabetização Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental.
32. Conferencista no(a) **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - I Seminário de Educação Matemática do Pontal** -, 2009. (Seminário) Contribuições do GEPEm-Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática, para a divulgação da Etnomatemática: realizações e perspectivas.
33. Conferencista no(a) **Simpósio dez anos do GEPEm: uma trajetória em reflexão**, 2009. (Simpósio) 10 anos do GEPEm: memórias e produções.
34. Moderador no(a) **CBEm3 – Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática**, 2008. (Congresso)

35. Avaliador no(a) **XII-ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 2008. (Congresso) GT 7 -Etnomatemática.
36. Simposiasta no(a) **XII-ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 2008. (Congresso) Grupos de Pesquisa em Educação Matemática e suas apropriações: um olhar a partir da Filosofia, História e Etnomatemática.
37. Simposiasta no(a) **5º. FREPOP – Fórum Regional do Oeste Paulista de Educação Popular – II Internacional**, 2007. (Congresso) Educação Popular e a Etnomatemática.
38. **Colóquio Ubiratan D'Ambrosio**, 2007. (Encontro) .
39. Moderador no(a) **IX-EBRAPEM - CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 2005. (Congresso) História da Formação do professor de matemática no Brasil: Reminiscências e tradição.
40. Moderador no(a) **VII EPEM - Encontro Paulista de Educação Matemática**, 2004. (Encontro) VII EPEM - Encontro Paulista de Educação Matemática.
41. Apresentação Oral no(a) **Semana de Educação da FE/USP**, 2003. (Outra) Semana de Educação da FE/USP.
42. Apresentação (Outras Formas) no(a) **V-SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA**, 2003. (Seminário) V-SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA.
43. Conferencista no(a) **VII - EBRAPEM - Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**, 2003. (Encontro) VII - EBRAPEM - Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática.
44. Apresentação Oral no(a) **II CIEm - II Congresso Internacional de Etnomatemática.**, 2002. (Congresso) II CIEm - Segundo Congresso Internacional de Etnomatemática..
45. **II Conferência Nacional sobre Modelagem e Educação Matemática**, 2001. (Congresso) .
46. Apresentação Oral no(a) **VI-ENCONTRO PAULISTA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**, 2001. (Encontro) VI-ENCONTRO PAULISTA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.
47. Apresentação Oral no(a) **VII ENEM - Encontro Nacional de Educação matemática**, 2001. (Encontro) A Etnomatemática na sala de aula: suas possibilidades pedagógicas. Um estudo com alunos de 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública do Município de São Paulo..
48. Moderador no(a) **CBEm1-Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática**, 2000. (Congresso) CBEm1-Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática.
49. **I Conferência Nacional sobre Modelagem e Educação Matemática**, 1999. (Congresso) .

#### **Organização de evento**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; SOUZA, V. A.. Membro de Comissão organizadora do XVII Seminário de Prática Educativa, 2024. (Outro, Organização de evento)
2. SILVA, L. C.; **SANTOS, Benerval Pinheiro**; KATRIB, C. M. I.; MELO, G. F.; Mora, Iara Maria; GONCALVES, P. C. C.; SILVA JUNIOR, A. F.. Colaborador do XV Seminário de Prática Educativa da UFU: “A Formação de Professores do Curso de Pedagogia no Contexto Atual: reflexões sobre as políticas e práticas, 2021. (Outro, Organização de evento)
3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. X Seminário de Prática Educativa - 2ª Etapa / 2017 e Estágio Supervisionado/2017 (SEMPES), 2017. (Outro, Organização de evento)

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** do Módulo II do Curso “O papel dos grêmios estudantis livres na gestão da Escola Democrática – Gestão democrática, participação e inclusão social: em foco os grêmios estudantis livres, 2016. (Outro, Organização de evento)
5. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** SOUZA JUNIOR, A. J.; Oliveira, Cristiane Coppe de; MENDES, O. M.; KLINKE, Karina. 2o ENPECPOP - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES/RAS EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES, 2013. (Congresso, Organização de evento)
6. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** SOUZA JUNIOR, A. J.; CICILLINI, G. A.; CUNHA, M. D.; MENDES, O. M.; SANTOS, S. M.. COPECPOP - O COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CULTURAS POPULARES, 2012. (Congresso, Organização de evento)
7. MENDES, A. A.; WANDERER, F.; LUCENA, I. C. R.; FANTINATO, M. C. C. B.; DOMITE, M. C. S.; BRITO, M. A. R.; **SANTOS, Benerval Pinheiro.** 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA - CBEm-4, 2012. (Congresso, Organização de evento)
8. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** ENPECPOP - Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, 2011. (Congresso, Organização de evento)
9. **SANTOS, Benerval Pinheiro.** IV ENESCPPOP - Encontro Nacional sobre Educação, Saúde e Cultura Popular, 2010. (Congresso, Organização de evento)
10. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** Arena, Adriana Partorello Buim; Lima, Antonio Bosco de; Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz; Filho, Geraldo Inácio; Sousa, Gerson de; MARQUES, M. R. A.; Danelon, Márcio; Miranda, Maria Irene; Naves, Marisa Lomônaco de Paula; Tonus, Mirna; MENDES, O. M.; Santiago, Sandra Helena; SANTOS, S. M.; Fonseca, Selva Guimarães. XV SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE A FORMAÇÃO DO EDUCADOR: CINQUENTA ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DEZ ANOS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E UM ANO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFU, 2010. (Congresso, Organização de evento)
11. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** outros. IX-EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação, 2004. (Congresso, Organização de evento)
12. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** outros. Colóquio Ubiratan D’Ambrosio, 2002. (Congresso, Organização de evento)
13. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** outros. CBEm1 - Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2000. (Congresso, Organização de evento)
14. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** outros. Semana de Educação e Matemática, 1996. (Congresso, Organização de evento)

## **Bancas**

## **Bancas**

### **Participação em banca de trabalhos de conclusão**

## **Mestrado**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro;** SILVEIRA, D. S.; RIBEIRO, C. M.. Participação em banca de Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida. **Borboletas amarelas: a presença dos alunos Xakriabá no IF – Goiano – Campus Urutaí**, 2019. (Ciências Sociais) Universidade Federal de Uberlândia.
2. Oliveira, Cristiane Coppe de; **SANTOS, Benerval Pinheiro;** ROSA, M.. Participação em banca de Leonardo Silva Costa. **MALBA TAHAN E A REVISTA AL-KARISMI: DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES**

## **INTERDISCIPLINARES COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL, 2015. (Matemática) Universidade Federal de Uberlândia.**

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Domite, Maria do Carmo; PIERRO, M. C.. Participação em banca de Ivanilde da Conceição Santana. **Professores de Matemática na educação de jovens e adultos: o pensamento geométrico no centro das atenções**, 2010. (Mestrado Em Ensino de Ciências e Matemática) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

4. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; Almeida, Maria Isabel de; Domite, Maria do Carmo. Participação em banca de SOUZA, Régis Luis Lima de.. **Formação continuada dos professores e professoras do município de Barueri: compreendendo para poder atuar**, 2007. (Mestrado Em Ensino de Ciências e Matemática) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

### **Curso de aperfeiçoamento/especialização**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Participação em banca de Michelle Marques Silva. **Filmes Tainá: uma leitura de representação indígena**, 2016. (Culturas e Histórias dos Povos Indígenas) Universidade Federal de Uberlândia.

2. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Participação em banca de Núbia Tortelli Mendonça. **O ataque aos direitos humanos dos povos indígenas brasileiros: 1946-1988**, 2016. (Culturas e Histórias dos Povos Indígenas) Universidade Federal de Uberlândia.

3. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Participação em banca de Elaine Ferreira Luz. **Temática na sala de aula: uma experiência de verificação e desconstrução de estereótipos**, 2016. (Culturas e Histórias dos Povos Indígenas) Universidade Federal de Uberlândia.

### **Graduação**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**. Participação em banca de Mariana Goulart Hueb. **Cultura popular regional e televisão: a folia de reis e o congado no MGTV 1ª edição**, 2014. (Comunicação Social) Universidade Federal de Uberlândia.

### **Exame de qualificação de mestrado**

1. **SANTOS, Benerval Pinheiro**; MANNO, M.; SILVEIRA, D. S.. Participação em banca de Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida. **O processo de ensino-aprendizagem Xakriabá: visões, histórias e conquistas dos alunos indígenas no IF Goiano - Campus Urutaí**, 2018. (Ciências Sociais) Universidade Federal de Uberlândia.

### **Participação em banca de comissões julgadoras**

### **Concurso público**

1. **Concurso público de provas e títulos para preenchimento de vagas de professor da carreira de magistério superior da Universidade Federal de Uberlândia -UFU - Faculdade de Ciências Integradas do Pontal - Edital 070/09**, 2009. Universidade Federal de Uberlândia.

---

### **Totais de produção**

#### **Produção bibliográfica**

Artigos completos publicados em periódico.....

4

Livros publicados.....	1
Livros publicados.....	1
Capítulos de livros publicados.....	8
Livros organizados ou edições.....	1
Jornais de Notícias.....	2
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	46
Apresentações de trabalhos (Comunicação).....	20
Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra).....	5
Apresentações de trabalhos (Congresso).....	14
Apresentações de trabalhos (Seminário).....	5
Apresentações de trabalhos (Simpósio).....	1
Apresentações de trabalhos (Outra).....	1
Apresentações (Livro).....	3
Introduções (Livro).....	1
Outras produções bibliográficas.....	4
<b>Produção técnica</b>	
Trabalhos técnicos (parecer).....	26
Trabalhos técnicos (elaboração de projeto).....	1
Trabalhos técnicos (relatório técnico).....	1
Curso de curta duração ministrado (extensão).....	1
Curso de curta duração ministrado (outro).....	3
Programa de Rádio ou TV (mesa redonda).....	4
Programa de Rádio ou TV (outra).....	1
<b>Orientações</b>	
Orientação concluída (monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização).....	1
Orientação concluída (trabalho de conclusão de curso de graduação).....	7
Orientação concluída (iniciação científica).....	3
<b>Eventos</b>	
Participações em eventos (congresso).....	24
Participações em eventos (seminário).....	7
Participações em eventos (simpósio).....	2
Participações em eventos (encontro).....	11
Participações em eventos (outra).....	5
Organização de evento (congresso).....	10
Organização de evento (outro).....	4
Participação em banca de trabalhos de conclusão (mestrado).....	4
Participação em banca de trabalhos de conclusão (curso de aperfeiçoamento/especialização).....	3
Participação em banca de trabalhos de conclusão (graduação).....	1
Participação em banca de comissões julgadoras (concurso público).....	1

---

## Outras informações relevantes

1 . Coordenou o Curso de Especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas – período: 11/11/2014 a 29/02/2016- Portaria 012/14/FACED/UFU de 21/07/2014 ;

. Membro de equipe de Projeto de Extensão: Rede Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – RENAFOR III, de 02/03/2013 a 07/12/2013, coordenação Geral Profa. Dra. Sônia Santos – FACED/UFU – FINANCIAMENTO MEC;

. Membro da Direção Executiva da ADUFU-SS, ocupando o cargo de Presidente – Período: de 29/09/2017 a 09/2019;

. Representante da ADUFU no CONSUN- Conselho Universitário – Período: setembro de 2017 a setembro de 2019;

. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática – GEPEm – Coordenado pelo Prof. Dr. Vinício de Macedo Santos / FEUSP no período de 10/11/2018 a 10/11/2020;

. Portaria PROGEP 285 de 31 de janeiro de 2020 – Licença Capacitação – Período: 02/03/2020 a 30/05/2020, referente ao período aquisitivo de 10/11/2013 a 09/11/2018, para participar do Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática -GEPEm da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP, em São Paulo - SP

## **POSFÁCIO – Contribuições da banca.**

**Contribuições: Profa. Dra. Gercina Santana Novais**

### **AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO E DEFESA PÚBLICA DE MEMORIAL DESCRITIVO DO PROF. DR. BENERVAL PINHEIRO SANTOS. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE DE PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO, NÍVEL 4 PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR, NÍVEL 1**

Data: 01/09/2025.

**Horário: 13h.**

**Local: a defesa realizada de maneira remota por meio** do Serviço de Conferência Web RNP, **através do link:** <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/defesas-de-memorial-faced>

Comissão Especial de Avaliação:

Profa. Dra. Adriana Partorello Buim Arena (UFU)

Profa. Dra. Gercina Santana Novais (UNIUBE)

Profa. Dra. Mônica Maria Borges Mesquita (FCT)

Profa. Dra. Maria Cecília de Castello Branco Fantinato (UFF)

Boa tarde a todos e a todas.

Agradeço ao Professor Benerval e aos membros do Conselho da Faculdade de Educação pela oportunidade de participar deste momento formativo e educativo, atravessado por reflexões envolvendo a tríade avaliação - educação humanizadora - formação com os/as outros/as. Essas reflexões foram provocadas e potencializadas pela apresentação e defesa pública de um texto memorialístico intitulado *Memórias de um menino de engenho e educador matemático popular*. Não podemos esquecer que o referido texto foi elaborado em tempos atravessados por mais de 50 guerras reconhecidas e conflitos armados. Destaco o uso da fome como método de guerra e a adoção de práticas que levem à fome da população. O impacto das guerras afeta todas as dimensões da vida humana. Tempos de eliminação do outro. A produção da miséria continua sendo um projeto dos donos do mundo para os outros. Tempos de Projetos de educação, majoritariamente, vinculados à continuidade do colonialismo, às violências, à redução da densidade democrática e ao crescimento do fascismo no mundo.

Destaco que as ações desses projetos majoritários materializam a política neoliberal de regulação e controle da educação. Fortalecem projetos de nação e de educação, vinculados à submissão e à impossibilidade do “ser mais” (Freire, 1986). Importa registrar que a legitimação das políticas neoliberais se vale da submissão do sujeito ao medo permanente, do excesso de



trabalho sem sentido, da retirada de mecanismos de participação associados ao discurso de que sempre as políticas públicas visam o bem de todos/as.

Nesse cenário, não há a adoção majoritária de uma ética radicalmente centrada no Outro, de Pedagogias que assumem como princípio a alteridade. Nesse contexto, cresce em importância o memorial elaborado pelo educador Benerval. Ao descrever e analisar as experiências de um professor que escolheu ser um educador, ancorado em bases teóricas, epistemológicas e metodológicas vinculadas ao campo da educação popular, como ensina Paulo Freire, denuncia relações opressoras, violências e a não constituição do Estado Democrático de Direito. Mas, não apenas denuncia a desigualdade social tanto no tempo passado e quanto no tempo presente; anuncia o que está em movimento. Demonstra consciência de situação-limite, **consciência crítica e ação transformadora, mostra que na superação dessa situação está a identificação do inédito-viável.**

Além disso, lendo e analisando o Memorial observei movimentos de resistência propositiva popular (Novais; Souza, 2009) e a constituição de um educador pesquisador engajado, comprometido com a educação problematizadora. Pois, como Freire reconhece,

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática de liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando - educador. (Freire, 2005, p. 45)

A análise das experiências narradas, também, mostra a busca pelo aperfeiçoamento profissional e autoconhecimento. Evidencia o compromisso com o direito à educação de qualidade referenciada socialmente, como direito humano. Informo que a leitura e a análise do memorial e dos documentos, anexados como comprovantes do escrito, foram orientadas por chaves de leitura:

1. Desenvolvimento profissional.
2. Experiências narradas e seus vínculos com princípios e objetivos presentes no estatuto e regimento da Universidade Federal de Uberlândia.
3. Ensino, pesquisa e extensão.
4. Experiências narradas, fundamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos e os seus significados para a construção de uma educação pública, laica, gratuita e democrática.

Destaco que, uma parcela das experiências narradas pelo Prof. Benerval, ocorridas em Uberlândia-MG, eu testemunhei. Opto por mencionar algumas dessas experiências. Desde o momento em que conheci o educador Benerval, no último dia de exercício como Diretora de extensão da UFU, o diálogo estabelecido já trouxe indícios sobre a definição e a função social da universidade pública, assumidas pelo referido educador, como um bem do público e vinculada ao ensino, pesquisa, extensão e gestão com adoção de epistemologias e comunicação de conhecimento fundamentais para o rompimento com processos de colonização e colonialidade do pensamento. Esse diálogo continuou no Grupo de Pesquisa em educação e culturas populares; nos projetos de extensão popular com pesquisa, em diferentes contextos educativos, escolares e não escolares; nos encontros nacionais com pesquisadores/as em educação popular; na organização de livro sobre educação, saúde e culturas populares; na Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia- ADUFU; nas manifestações em defesa da universidade pública e da democracia, dentre outros momentos formativos e educativos. O educador Benerval em nenhum momento ficou indiferente às injustiças.

Destaco, ainda, que durante a leitura e análise do Memorial, orientadas pelas chaves de leitura mencionadas, lembrei das obras do Graciliano Ramos, especialmente, *Infância*, publicada em 1945<sup>7</sup>. Observei entrelaçamentos tanto na opção de escrita quanto no conteúdo, especialmente sobre educação, opressão, desigualdade social, articulação entre o pessoal e social, dentre outros conteúdos. A escrita sobre as vivências de um menino também retrata as dores do mundo. Há convergências entre os dois textos, a título de ilustração: **infância marcada por dureza e violências; ambiente rural como espaço de formação** (paisagens áridas, relações familiares rígidas e estrutura social marcada pela desigualdade e **crítica à educação autoritária**). **A escrita é introspectiva e crítica. Linguagem sem desvios. O educador Benerval é um pouco mais expansivo do que Graciliano. Mas, escrevem para compreender o experienciado. Registram experiências ocorridas nas infâncias e o olhar adulto sobre o ocorrido. Mostram os incômodos. Benerval, por exemplo, escreve: ‘cresci com a sensação de ser inadequado, inoportuno, até estranho demais para um mundo tão estreito’** (2025. p.19). Esse sentimento também pode ser observado na obra de Graciliano. Outra convergência é a opção política assumida. É interessante retomar outros fragmentos dos textos “Apanhei muito. Apanhei sem saber por quê. Apanhei por estar com sono, por estar com fome, por estar com medo”. (Graciliano Ramos, 2006, p.10). Benerval: “Aos cinco anos, meu pai tentou me ensinar o alfabeto, com um método bastante peculiar: a cada letra que eu não decorava, uma surra”.

---

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1945.

(2025, p.18). “Os adultos mentiam. Eu percebia isso, mas não sabia como reagir”. (Graciliano, 2006, p.18). Benerval: “Desde cedo, a ideia de justiça e injustiça passaram a me ocupar, juntamente com a incoerência dos adultos. Como pode alguém autorizar uma surra e, logo depois, reconhecer que ela foi injusta?” (2025, p. 19). “Foi ali, nesse lugar cheio de belezas naturais, que aprendi a olhar para o mundo com encanto. Mas, apesar desse cenário quase idílico vivido na minha primeira infância, havia um contraste gritante: a miséria, a pobreza e a violência também faziam parte do cotidiano e caminhavam de mãos dadas com tudo aquilo que havia de bonito” (2025, p.15). Além dessas narrativas, as obras contêm processos que mostram a resistência e busca por transformar a realidade opressora. O educador Benerval reconhece:

Você mais que sobreviveu, você conseguiu atingir bem mais do que os objetivos que se impôs quando criança, em uma idade em que não deveria se preocupar com injustiças, miséria, fome e violência, mas só brincar e ser criança (2025, p.24)

Esse tipo de texto provoca no/a leitor/a vários sentimentos, um deles é a sensação de que gostaria de continuar lendo, após o ponto final colocado pelos autores.

Em relação aos fundamentos do texto escrito por Benerval, como ilustração da base teórica do campo da educação popular, menciono Oscar Jara, Vanilda Paiva e Paulo Freire, pois defendem e praticam a educação como processo dialógico e comprometido com a transformação social, acolhendo e valorizando saberes produzidos em diferentes lugares e processos de transformação do sujeito em um educador.

Nesse contexto, a memória refletida constitui o projeto político educacional, e a ruptura com a educação bancária possibilita a elaboração de outros projetos educacionais e comunicados sobre esses projetos, como Magistério Indígena do Estado de São Paulo (Magind) – Novo Tempo; 2º Congresso Internacional de Etnomatemática na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Ouro Preto (CIEm-2/2002); Projeto Rede de Educação Popular; Grupo de Pesquisa e Estudos Em Educação e Culturas Populares (GPECPOP); Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares (ENPECPOP); Colóquio de Pesquisa em Educação e Cultura Populares (COPECPOP); Trabalhadoras(es) Populares e Matemática: Uma Pesquisa de Cunho Etnomatemático; O Conhecimento Matemático de Algumas Trabalhadoras Populares: Interfaces entre os Saberes Constituídos e os Instituídos; Culturas Populares Migrantes: Os Processos Identitários de Migração e Relações de Comunicação na Constituição de Culturas Populares em Bairros Populares de Uberlândia; “Educação e Culturas Populares em diferentes contextos educativos: pesquisas e intervenções”; Atuação na ADUFU-SS – Associação dos e das Docentes da UFU, Seção sindical, como presidente da referida associação.

Essa trajetória de um educador matemático, que se transformou em um educador matemático popular, teve, também, como companheiro de viagem Ubiratan D'Ambrosio e vários outros/as, e aulas dialogadas nos vários espaços da UFU, nas praças e ruas, em outros contextos escolares e não escolares. E como ficou evidenciado na análise articulada entre o que consta no Estatuto da UFU e o Memorial, é possível afirmar que foram adotados os princípios e alcançou objetivos listados no referido Estatuto e outros marcos legais. A título de ilustração, cito alguns desses princípios e objetivo contidos no Estatuto.

#### CAPÍTULO II DOS PRINCÍPIOS Art. 4º

Na organização e no desenvolvimento de suas atividades a UFU defenderá e respeitará os princípios de:

- I - gratuidade do ensino;
- II - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- III - indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão;
- IV - universalidade do conhecimento e fomento à interdisciplinaridade;
- V - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; [...]
- VII - orientação humanística e a preparação para o exercício pleno da cidadania;
- VIII - democratização da educação no que concerne à gestão e à socialização de seus;
- IX - democracia e desenvolvimento cultural, artístico, científico, tecnológico e sócio econômico do País; [...]
- XII - defesa dos direitos humanos, paz e de preservação do meio ambiente

CAPÍTULO III DOS OBJETIVOS Art. 5º A UFU, atuando conforme os princípios estabelecidos no artigo anterior, tem por objetivos:

- I - produzir, sistematizar e transmitir conhecimentos;
- II - promover a aplicação prática do conhecimento, visando a melhoria da qualidade de vida, em seus múltiplos e diferentes aspectos, na nação e no mundo;
- IV - desenvolver e estimular a reflexão crítica e a criatividade;
- VI - desenvolver o intercâmbio cultural, artístico, científico e tecnológico; VII - buscar e estimular a solidariedade na construção de uma sociedade democrática e justa, no mundo da vida e do trabalho; e VIII - preservar e difundir os valores éticos e de liberdade, igualdade e democracia.

#### **Considerações finais:**

Com base nos resultados da análise do Memorial é possível afirmar que ficou evidenciado o desenvolvimento profissional contínuo, colaborativo, solidário, individual e coletivo, contemplando as diferentes dimensões articuladas desse desenvolvimento: pessoal, profissional, organizacional, social e política e formativa, vinculado ao compromisso com a construção e desenvolvimento de projetos de educação emancipadora e humanizadora e de nação soberana, autônoma e com justiça social. Esses projetos são sustentados pela ética do cuidado-alteridade, constituindo um educador matemático popular, cujas teorias e práticas auxiliam o cumprimento da função social e dos objetivos estabelecidos para a universidade pública, no desenvolvimento das ações articuladas de ensino, pesquisa e extensão popular.

Por fim, reitero agradecimentos por compor esta comissão e a oportunidade de ouvir e aprender com as professoras Adriana Partorello Buim Arena (UFU), Mônica Maria Borges Mesquita (FCT) e Maria Cecília de Castello Branco Fantinato (UFF).

#### Referências

NOVAIS, G. S.; SOUZA, T. Z. Marco de Referência de Educação Popular para as Políticas Públicas Educacionais. Relatório. Uberlândia, 2019, 18p.

**RAMOS, Graciliano.** *Infância*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

**FREIRE, Paulo.** *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

**Contribuições: Profa. Dra. Mônica Mesquita**

01 de setembro de 2025

**ARGUÊNCIA**

**DEFESA DE MEMORIAL - PROFESSOR TITULAR**

**Mônica Mesquita**

[mmbm@fct.unl.pt](mailto:mmbm@fct.unl.pt)

**EXTERNA**

**FCT/NOVA**

**Candidato:** BERNERVAL PINHEIRO SANTOS

Da Saudação

E como dizia o Nego Bispo: “Nós somos o começo, o meio e o começo. ... Nossa trajetória nos move, nossa ancestralidade nos guia.”

(<https://www.facebook.com/watch/?v=684100497788902>)

Minha saudação afetuosa neste momento da Defesa Pública de Memorial para a Promoção à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia do Professor Benerval Pinheiro Santos.

Meu profundo agradecimento às energias que constituíram, e agora acompanham, este momento cheio de significado, sabedoria e amorosidade.

Saudação à Exma. Diretora Professora Doutora Maria Simone Ferraz.

Saudações às colegas Professoras Doutoras Adriana, Gercina e Cecília ... e saudações à Mariana que cuidou tão bem de nós até chegarmos aqui.

Saúdo, também, a terra que estamos! Saúdo o Campos Santa Mônica; o Campus Via Centro, o Campos Gragoatá e o Campus Caparica!

Saúdo o Rio Araguaí, o Rio Uberaba, a Baía da Guanabara e o Rio Tejo! Saúdo as matas que nos circundam! Saúdo todo o povo de Udia!

Saúdo os Mestres de Saberes, Fazeres e Afetos Professora Doutora Maria do Carmo Domite e Professor Doutor Ubiratan D'Ambrosio!

Saúdo o Educador Benerval!

Peço licença a toda espiritualidade que aqui se encontra... que nos ilumine em um caminho de confluência em amor, nos fortifique em nossa união e alimente o sol que está na garganta de cada um de nós.

Saudações....

Ao público, um bem-haja.... por colorirem este evento com a vossa presença!

“Entrego-me, confio-vos, aceito e agradeço.... A minha mão vos ofereço.” (Isadora Canto – Curandeiras).

#### Da sua Reflexão

Benerval, sobre concepções, formatos, representações e práticas socioculturais/educacionais, destacando temáticas relacionadas ao tempo da infância, as dimensões apolíticas de territórios

e dimensões políticas dos processos organizativos promovidos pelos segmentos juvenis, a dimensão humana nas relações socioculturais educacionais, bem como os movimentos sociais de base, abarca o tema a partir de uma perspectiva crítica e consolidada em tempos em que a resistência e a alteridade se fizeram, e fazem, necessárias frente aos processos de barbárie e a-sujeitamento ao qual o *humano* tem sido submetido.

Em, *Para uma nova teoria do sujeito*, o matemático Alain Badiou (2002) destaca o lugar de ser e estar de UM IMORTAL: eis o que o Homem é verdadeiramente nas piores situações. Se há direitos do homem, não são seguramente direitos da vida contra a morte. Não são direitos da sobrevivência contra a miséria. São direitos do imortal que se afirmam diante da contingência do sofrimento e da morte. O direito do Homem é primeiramente o direito da resistência humana (p.108).

No sentido de discutir a relação da educação com a cultura, a política e o poder, nesse momento em que o homem persevera e resiste de modos os mais diversos a esse tempo produtor de (des)humanização, produzindo novas maneiras de ser e de agir, assumo, ainda bebendo de Badiou, que no seu lugar de fala, Benerval – aquele lugar do sentir, o ser humano só tem um imperativo: continuar. ... continuar a ser esse sujeito que ele se tornou. Ser o Início, o meio e o Início.

E, através disso mesmo, continuar a advir uma verdade ... a mesma verdade que o fez advir e resistir como “sujeito imortal” - a relação entre educação e política.

O seu caminho, Benerval, o fez caminhando e nele destaca, com muita pertença, o papel político da educação, e fortifica este papel na educação matemática, considerando sua inscrição no âmbito sociocultural, ecológico e no espaço público-político.

Levou-me a refletir sobre o princípio do *amor mundi*, que no pensamento Hanna Arendt articula responsabilidade e ação por parte daqueles que elegeram a docência como forma de inserção e atividade no mundo, isto é, como o princípio de ação que pode inspirar uma nova prática ético-política na educação e na educação matemática.



Li-o movendo-se para uma cosmovisão plural das relações humanas, *sea-ing*, como clama Tim Ingold (2011) devido às necessidades de discutir a ontologia topológica humana constitutiva das relações entre paisagens humanas e liberdade equitativa – como tão bem Balibar (1997/2011) nos apresenta. Sinto que o seu movimento emergente para um decrescimento se expande com base no conhecimento dos saberes populares em geral, com os olhos grudados nos saberes, fazeres e sentires matemáticos tradicionais e locais - especialmente de povos originários que têm sido guardiões da Ancestralidade e dos ecossistemas e detém práxis mantenedoras (Freire, 1970) de contracolonização (Santos, 2015) das relações matemáticas humanas.

#### Do meu Desabafo

Tão perto e tão longe! Há quanto tempo nos conhecemos, mas, de facto, não lhe conhecia, não nos conhecia, não me conhecia em relação a si. Gratidão!

Hoje é dia 1 e a soma dos algarismos da data de hoje (01+09+2025) também é 1.

Na numerologia, o número 1 representa início, liderança, originalidade, independência, união, ação em movimento, coragem de tomar iniciativa.... Assim, só poderia discutir e lançar ao mundo este memorial hoje – um dia 1, um dia Misi para os Xavantes.

Veja bem como comunga com o conteúdo do seu memorial os signos do número: No Japão o 1 – *Ichî*, é exemplificado no ritual do “*Isso Mochi*” – ato que carrega o desejo da “vida inteira” longa e saudável, prosperidade e saúde. Para os Celtas o 1 – *Aon*, é o símbolo do Ser. Na China o 1 está associado ao Yang – força ativa e luz. Na língua Híndi o 1 – *Ek*, evidencia a realidade suprema – o Atman (o Eu cósmico) e o Brahman (a realidade universal, manifesta em todas as coisas – o princípio uno, e representa a superação da dualidade. Em todos os cantos percebo-te representado por meio do 1! Consolidou, Educador Benerval, de forma brilhante, a sua jornada!

#### Do nosso Diálogo

Neste sentido, convido-o a conversarmos sobre dois pontos: um diálogo com o menino do Engenho e, depois, com o Educador.

### 1. Menino do Engenho:

Remetendo-me a todo o seu texto, mas especialmente à página 117 – quando afirma:

“Não posso, contudo, ao olhar para trás afirmar que o mesmo trajeto seria possível a todos os meninos e meninas de engenho com histórias semelhantes à minha.”

E consciente do seu olhar Fractal da construção dos seus processos até aqui, pergunto:

O que fez a diferença?

Gostaria de escutá-lo, em uma narrativa espontânea – na sua oralidade, a falar sobre o que respondeu ao longo com o seu Memorial de forma fragmentada integrativa...

### 2. Educador

És um académico ativista, como clamava o Freire. Ocupas um lugar ativista na academia e na vida (não faz nenhum sentido, aqui, separá-las). Utiliza a academia para produzir ativismo e transformação social aplicando o seu conhecimento pedagógico e teórico em prol de uma sociedade mais justa. Recusa-se a alimentar o atual caminho da ciência – a fabricação de artigos ou a academia enquanto empresa.

Assim, como vem trabalhando na UFU a relação educação-pobreza-território?

Sai do Piauí. Onde está o Piauí, e tudo que ele representa, neste futuro Professor Titular?

**Existir-se é fundamentalmente amar. (Agostinho da Silva)**